



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM MEIO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO RURAL - PPGMADER

AMANDA OLIVEIRA SANFILIPPO

“ÊSSES GERAIS SÃO SEM TAMANHO”: PRÁTICAS E SABERES
AGRÍCOLAS DAS MULHERES DA COMUNIDADE GERAIZEIRA DO PAU
D’ARCO, MONTEZUMA E SANTO ANTÔNIO DO RETIRO, MG

Planaltina, DF

2020

AMANDA OLIVEIRA SANFILIPPO

“Êsses Gerais são sem tamanho”: práticas e saberes agrícolas das mulheres da comunidade geraizeira do Pau D’arco, Montezuma e Santo Antônio do Retiro, MG.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, da Faculdade UnB de Planaltina, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Mônica Celeida Rabelo Nogueira

Coorientadora: Andréa Leme da Silva

Planaltina, DF

2020

**Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

O? Oliveira Sanfilippo, Amanda
"ÊSSES GERAIS SÃO SEM TAMANHO": PRÁTICAS E SABERES
AGRÍCOLAS DAS MULHERES DA COMUNIDADE GERAIZEIRA DO PAU
D'ARCO, MONTEZUMA E SANTO ANTÔNIO DO RETIRO, MG / Amanda
Oliveira Sanfilippo; orientador Mônica Celeida Rabelo
Nogueira; co-orientador Andréa Leme da Silva. -- Brasília,
2020.
142 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Meio Ambiente e
Desenvolvimento Rural) -- Universidade de Brasília, 2020.

1. Sistema Agrícola Tradicional. 2. Povos e comunidade
tradicionais. 3. Geraizeiras. 4. Cerrado. 5.
Agrobiodiversidade.. I. Celeida Rabelo Nogueira, Mônica ,
orient. II. Leme da Silva, Andréa , co-orient. III. Título

“Êsses Gerais são sem tamanho”: práticas e saberes agrícolas das mulheres da comunidade geraizeira do Pau D’arco, Montezuma e Santo Antônio do Retiro, MG.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mônica Celeida Rabelo Nogueira (FUP, UnB)
(Orientadora)

Profa. Dra. Andréa Leme da Silva (FUP, UnB)
(Coorientadora)

Profa. Dra. Ludivine Eloy Costa Pereira (CDS, UnB)
(Examinadora titular)

Profa. Dra. Sílvia Maria Ferreira Guimarães (DAN, UnB)
(Examinadora titular)

Profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva (FUP, UnB)
(Examinadora suplente)

Àquelas que não conhecem outra forma
de existir no mundo, senão: resistir.

*Onde imaginaram que tudo era um deserto
o território de meio ano sem chuvas e sob um
sol de brasas,
ali, onde árvores poucas, baixas, retorcidas
e de grossas cascas à espera dos fogos de
agosto,
ali, onde uma terra sedenta depressa absorve
e esconde as águas de janeiro,
ali, onde tudo parece hostil à vida, um quase
árido deserto
eis que uma vida plural e multiforme povoa as
águas, os ares e a terra.
...
eis um sertão de cerrados e gerais povoado de
sementes, plantas e frutos*

[Carlos Rodrigues Brandão]

*nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o
ouvido no chão, se escuta barulho de fortes
águas, que vão rolando debaixo da terra. O
senhor dorme em sobre um rio?*

[João Guimarães Rosa]

Agradecimentos

É pela possibilidade de partilhar a existência que agradeço.

Às minhas companheiras e companheiros de vida, que iluminam meu caminho e me permitem conhecer a felicidade e o amor em suas mais diversas formas.

Às colaboradoras e colaboradores desta pesquisa, moradoras/es da comunidade geraizeira do Pau D'arco, que me receberam de braços e coração abertos em suas casas e em suas vidas e me proporcionaram incontáveis aprendizados. Obrigada João, Vina, Roque e Vinícius; Aurizete, Genilson, Emily e Dan; Genilda, Ivonilde e Clemente; Maria e Du; Maria Senhora e Isaura; Adriana, Bigode, Raíssa, Raí e Eliene; Maria Aparecida, Dito e Amanda; Santana, Josina, Maria da Conceição e Seu Zé; Diolina, Vando e Rayane; Gissiene, Diu e Gleydson; Nice e Paulo; Ivone, Duda e Roberto; Lúcia, Valdemar, Valair, Valaércio e Valéria; Maria, Luiz, Luizanete, Natália, Luiza, Naiara e Araci; Ana Selma, Ivan, Itallo e Ivyanne; Santana e Francisco.

Às professoras Mônica Nogueira e Andréa Leme, que optaram por caminhar ao meu lado ao longo da jornada do mestrado. Grata sou por todo cuidado, carinho, sensibilidade, confiança e dedicação.

Ao Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural e à Faculdade UnB Planaltina, que fortaleceram em mim a fé em uma educação mais justa e plural.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que viabilizou este trabalho por meio da concessão de bolsa de pesquisa.

Resumo

Os saberes e práticas dos povos e comunidades tradicionais são relevantes para a conservação da agrobiodiversidade. Entretanto, o papel das mulheres nestas sociedades tem sido pouco investigado pela literatura. O presente estudo tem por objetivo investigar as práticas e os saberes agrícolas operados pelas mulheres e relacioná-los à conservação da agrobiodiversidade. Os estudos de campo foram conduzidos entre 2018 e 2019 na comunidade geraizeira do Pau D'arco, localizada nos municípios de Montezuma e Santo Antônio do Retiro, no extremo Norte de Minas Gerais. Os dados de campo foram obtidos a partir de entrevistas informais, caminhadas transversais, diário de campo e croquis das propriedades. Ao todo foram entrevistadas 19 mulheres distribuídas em 15 casas. As hortas e os quintais são de responsabilidade predominantemente feminina, os quais são essenciais para a criação e/ou manutenção da agrobiodiversidade. Tais espaços são berço da maioria das espécies vegetais presentes na comunidade, os quais são também centros de experimentação e de inventividade constante. Das 73 espécies encontradas, 54 (74%) estão nos quintais. Como exemplo, as plantas frutíferas, ornamentais e medicinais estão, quase que totalmente, localizadas neste espaço. A investigação permitiu compreender o papel central das mulheres na manutenção dos espaços doméstico e de cultivo (ex. alimentar, medicinal), o que contribui para o bem estar físico e emocional da comunidade. Além disso, as desigualdades e injustiças da divisão sexual do trabalho invisibilizam as múltiplas tarefas, compreendidas como femininas, que sobrecarregam as mulheres. Finalmente, as mulheres estabelecem entre si teias de reciprocidade para aliviar a sobrecarga de trabalho. Nessas teias circulam bens materiais (plantas, animais, alimentos etc) e imateriais (conhecimentos, afeto, favores etc), que ajudam a disseminar as práticas e saberes locais.

Palavras-chave: Sistema Agrícola Tradicional, Povos e comunidade tradicionais, Geraizeiras, Mulheres rurais, Cerrado, Agrobiodiversidade.

Abstract

The traditional peoples and communities knowledge and practices are relevant to agrobiodiversity conservation. However, the women's role in these societies has been little investigated by the literature. The present study aims to investigate the agricultural practices and knowledge performed by women and relate them to agrobiodiversity conservation. Fieldwork was carried out between 2018 and 2019 in the Pau D'arco community, located in the municipalities of Montezuma and Santo Antônio do Retiro, far east north Minas Gerais State. Field data were collected from informal interviews, cross-walks, field diary and properties area sketches. In total, one interviewed 19 women distributed in 15 households. Homegardens and backyards are predominantly cared for by women, which are essential in the agrobiodiversity creation and/or maintenance. Such spaces are the nestle of the majority of plant species present in the community, which are also experimentation centers for ongoing inventiveness. From 73 species found in the study field, 54 (74%) were in the backyards. As an example, fructiferous, ornamental and medicinal plants are almost entirely located in this space. One of the main results is women's central role in keeping domestic and cultivation areas (e.g., food, medicinal)), which contributes to the community's physical and emotional well-being. Moreover, the sexual labor division inequalities and injustices turn invisible the multiple tasks understood as feminine that overburden women. Finally, women establish reciprocity meshworks to alleviate work overload. In these meshworks circulate material (e.g., plants, animals, food) and immaterial goods (e.g. affection, favors) that helps to disseminate practices and local knowledge.

Key-words: Traditional agricultural system, Traditional people and communities, *Geraizeiras*, Rural women, *Cerrado*, Agrobiodiversity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A pesquisa	10
2. O campo: descrição da área de estudo	12
3.Os caminhos	19
3.1 Notas metodológicas	19
3.2 Notas teóricas	22
CAPÍTULO 1	26
Mulheres geraizeiras: paisagens e labor diário	26
1.1 As paisagens	26
1.2 Pau D’arco	29
1.2.1 As roças	29
1.2.2 O quintal	40
1.2.3 A horta	55
1.2. 4 A casa	61
1.2.5 O gado	67
1.3 As geraizeiras	70
1.3.1 A terra e o trabalho	70
1.3.2 As plantas e os animais	78
1.3.3 O dia a dia	86
1.4 A divisão das tarefas	90
CAPÍTULO 2	93
Apoio mútuo e conservação da agrobiodiversidade	93
2.1 Gênero e trabalho	93
2.1.1 Divisão: o leve e o pesado	93
2.1.2 Teias de cuidado: mulheres e reciprocidade	99
2.2 Cuidar, cultivar e habitar	110

2.2.1 Agrobiodiversidade: responsabilidade e zelo	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
APÊNDICE 1 – Roteiro de entrevista	134
APÊNDICE 2 – Lista de espécies	137
APÊNDICE 3 - Quadro de divisão de tarefas	142

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da Comunidade do Pau D’arco	14
Figura 2 – Bacia hidrográfica da comunidade com os principais rios.	15
Figura 3 – Divisões internas da Comunidade do Pau D’arco.	16
Fotografia 1: Variedades de feijão encontradas na comunidade do Pau D’arco.	30
Fotografia 2: Variedades de feijão encontradas na comunidade do Pau D’arco.	30
Fotografia 3: Arroz vermelho com casca e descascado.	30
Fotografia 4: Espigas de milho “doce” (convencional) secando ao sol.	30
Fotografia 5: Mulher limpando roça de cana-de-açúcar.	31
Fotografia 6: Mulher limpando roça de mandioca.	31
Fotografia 7: Mãe e filha em terreno de brejo recém <i>vassourado</i> .	31
Fotografia 8: Família <i>vassourando</i> terreno no brejo no qual será feito seu plantio da safra de Santana.	31
Fotografia 9: Irmãs dividindo a marmitta em horário de almoço e de descanso durante trabalho em roça no brejo.	32
Fotografia 10: Máquina de plantio (<i>plantadeira</i>).	37
Fotografia 11: Motocultivador (<i>tratorito</i>).	37
Fotografia 12: Mulheres levando marmitta para os/as trabalhadores/as na roça.	39
Fotografia 13: Mulheres levando marmitta para os/as trabalhadores/as na roça.	39
Fotografia 14: Mulher segurando abacaxis que colheu em seu quintal.	40
Fotografia 15: Galinha com pintinhos se alimentando no quintal.	40
Fotografia 16: Vista do quintal de casas da comunidade repletas de plantas ornamentais e medicinais.	41
Fotografia 17: Vista do quintal de casas da comunidade repletas de plantas ornamentais e medicinais.	41
Fotografia 18: Plantas ornamentais enfeitando a frente de uma das casas da comunidade.	42
Fotografia 19: Mulher <i>pisando</i> o arroz com casca no pilão.	43
Fotografia 20: Mulher <i>soprando</i> os grãos de arroz.	43
Fotografia 21: Mulher <i>soprando</i> os grãos de café.	43
Fotografia 22: Grãos de café com e sem casca.	43
Fotografia 23: Irmãs <i>pisando</i> os grãos de arroz no pilão para descascá-los.	44
Fotografia 24: Mulher pegando milho seco em seu depósito.	44
Fotografia 25: Mulher fazendo sabão em seu depósito.	44

Fotografia 26: Mulher fazendo sabão em seu depósito.	44
Fotografia 27: Mãe e filha lavando o chiqueiro.	45
Fotografia 28: Mulher quebrando grãos milho para dar aos pintinhos.	45
Fotografia 29: Mulher mostrando as plantas de seu quintal. A esquerda “pezinho de flor” (ornamental) e a direita “barço” (medicinal).	50
Fotografia 30: Mulher cercando pé de laranja com bagaço de cana-de-açúcar seco em seu quintal.	50
Fotografia 31: Mulher mexendo a mandioca ralada em bacia com água.	52
Fotografia 32: Mulheres tirando a goma da massa da mandioca.	52
Fotografia 33: Vizinhos torrando a massa da mandioca no forno de pedra para fazer farinha.	53
Fotografia 34: Mulher fazendo beiju com a massa da mandioca.	53
Fotografia 35: Vizinhos ralando mandioca juntos.	53
Fotografia 36: Máquina de moer cana.	54
Fotografia 37: Mulher mostrando o molde utilizado na modelagem da rapadura.	54
Fotografia 38: Fornos utilizados para ferver a garapa.	54
Fotografia 39: Mulher mostrando o alambique.	54
Fotografia 40: Mulher levando para casa os insumos colhidos em sua horta.	55
Fotografia 41: Mulher colhendo couve em sua horta.	55
Fotografia 42: Mãe e filha regando a horta com a água do rio.	56
Fotografia 43: Mulher colhendo cebola e coentro em sua horta.	56
Fotografia 44: Mulher colhendo alface em sua horta.	56
Fotografia 45: Mulher procurando batatas no solo de sua horta.	56
Fotografia 46: Mulher adubando sua horta.	57
Fotografia 47: Mulher semeando sementes em sua horta.	57
Fotografia 48: Embalagens com sementes convencionais de pepino, coentro e alface.	60
Fotografia 49: Embalagens com sementes convencionais de repolho, couve e tomate. Na garrafa sementes locais de alface armazenadas de um ano para o outro.	60
Fotografia 50: Casal limpando o canteiro onde foi plantado cebolinha.	61
Fotografia 51: Casal em meio ao seu plantio de coentro.	61
Fotografia 52: Mãe amassando biscoitos enquanto cuida dos filhos.	64
Fotografia 53: Mulher indo trabalhar na roça do brejo e levando consigo os sobrinhos.	64
Fotografia 54: Mulher alimentando os porcos junto aos sobrinhos.	64
Fotografia 55: Filhas com o pai idoso e doente limpando roça de feijão no brejo.	65

Fotografia 56: Mulher tocando o gado para dentro do curral.	68
Fotografia 57: Mulher descarregando pedras do carro de boi.	69
Fotografia 58: Tanque de armazenamento de água.	72
Fotografia 59: Tanque de armazenamento de água.	72
Fotografia 60: Mulher alimentando peixes.	72
Fotografia 61: Mulher coletando candombá (<i>Vellozia sincorana</i> L.B.Sm. & Ayensu).	73
Fotografia 62: Coquinho azedo (<i>Butia capitata</i>).	73
Fotografia 63: Mulher colhendo milho na roça feita em seu quintal.	74
Fotografia 64: Colheita de feijão cultivado na horta.	74
Fotografia 65: Trabalhadores(as) limpando o plantio de feijão.	74
Fotografia 66: Sementes de coentro verdes.	80
Fotografia 67: Sementes de coentro secas.	80
Fotografia 68: Tempero de semente de coentro verde, alho e sal no pilão.	81
Fotografia 69: Patos, gansos e galinhas (caipira e d'angola) convivendo no quintal.	83
Fotografia 70: Bacia com biscoitos tipo <i>peta</i> (os mais comuns na comunidade do Pau D'arco), em primeiro plano, e forno a lenha, ao fundo.	87
Fotografia 71: Biscoito tipo <i>peta</i> no formato da letra "A".	87
Fotografia 72: Mulher lavando louça no quintal.	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Perdas de espécies (N = 9 citações).	48
Gráfico 2: Ganho de espécies (N = 38 citações).	48
Gráfico 3: Estratégias econômicas familiares da comunidade Pau D'Arco (N=19 entrevistas).	71
Gráfico 4: Categorias de terras sob posse das famílias (N = 19 entrevistas).	75
Gráfico 5: Porcentagem de espécies de plantas citadas de acordo com a finalidade de uso (N= 19 entrevistas, 73 citações).	79
Gráfico 6: Criação de animais domésticos na comunidade Pau D'Arco (N =19 entrevistas).	84
Gráfico 7: Fontes de renda familiar complementares das famílias estudadas (N= 19 entrevistas).	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Adaptações de rotina e “dia santo”.	32
Quadro 2 – Quintal como espaço de experimentação.	49
Quadro 3 – São elas quem cuidam.	62
Quadro 4 – Exceções à regra do cuidado.	62
Quadro 5 – Ameaças às terras da Serra.	79
Quadro 6 - Quando homens fazem “trabalho de mulher”.	95
Quadro 7 - Na roça, a palavra final é do homem.	96
Quadro 8 - Quando a alimentação não promove saúde.	97
Quadro 9 - Compartilhamento e doação de água como marcador de hospitalidade.	100
Quadro 10 - A reciprocidade em torno do frango caipira.	107
Quadro 11 - <i>Mão boa</i> para flores.	109
Quadro 12 - Horta como espaço de experimentação.	112
Quadro 13 - Quintal como espaço de variedade.	113
Quadro 14 - Os remédios do Cerrado.	116
Quadro 15 - Mudam-se os gostos, mudam-se os cultivos.	117
Quadro 16 - O conhecimento técnico e o conhecimento tradicional.	121

INTRODUÇÃO

1. A pesquisa

“Êsses gerais são sem tamanho”. Guimarães Rosa (1970), logo na primeira página de *Grande Sertão: Veredas* descreve como *infinitas* as terras de Cerrado localizadas entre o norte e noroeste de Minas Gerais. Guimarães Rosa referia-se sobretudo às chapadas, áreas planas e altas, onde encontram-se nascentes, mas não rios, utilizadas de modo comunal para criação de gado solto, cultivo¹ de mandioca e feijão e para a coleta de árvores frutíferas nativas do Cerrado (NOGUEIRA, 2017).

Tal infinitude, contudo, estende-se para além das chapadas e inunda os vales e brejos, transpassa os diferentes percursos enfrentados pelo ambiente e pelo povo que ali vive. Está na água que insiste em percorrer os subsolos mesmo com as frequentes e intensas investidas do agronegócio; nas práticas de manejo da biodiversidade passadas tradicionalmente entre gerações; na terra que para muitos é sinônimo de vida; nas variações de solo e de paisagem e nos diferentes usos de cada espaço.

A resiliência é parte da história do Cerrado e de suas populações. A capacidade de criar, inventar e imaginar parece brotar dos solos ácidos. Todavia, ao contrário do que se possa imaginar, reconhecer a fertilidade para as mudanças não significa minimizar o poder destrutivo – e a efetiva destruição – da natureza e dos/as que com ela vivem, por parte das políticas liberais de desmatamento e desmantelamento dos saberes e práticas tradicionais (que ganharam força com a implementação e o avanço da Revolução Verde no Brasil).

É nesse espaço e junto ao povo que ali vive que a presente pesquisa se insere. Aqui, o enfoque dado ao se pensar os *Gerais* e os *Geraizeiros*² é o da experimentação e da inventividade, compreendidos como “sem tamanho”. Para isso buscou-se investigar os processos locais de conservação da agrobiodiversidade³ visando entender especificamente a atuação das mulheres geraizeiras.

¹ Por cultivo entende-se a forma intencional de plantio em espaços transformados (roças, quintais, hortas etc.). As plantas cultivadas podem ser semeadas, transplantadas, nascerem no local e serem intencionalmente mantidas ou resultarem de alguma ocupação anterior (EMPERAIRE, ELOY e SEIXAS, 2016).

² Grupo social com formas cultural e historicamente específicas de apossamento da terra e de apropriação dos recursos naturais (BARRETO-FILHO, 2016), hoje reconhecido enquanto população tradicional. Camponeses da porção de Cerrado conhecida como *Gerais* (NOGUEIRA, 2009; 2017).

³ Compreende-se, aqui, a agrobiodiversidade como conjunto de espécies ou variedades cultivadas em um lugar e associa-se o cultivo à intencionalidade da presença (Empereire et al, 2012).

O campo de estudos geraizeiros vem se conformando desde o fim do século XX. O trabalho pioneiro de Dayrell (1998) garantiu espaço e um olhar mais atento da academia às populações geraizeiras e à região Norte de Minas Gerais e atuou como base e incentivo para diversos trabalhos desenvolvidos ao longo do século XXI. Seguindo esse caminho Chaves (2004), Nogueira (2009, 2017), Mazzeto-Silva (2009), Brito (2012, 2013) e Carvalho (2013) foram alguns dos/as colaboradores/as do que podemos chamar de uma primeira geração de estudos geraizeiros. Esses trabalhos priorizaram contar a história desse povo, descrever os ambientes em que vivem e seus sistemas de manejo. As áreas em disputa, cuja vivência geraizeira é profundamente marcada pelas dinâmicas de expropriação, luta e retomada do território foram centrais. O avanço da monocultura na região, especialmente do plantio de eucalipto a partir da década de 1970, e os conflitos decorrentes desse processo foram amplamente estudados. E os temas relacionados à territorialidade e à identidade estiveram fortemente conectados a esses conflitos.

Em um primeiro momento de expansão do debate acerca da situação geraizeira, fortemente marcada pela perda de território – encurralamento⁴ – e consequente alteração das práticas tradicionais, foi coerente e necessário o viés dado ao debate. Uma vez aprofundadas e difundidas as questões de territorialidade e identidade conectadas aos conflitos, as pesquisas começaram a explorar outros caminhos. Mais recentemente, uma nova geração de estudos, formada por geraizeiros/as e outros/as jovens pesquisadores/as, passou ampliar as temáticas debatidas e os espaços geográficos trabalhados. Questões relacionadas ao gado, à água e à agricultura, por exemplo, ganharam espaço e a discussão acerca da identidade e da territorialidade extrapolou o conflito com o eucalipto.

Autores como Oliveira (2017), Souza (2017), Chiles (2018a)⁵ e Almeida (2019)⁶ são representantes dessa nova geração. Seus trabalhos ampliam o leque de possibilidades de estudo e abrem espaço para novas perguntas (e novas respostas). Face a esse cenário, esta dissertação visa contribuir com o novo campo ao abordar

⁴ Essa categoria é própria dos/as geraizeiros/as como nos mostra Nogueira (2009, 2017).

⁵ João Chiles é pesquisador geraizeiro, egresso do Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT), da Universidade de Brasília, morador da comunidade geraizeira do Pau D'Arco e referência importante e especial para este trabalho. Sua dissertação de mestrado foi peça central para o desenvolvimento desta pesquisa e seu apoio enquanto pesquisador e amigo foi fundamental para sua conclusão.

⁶ As produções de Oliveira (2017), Souza (2017), Chiles (2018a) e Almeida (2019) foram realizadas no âmbito do Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT), da Universidade de Brasília.

uma região não afetada diretamente pelo avanço da monocultura e ao buscar superar a compreensão monolítica do/a geraizeiro/a enquanto ser genérico.

As principais interlocutoras desta pesquisa são as mulheres geraizeiras, sujeitos ainda não abordados pela literatura em suas especificidades. Tendo em vista esta lacuna, procurei compreender a organização das mulheres geraizeiras no que diz respeito às práticas agrícolas; as características comuns entre mulheres de diferentes famílias; a perpetuação de práticas e saberes específicos das mulheres; e a divisão sexual do trabalho agrícola e doméstico no contexto de uma comunidade geraizeira.

Como orientação para essa investigação busquei responder ao longo da dissertação as seguintes perguntas norteadoras: como se dá a organização das mulheres no que diz respeito às práticas agrícolas? Há características comuns entre mulheres de diferentes famílias? Quais? As mulheres da comunidade perpetuam, em suas práticas, saberes específicos de seu grupo? Quais? Existem práticas agrícolas exclusiva de mulheres? Se sim, quais? Se não, com quem essas são divididas? Quais processos realizados localmente têm como consequência, direta ou indireta, a conservação da agrobiodiversidade? Como esses se dão?

2. O campo: descrição da área de estudo

O local da pesquisa é a comunidade geraizeira do Pau D'Arco⁷, localizada na zona rural dos municípios de Montezuma e Santo Antônio do Retiro, situados no Território da Cidadania Alto Rio Pardo⁸, no extremo norte de Minas Gerais. A ocupação desse território se deu de forma lenta e desordenada. A partir do século XVI a região começou a ser colonizada através da chegada das primeiras expedições portuguesas e seu encontro com os povos indígenas que ali habitavam. Ao longo dos séculos seguintes, paulistas chegaram atrás de ouro e captura de indígenas, e nordestinos (majoritariamente baianos e pernambucanos), atrás de terras para a criação de gado. Essas ocupações levaram ao surgimento de populações pobres, dependentes das grandes fazendas locais que agruparam-se comunitariamente e forjaram, ao longo dos anos, seu próprio modo de vida, conectados, intrinsecamente

⁷ O presente estudo foi realizado na mesma região de pesquisa de Chiles (2018a).

⁸ Quinze municípios compõem esse território: Vargem Grande do Rio Pardo, Curral de Dentro, Fruta de Leite, Idaiabira, Rio Pardo de Minas, Santa Cruz de Salinas, Santo Antônio do Retiro, Berizal, Montezuma, Ninheira, Novorizonte, Rubelita, Salinas, São João do Paraíso e Taiobeiras. (<http://bemdiverso.org.br/territ%C3%B3rios/tc-alto-rio-pardo-mg>).

ao bioma Cerrado (NOGUEIRA, 2009 ; CORREIA, 2017).

A área de estudo é cortada pela Serra do Espinhaço, cadeia montanhosa que se estende pelos estados da Bahia e Minas Gerais, e é localmente conhecida como Serra do Pau D'Arco, rica em água e em minérios.

No que diz respeito aos aspectos vegetacionais, geológicos e geomorfológicos locais é possível caracterizar a região como de transição entre os biomas Cerrado e Caatinga. Uma faixa de tensão ecológica recorta a área, o que faz do espaço um mosaico de solos e plantas. Há, ali, uma combinação particular de fatos fisiográficos - quase que exclusiva - onde ocorrem endemismos e misturas de espécies de flora. Esta zona de transição se desenvolveu em condições ecológicas distintas e possui um ecossistema com pequeno limite de tolerância. Sob uma perspectiva mais ampla, a comunidade está inserida em uma área de chapadões recobertos por Cerrado penetrado por florestas de galerias (BETHONICO, 2005).

As peculiaridades da região são amplamente conhecidas pelos/as seus/suas moradores/as. As crises hídricas são cada vez mais constantes, realidade de todo o norte de Minas Gerais devido às mudanças ambientais. A diminuição na média anual de chuvas nos últimos anos, somada ao desmatamento das áreas de chapada (em consequência do avanço da monocultura), tem alterado a disponibilidade hídrica na região (CORREIA, 2017). Além disso, o clima semiárido, quente e com poucas chuvas (pluviosidade média de 800 mm e concentração de chuvas entre dezembro e março) compromete a agropecuária (CHILES, 2018a).

Situada na cabeceira da bacia do Rio Pardo, a comunidade está, em média, a 950 metros de altitude, e conta com aproximadamente 428 habitantes distribuídos em cento e vinte domicílios (CHILES, 2018a).

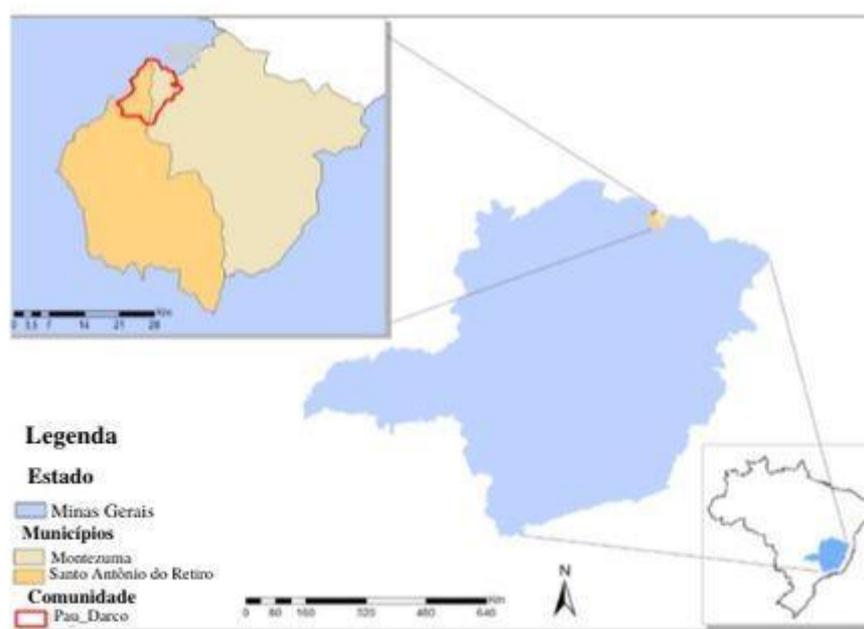
Internamente à comunidade do Pau D'arco, há uma divisão invisível, estabelecida pela Igreja Católica⁹, que separa a comunidade entre Pau D'arco I, II e III.

⁹ A origem dessa divisão foi a organização das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que, como apresentado por Nogueira (2009; 2017), foram responsáveis pela modificação da organização da Igreja nas comunidades geraizeiras. Anteriormente às CEBs, os grupos estruturavam-se religiosamente de forma autônoma, sem contar com a mediação da Igreja para a organização de cultos e eventos paroquiais, por exemplo. As CEBs modificaram, aos poucos, a organização religiosa das comunidades. O catolicismo popular dominado pelas rezas e cânticos foi sendo substituído por práticas de reflexão críticas e sistemáticas acerca das realidades locais (ou, por vezes, mesclados a essas práticas). As CEBs, sob orientação da Teologia da Libertação, se constituíram como células religiosas e de formação do

Cada uma das três partes possui sua própria igreja, seu próprio santo padroeiro e suas próprias práticas e celebrações de adoração. A divisão ocorreu com objetivo exclusivo de organização eclesial e, como a comunidade é majoritariamente católica, absorveu a divisão.

No que diz respeito à divisão geográfica, o Rio Pardo divide a comunidade entre os municípios de Montezuma e Santo Antônio do Retiro¹⁰ (Figura 2), Pau D'arco II e parte do Pau D'arco I pertencem à Montezuma, enquanto a outra parte do Pau D'arco I e o Pau D'arco III ao Retiro (Figura 1).

Figura 1 – Localização da Comunidade do Pau D'arco

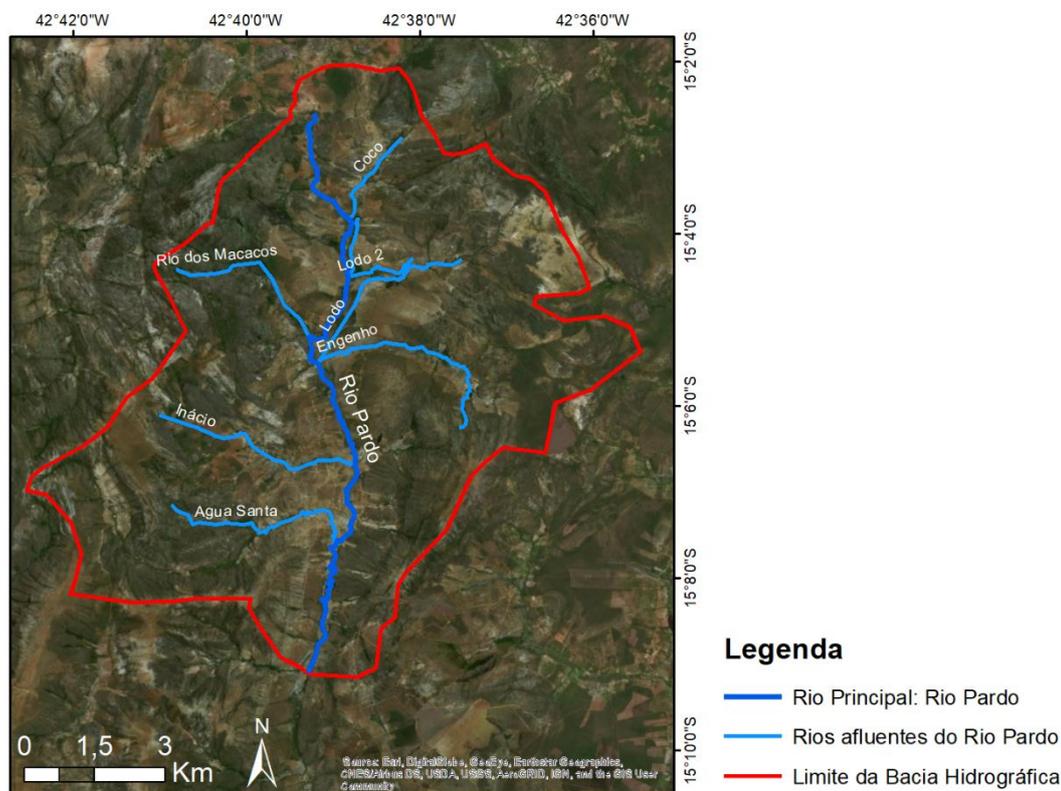


Fonte: CHILES (2018a)

pensamento crítico, tendo contribuído para a organização política geraizeira, como demonstra Nogueira (2009; 2017).

¹⁰ Localmente, nomeia-se o município de Santo Antônio do Retiro apenas como Retiro. A partir daqui, usarei a mesma nomenclatura por considerar que essa traz mais fluidez ao texto.

Figura 2 – Bacia hidrográfica da comunidade, com os principais rios.

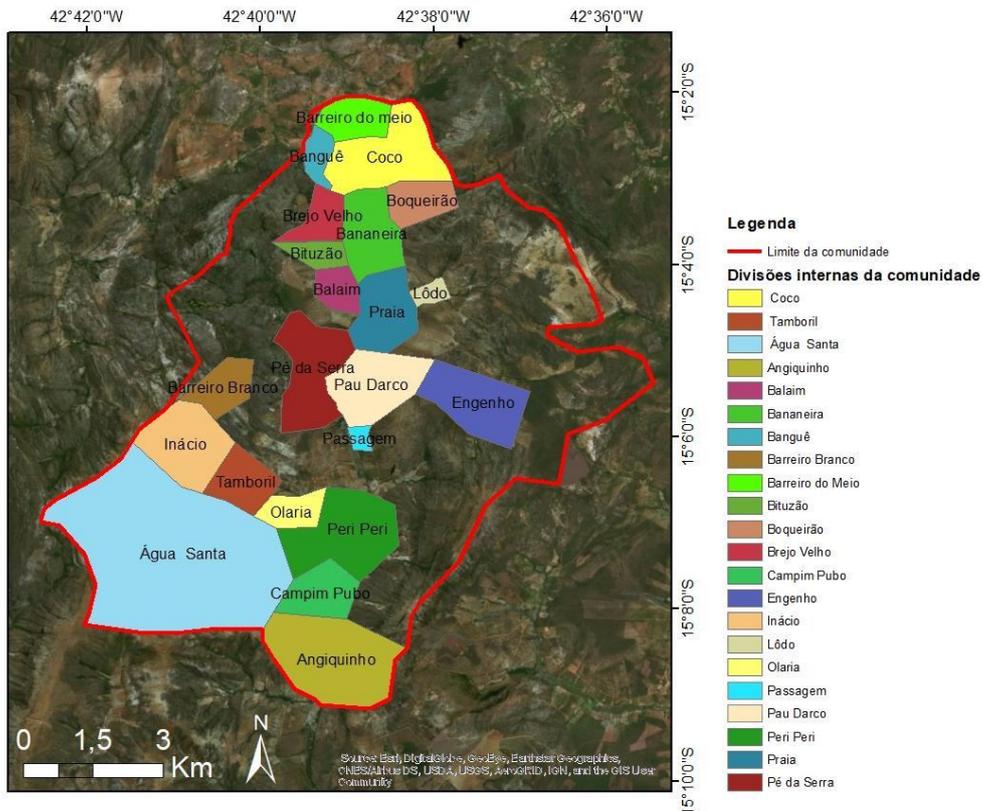


Fonte: CHILES (2018a).

No dia-a-dia, entretanto, qualquer divisão rígida cai por terra. Mesmo os vínculos municipais, como as escolas e a associação de moradores, não são seguidos à risca¹¹. O costumeiro é utilizar termos ligados à história e à geografia local para nominar os espaços (Figura 3). Esses conectam-se a sítios, propriedades familiares e heranças e guardam em si a identidade geraizeira, prezando pelas relações de parentesco e compadrio e reforçando-as. O traçar de linhas imaginárias está carregado de sentido. As particularidades do território e da história e os saberes ambientais e culturais desenham o Pau D'arco.

¹¹ Existem estudantes que moram no lado do Pau D'arco que pertence ao Retiro, por exemplo, mas que estudam em Montezuma e moradores que associam-se à Associação dos Moradores de outro município que não o município em que residem.

Figura 3 – Divisões internas da Comunidade do Pau D'arco



Fonte: CHILES (2018a).

Para os propósitos deste trabalho, a comunidade será compreendida em sua totalidade, distinguindo as particularidades de suas partes, mas ciente de que se trata de um todo. Em campo me deparei com colaboradores/as que não sabiam dizer se moravam no Pau D'arco I, II ou III ou onde ficava a casa de algum/a vizinho/a de acordo com essa divisão. Além disso, foram múltiplas as vezes que, ao questionar sobre determinada prática ou modo de fazer, ouvi que “isso aqui é igual em todo canto”, se referindo às formas semelhantes de se executar as atividades nas diferentes partes da comunidade.

As atividades produtivas predominantes são oriundas da agricultura familiar e voltadas para o autoconsumo. São praticadas em pequenas áreas, próximas aos quintais e/ou áreas de baixada, vazantes e brejos. O excedente produtivo é, comumente, comercializado em feiras das cidades vizinhas ou na própria comunidade. Algumas poucas famílias produzem para a venda.

De acordo com os dados do IBGE (2017) os principais cultivos locais são arroz, cana-de-açúcar, feijão, mandioca, abóbora e milho em rica diversidade de espécies e

variedades¹². Suas produções se dão sem agrotóxicos e com mecanização baixa ou nula. Há também ampla criação de gado *na solta*¹³ e de porcos e galinhas - entre outros animais menos comuns - nos quintais.

Neves (1908) aponta, já no início do século XX, que a combinação entre criação de gado e de pequenos animais; cultivo de mandioca, milho, feijão, arroz e abóbora; caça e pesca em pequena escala (herança de técnicas indígenas); e o trabalho em pequenos engenhos de farinha, cachaça e rapadura moldaram a dinâmica socioeconômica da região. Correia (2017), Chiles (2018a) e os dados do IBGE (2017) nos mostram que atualmente essa forma ainda se mantém.

As populações que vivem e sobrevivem dos recursos naturais dessa região são portadoras de extensos conhecimentos acerca da biodiversidade local. A identidade dessas teceu-se em conjunto ao meio físico, o que as torna grandes possuidoras de conhecimentos tradicionais sobre o ambiente e seu manejo sustentável (CUNHA, 2012).

Além da agricultura e da criação de animais, o extrativismo de recursos naturais, especialmente frutas nativas, é parte fundamental das dinâmicas produtivas locais. Ocorre em extensas áreas comuns e usualmente de forma coletiva. Amigos/as e parentes saem juntos/as, ou dividem-se em turnos, para a coleta, compartilham os frutos e trocam técnicas. Todavia, essa forma não é regra. Há aqueles/as que preferem sair sozinhos/as para a coleta (*panha*), “só eu e Deus”. Esse pode também ser um momento de conexão íntima com a natureza e de investigação pessoal do espaço e de suas características.

A ocupação humana se dá entre as fontes de água, onde se estabelecem os plantios e as moradas, e as áreas mais elevadas, nas quais predominam o extrativismo e a solta do gado. No que diz respeito à paisagem, é possível distinguir nove paisagens¹⁴ diferentes no Pau D’arco: carrascos, chapadas, morros, tabuleiros, vazantes, brejos capões, serras e capoeiras. Situar-se em campo é processo fundamental no exercício

¹² Uma variedade é representada por “um conjunto de plantas consideradas como suficientemente homogêneo e suficientemente diferente de outros grupos de indivíduos para receber um nome particular e ser objeto de práticas e conhecimentos específicos ao longo de seu ciclo” (EMPERAIRE, 2005, p. 35).

¹³ O gado pasta livre pelas chapadas ou tabuleiros durante o dia e, à noite, é recolhido para o curral onde acumula-se o esterco. Para mais informações sobre as práticas geraizeiras de criação de gado acessar Almeida (2019).

proposto nesse trabalho de se pensar as práticas e saberes agrícolas. Os componentes da paisagem e as formas de os manejar, cuidar, conhecer e interpretar compõe a teia na qual essa comunidade se forma e se transforma. Por isso, no primeiro capítulo, ofereço a partir de Chiles (2018a), uma breve caracterização das principais paisagens reconhecidas e manejadas pelas/os geraizeiras/os colaboradores/as desta pesquisa. É sob esse território, que não atua somente como pano de fundo, mas é o chão somado à identidade (SANTOS, 2006), produto histórico de processos sociais e políticos (LITTLE, 2002) e parte integrante das pessoas que ali vivem – e, conseqüentemente, da presente pesquisa – que este trabalho se desenvolve.

A circulação das mulheres pelo território e as funções empregadas por elas em sua construção constante e conservação são focalizadas aqui. Diante de um histórico de generalização do ser *geraizeiro*, destacar as particularidades de ação e de história das mulheres parece um caminho interessante para aprofundar o debate. Há práticas e saberes específicos desse grupo que dificilmente o extrapolam. Essas são, geração por geração, transmitidas entre avós e netas, mães e filhas, tias e sobrinhas, madrinhas e afilhadas, sogras e noras, irmãs, primas e cunhadas. Examiná-las em profundidade permite que novas linhas de análise surjam e que se diversifiquem as pesquisas.

Ao acompanhar os trajetos das mulheres, sua atuação na conservação da agrobiodiversidade se destaca. As geraizeiras atuam nas mais diversas atividades agrícolas, são as principais responsáveis pelos cuidados com as hortas e com os quintais e ainda executam as tarefas relacionadas à manutenção do bem-estar e da saúde (física e mental) da comunidade. Através dessa posição as mulheres se fazem presentes direta e indiretamente no processo de conservação, ao manejarem o ambiente de forma sustentável e ao proporcionarem que os demais membros da comunidade também o façam.

O principal objetivo desta dissertação é justamente compreender a atuação das mulheres geraizeiras na conservação da agrobiodiversidade nos sistemas agrícolas tradicionais (SAT) - sistemas agrícolas altamente dinâmicos, com forte conexão entre território e sociedade e marcadores material e/ou imateriais da identidade de um

¹⁴ Enquanto paisagem considera-se o domínio do sentidos (especialmente visão, tato, olfato e audição) e os fragmentos culturais que envolvidos (SANTOS, 1988).

grupo social (EMPERAIRE et al, 2012). A expressão sistema agrícola, ainda, evidencia a interdependência entre os domínios técnico, social e cultural (IPHAN, 2019)¹⁵. Em caráter específico, pretende-se investigar a circulação das mulheres pelos espaços e as particularidades de suas atuações nesses, individual e coletivamente.

A seguir são apresentados os caminhos traçados para o desenvolvimento desta pesquisa.

3.Os caminhos

3.1 Notas metodológicas

A escrita sempre foi uma tarefa árdua para mim. O ato de adequar as ideias para uma forma acabada e imutável me é doloroso e fazê-lo sem tirar a vida das palavras exige sabedoria. Ao longo do processo de escrita deste trabalho me deparei, em diversos momentos, com a necessidade de expor, em palavras, sentimentos, histórias e experiências muito novos para mim. Pela primeira vez pensei academicamente sobre e com pessoas de uma realidade diferente da minha, o que tornou a tarefa de escrever mais difícil que de costume.

Contudo, enquanto escrevia percebi que a vitalidade dos processos vividos em campo permeava minhas tentativas de eternizá-los em frases. E que as pessoas sobre as quais falo aqui - ou, antes, com as quais busco dialogar - deram fôlego e sentido às linhas que escrevo conferindo vida à escrita, mesmo diante de minhas dificuldades.

O trabalho em campo é o pilar desta dissertação. Foram a partir das experiências vividas nesse período e os dados coletados que esta foi estruturada. A base teórica, por sua vez, buscou iluminar os resultados do campo e seus desdobramentos.

Enquanto jovem pesquisadora experienciei no mestrado minha primeira ida a campo. Pude fazer uma primeira visita de quatro dias à comunidade do Pau D'arco em setembro de 2018. Acompanhei as professoras Mônica Nogueira, Elisabetta Recine e Juliana Rochet Chaibub e o companheiro João Chiles em uma pesquisa acerca do sistema alimentar geraizeiro e das práticas que envolvem a alimentação na comunidade¹⁶. Pude, assim, conhecer o espaço e algumas pessoas que, posteriormente,

¹⁵ Ao longo do capítulo 2 desenvolverei mais o assunto a medida que analiso os dados de campo.

¹⁶ Pesquisa intitulada “Geraizeiros em prosa, roça e fogão: sistemas de produção, conhecimentos e práticas tradicionais associadas ao alimento no Cerrado mineiro” sob orientação da professora Juliana Rochet Chaibub.

me acolheram em suas casas. Esse primeiro momento foi de extrema riqueza, observei de perto o trabalho de pesquisadoras experientes, suas diferentes formas de atuar em campo e de lidar com os/as colaboradores/as de pesquisa. Estive, ainda, em contato próximo com um pesquisador da própria comunidade que me abriu os olhos para as particularidades locais e me permitiu conhecer outro lado do campo e estabelecer laços. Pude dividir com eles minhas ideias e angústias e ser amparada e incentivada.

Foi nesse momento que comecei a delinear o que viria a ser minha pesquisa. O exercício de ver, ouvir e conversar me permitiu identificar uma lacuna no campo de estudos geraizeiros: a recorrente referência ao geraizeiro de forma genérica, sem distinguir as particularidades de homens e mulheres - além de reconhecer a importância de se ter mais uma pesquisa em área não afetada diretamente pelo eucalipto.

O contato inicial me abriu portas para retornar por um período maior no ano seguinte. Passei 45 dias na comunidade entre os meses de julho e agosto de 2019. Logo que cheguei fiquei dois dias na casa de João Chiles, que me recebeu e me apresentou para a comunidade. Por sugestão dele, iniciei minha pesquisa no Pau D'arco III, área conhecida como Pé da Serra. Devido ao grande número de brejos, diversas famílias dali trabalhavam na Safra de Santana. Assim, no meu primeiro domingo na comunidade fomos assistir ao culto nessa região, na Igreja de Santo Agostinho. Ao fim da celebração me apresentei, contei sobre minhas intenções e meu trabalho e o João pediu para que alguma família me acolhesse¹⁷.

Dessa forma comecei meu percurso por diferentes casas. Ao longo dos dias recebia convites para estar junto a diferentes famílias. A conversa de que eu estava por ali rodou as casas e eu fui me mudando de acordo com o interesse das famílias em me receber¹⁸. A agência das famílias me permitiu adentrar teias de afinidade que eu não conseguiria caso chegasse à comunidade com caminhos certos a seguir. A medida que fui deixando o campo me envolver, mergulhei com mais profundidade no cotidiano dos/as moradores/as e pude conhecê-los/as melhor – estive apenas com quem optou por me receber e estava aberto/a para minha pesquisa.

A forma como se deu o processo de aproximação das famílias, contudo, restringiu os núcleos frequentados por mim. Transitei entre 15 diferentes famílias nucleares, sendo todas conectadas entre si de alguma forma (irmãs, primas, tias,

¹⁷ Ele já havia conversado sobre meu trabalho e minha ida à comunidade na reunião das duas associações de moradores da comunidade. Muitas famílias já estavam cientes da minha visita e dispostas a me receber.

¹⁸ Felizmente, tiveram mais famílias interessadas em me receber do que tempo em campo para estar com todas.

cunhadas, madrinhas, afilhadas). Iniciei a pesquisa entre as famílias do Pau D'arco III, onde fiquei a maior parte do tempo, e segui para residências do Pau D'arco I, ambos localizados no município de Santo Antônio do Retiro. A única família com a qual estive na região do Pau D'arco II, no município de Montezuma, foi a do João, que não está inserida no universo da pesquisa.

O contato com as entrevistadas se deu de forma orgânica. Como não houve uma escolha prévia de quais famílias participariam da pesquisa, segui os caminhos guiados pelo próprio campo. Durante meus três dias na primeira percebi que nada passa despercebido na comunidade. A notícia de que estava ali já tinha chegado longe, e passei a receber convites para conhecer outras casas e outras famílias.

Levei comigo um roteiro previamente estabelecido com perguntas que fiz às mulheres durante meus dias em suas casas (Apêndice 1). Ao todo foram 19 mulheres entrevistadas e foram feitas as mesmas perguntas a todas. As questões do roteiro foram levantadas sem que houvesse um momento convencional de entrevista no qual o/a entrevistador/a coloca uma série de perguntas, uma atrás da outra, para o/a entrevistado/a. Acredito que realizar tais questionamentos ao longo das atividades cotidianas aproximou os resultados da pesquisa da realidade vivida pelas entrevistadas.

Entrevistas informais (GERHARDT e SILVEIRA, 2009) e observação direta também contaram como meio de coleta de dados. Ao longo dos dias em campo conversei com os membros das famílias e seus/suas vizinhos/as, parentes e amigos/as sobre os mais diversos assuntos na tentativa de conhecer as dinâmicas comunitárias em maior profundidade.

Foram realizados, ainda, croquis das propriedades em parceria com os/as colaboradores/as da pesquisa visando conhecer os espaços e identificar de forma mais precisa a atuação das mulheres em cada um deles. Nessa mesma linha, listas das espécies presentes em cada propriedade foram produzidas e compiladas em um único quadro (Apêndice 2).

Com o objetivo de detalhar o conhecimento dos diferentes ambientes de atuação feminina, caracterizá-los e dimensioná-los, foram realizadas caminhadas transversais/trilhas comentadas. Essas permitiram que as interlocutoras se aprofundassem na descrição e demonstração das suas atividades, espacializando-as. Nesse processo, tive a possibilidade de associar as práticas aos ambientes e de adentrá-los.

A ida a campo me permitiu fazer uso dos sentidos para apreender os aspectos da comunidade. Pude unir o ver, o ouvir, o tocar e o sentir e me manter em contato os/as interlocutores/as da pesquisa. O convívio próximo me permitiu obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos, apreendendo pontos sutis e incalculáveis. Por fim, o diário de campo foi o meio escolhido para colher notas, sistematizar as observações realizadas e anotar as respostas dadas às perguntas do roteiro.

Uma vez coletados, os dados foram organizados para a análise. Os questionários foram desmembrados em planilhas de acordo com as sessões de perguntas. Todas as respostas foram compiladas e, assim, foi possível identificar as semelhanças e as diferenças entre elas. Analisá-las em conjunto permitiu uma apresentação mais precisa e coesa dos dados. Além disso, uma lista de espécies unindo todas as espécies e variedades apresentadas a mim, pelas interlocutoras, de pesquisa foi formulada (Apêndice 2).

Os croquis das propriedades foram arquivados em conjunto para que a comparação entre eles fosse possível, assim como o destaque de suas particularidades. Ao total foram feitos 15 croquis, todos referentes às propriedades nas quais vivem as mulheres entrevistadas. A circulação das mulheres pelos diferentes espaços também foi indicada em cada um deles.

As notas e informações obtidas nas entrevistas informais e caminhadas transversais somaram-se às anotações do diário de campo. Desse todo destaquei trechos, falas, *causos* e situações que poderiam enriquecer o trabalho (corroborando ou contradizendo a teoria e/ou as ideias iniciais) e dei espaço especial a esses ao longo da escrita da dissertação. Em alguns casos, foram utilizados quadros com histórias pontuais vividas por mim ou apresentadas a mim, que buscam exemplificar as abordagens teóricas, as categorias analíticas empregadas e os resultados apresentados.

3.2 Notas teóricas

Ao longo da escrita da dissertação mirei alcançar organicidade entre a discussão de resultados e o diálogo com a literatura especializada sobre os temas que estruturam este trabalho. Para isso elaborei uma narrativa - não convencional para o contexto

acadêmico - que priorizou os resultados buscando identificar neles ideias-força para, a partir daí, discuti-las à luz da literatura teórica.

Duas ideias-força se destacaram na análise dos resultados: a experiência de reciprocidade entre as mulheres da comunidade, pautada no apoio mútuo para lidar com a sobrecarga de trabalho que recai sobre elas, no compartilhamento de tarefas, nas trocas/doações de alimentos, plantas e saberes; e o manejo da agrobiodiversidade, no qual os quintais se destacam por serem espaços de forte experimentação e inovação.

Para encorpar essa discussão fiz uso da literatura teórica a respeito das relações de gênero no meio rural brasileiro, reciprocidade - com enfoque nas relações entre povos e comunidades tradicionais -, e agrobiodiversidade. A partir desses marcos foi possível discutir os dados e as situações encontrados em campo e estabelecer diálogos com produções teóricas anteriores.

Na discussão acerca das relações de gênero no campo priorizou-se a divisão sexual do trabalho e as questões relacionadas às atividades de cuidado. A divisão comum entre trabalho *leve* e trabalho *pesado* foi central. Para Paulilo (1987 e 2004) tal divisão reforça a desigualdade entre os serviços e entre quem os executa. A autora defende que certas tarefas são consideradas *leves* por que se prestam à execução por mão-de-obra feminina e infantil, independente das horas gastas ou do esforço empregado, não por estas serem *leves* por sua própria natureza. Além disso, as categorias *leve* e *pesado* são variáveis, o que é considerado serviço *pesado* em um lugar, por exemplo, pode não ser em outro – o que não varia é a convicção de que o trabalho feminino é inferior.

Nesse sentido, um ponto convergente no debate é o encaixe das atividades domésticas e daquelas relacionadas ao cuidado no serviço *leve*/serviço de mulher. Para Paulilo (2004 e 2013), Pacheco (2002) e Siliprandi (2009) essa categorização gera sobrecargas de trabalho às mulheres. Seu trabalho é invisibilizado - especialmente por aqueles/as que não o executam - e o acúmulo de tarefas é comum. A invisibilidade do trabalho das mulheres permanece, embora essas participem ativamente de diversas atividades agrícolas e extrativas em dupla ou tripla jornada (PACHECO, 2002). Recai sobre elas uma carga maior de trabalho total, resultado da soma dos esforços dentro e fora de casa (PAULILO, 2013), a desvalorização das atividades sob sua responsabilidade perpassa toda a sociedade e suas principais instituições, inclusive a família (PAULILO, 2004).

As mulheres expressam preocupação com a (boa) vida dos demais e traduzem esse sentimento através do trabalho doméstico, buscando a estabilidade e a felicidade de seus grupos (SILIPRANDI, 2009). As tarefas executadas pelas mulheres exigem atenção e dedicação constante e se expandem para além da própria família, englobam também a comunidade e o território onde vivem e atuam. E Esses processos particulares promovem uma espécie de engajamento interno entre as mulheres.

Os resultados de campo revelaram que na comunidade do Pau D'arco as mulheres estabelecem conexões únicas entre si na tentativa de dar suporte umas às outras e cumprir as responsabilidades relacionadas ao gênero que lhe são atribuídas. Dessa forma, no debate sobre reciprocidade o foco de análise foi a teia de relações entre a mulheres.

A teia solidariedade encabeçada pelas mulheres ultrapassa as trocas materiais. Essas praticam alteridade, reciprocidade e complementaridade ao compartilharem experiências, trocarem afeto, dividirem responsabilidades e doarem tempo, atenção, alimentos e plantas umas às outras, por exemplo (BOFF, 2005). Sua lógica de ação amplia as relações sociais e afetivas através da redistribuição ou do compartilhamento dos recursos e atividades e, as relações que partem dessas, produzem valores éticos de responsabilidade e de proteção (SABOURIN, 2009).

A união solidária é uma forma das mulheres lidarem com a divisão sexual do trabalho na comunidade que, diversas vezes, se mostra desigual e injusta. Ao longo deste trabalho busquei apresentar e discutir esses processos sem naturalizá-los e com os aportes de Murrieta e Winklerprins (2009) e Taqueda (2009) para destacar os espaços de maior circulação entre as mulheres e detalhar suas atividades. Para esses autores, os espaços das hortas e dos quintais desempenham um papel importante na malha de correspondência e solidariedade feminina, o que deu suporte para pensar a presença constante das mulheres do Pau D'arco nesses espaço

Os quintais, especialmente, e as hortas destacaram-se enquanto espaços de experimentação e de inventividade por excelência e as mulheres enquanto experimentadoras e inventoras (MURRIETA e WINKLERPRINS, 2009). A atuação dessas se mostrou, através dos resultados da pesquisa, central para a conservação da agrobiodiversidade, o que fez desse outro marcador teórico importante deste trabalho.

Emperaire e Eloy (2014), ao tratarem de sistemas agrícolas indígenas no Rio Negro, destacam o papel central das mulheres no manejo e na conservação dos recursos fitogenéticos. Além disso, de acordo com Greenberg (1996) e Murrieta e Winklerprins (2009) as mulheres são as principais candidatas a iniciar os processos de domesticação e manejo das plantas. Sua movimentação contínua pelos espaços que circundam as casas (devido a sua função primordial na atuação doméstica e familiar) as tornam mais capacitadas para um cultivo afetivo, minucioso e presente.

A maioria dos/as agricultores/as tradicionais experimenta quando adquirem novas variedades. Cultivam essas durante um certo período (uma ou mais estações) em locais próximos às casas para que haja maior possibilidade de controle, de avaliação de seus caracteres agronômicos e culinários e de determinação da sua manutenção ou rejeição. Nessas situações, estar próximo/a da residência é essencial para o sucesso dos experimentos (WOOD e LENNE, 1997).

Além de zonas de testes os quintais do Pau D'arco apresentaram-se como espaços multifuncionais (paisagem alimentar, ornamental, medicinal, de socialização e reciprocidade) e ganharam espaço na pesquisa por abrir margem para uma atuação diversa das mulheres e para trocas pedagógicas amplas sobre criação, plantio e manejo de espécies vegetais (CARNIELLO et al 2010). Através deles foi possível, ainda, realizar análises e discussões que priorizassem os ganhos e as resistências dos sistemas locais de conservação e de manejo da agrobiodiversidade.

Na tentativa de contemplar da melhor forma essas temáticas, a presente dissertação foi dividida em dois capítulos centrais. No primeiro apresento e sistematizo os dados obtidos pela pesquisa realizada em campo. Ali constam as informações primárias organizadas de forma a possibilitar ao/à leitor/a a compreensão das dinâmicas locais da região estudada, especialmente as que se referem à atuação e circulação das mulheres. A primeira parte do capítulo detalha as paisagens geraizeiras encontradas na comunidade, depois são expressas as dinâmicas na roça, no quintal, na horta, na casa e na lida com o gado, em seguida são apresentadas as interlocutoras da pesquisa e, por último, a divisão das tarefas na comunidade. No segundo capítulo procuro discutir os dados sob a luz de literaturas teóricas acerca das relações de gênero no meio rural, da reciprocidade e da agrobiodiversidade. Para isso duas seções se fazem presentes: "Gênero e trabalho" que reflete acerca da divisão desigual e, por vezes, opressiva do trabalho e aponta as formas das mulheres

de encarar esses processos - com destaque para a cooperação e o apoio mútuo -; e a "Cuidar, cultivar e habitar" que destaca a atuação das mulheres na conservação da agrobiodiversidade local.

Por fim há um capítulo de considerações finais, no qual reúno as principais questões apresentadas ao longo dos capítulos anteriores, aponto lacunas que persistem na compreensão da realidade de mulheres geraizeiras, na expectativa de contribuir com pesquisas porvir.

CAPÍTULO 1

Mulheres geraizeiras: paisagens e labor diário

O presente capítulo consiste em um apanhado dos dados obtidos em campo arranjados de forma a oferecer ao/à leitor/a uma compreensão detalhada das dinâmicas locais da comunidade do Pau D'arco. Em um primeiro momento são apresentados os principais espaços de movimentação dos/as interlocutores/as da pesquisa. É sobre essas paisagens que as histórias e situações apresentadas no decorrer deste trabalho se desenvolvem. Em seguida, o universo da pesquisa passa a ser conhecido em detalhes. Exponho as particularidades daquelas que cooperaram com a pesquisa, de suas famílias e de seus modos de vida com a intenção de dar forma às interlocutoras e apresentar sua diversidade, mesmo que sem revelar suas identidades.

O enfoque desta pesquisa é a atuação e os fluxos das mulheres, assim, neste capítulo, é apresentada também a rotina da mulher geraizeira na comunidade e suas principais atividades. Em um paralelo constante com a vivência dos homens, visei evidenciar os papéis sociais de gênero, mas sem naturalizá-los.

1.1 As paisagens

Com base em Chiles (2018a), farei uma descrição das paisagens encontradas na comunidade do Pau D'arco, focalizando nas chapadas, tabuleiros, serras e brejos locais fundamentais para o delineamento da presente pesquisa e fortes marcadores do território.

As *chapadas* são os pontos mais altos da comunidade. Locais abertos e de elevada altitude, localizados nas bordas da microbacia hidrográfica local. São poucas¹⁹ e pequenas devido à grande dimensão de serras e morros. Seus solos são bastante arenosos e sua vegetação composta por gramíneas e árvores raleadas.

A *serra*, avistada da frente de quase toda propriedade, é marcadora geográfica e cultural da comunidade. Ponto de referência para diversas localizações internas e regionais, espaço de rito religioso, lar de grafismos e inscrições pré-históricas, área de coletas pontuais (madeiras de plantas) e de diversão.

Os *tabuleiros* são áreas mais planas e localizadas abaixo dos morros. Local repleto de árvores frutíferas e aproveitadas no extrativismo, é sinônimo de *Gerais*²⁰, de fartura. É ali que são construídas as casas, onde se fazem os quintais, formam as pastagens e fazem a principal roça do ano. As estradas, igrejas, mercados, sede das associações de moradores e o cemitério também estão no tabuleiro. É o que Nogueira (2017) nomeia como chão de morada e terras de cultura.

As *vazantes* estão localizadas entre os *tabuleiros* e *brejos* ou entre os tabuleiros e o leito do rio. É um espaço plano e com solo duro, esbranquiçado e bastante produtivo. No Pau D'arco toda vazante já foi um brejo que, devido às mudanças ambientais e climáticas secou.

Os *brejos* são regiões bastante úmidas, localizadas bem próximas ao leito do rio. No período de chuvas esse espaço é tomado pela água, e no período de secas torna-se espaço ideal para o cultivo. São compostos por uma miscelânea de solos, todos considerados férteis e repletos de água. Nem todas as famílias moram próximas aos brejos, o que as deixa com duas opções: percorrer grandes distâncias para cultivar ali ou não fazem roças no brejo. Abrigam também diversas hortas, devido sua fertilidade e proximidade do rio - mesmo com a diminuição do seu fluxo de água nos últimos anos esse ainda é fundamental para a irrigação das hortas.

O *capão* se encontra dentro ou próximo aos brejos. É um lugar úmido, de baixada e que contém pequenos e difusos olhos d'água (*marejos*). Ao caminhar pelos brejos da

¹⁹ Quatro chapadas foram identificadas por Chiles (2018a) como parte do território do Pau D'arco: Chapada de Disson, da Pedra Branca, do Barreiro Branco e do Engenho.

²⁰ Diferente do identificado por Nogueira (2009 ; 2017) no Alto Rio Pardo onde *Gerais* é sinônimo de *chapada*.

comunidade é comum visualizar os locais de onde a água brota, formando pequenas poças.

Os setores de manejo são diversos, em cada paisagem as plantas e os objetos cumprem determinadas finalidades e a presença humana tem uma intenção. Ao longo da pesquisa, o *Tabuleiro/chão de morada* se destacou enquanto espaço de circulação e de manejo das mulheres. A casa, o quintal e as hortas (ora localizadas dentro dos quintais, ora no brejo) emergiram como pontos centrais da presença feminina e de conservação da agrobiodiversidade local.

Nesse sentido, foi possível realizar no Pau D'aco um apanhado semelhante ao feito por Lok *et al.* (1998) em suas pesquisas na península de Nicoya, na Costa Rica. Os autores destacam cinco principais zonas nos quintais: o local de vivência, terraço localizado próximo à casa, com poucas plantas onde as crianças brincam e os adultos descansam; o espaço das plantas ornamentais, que agradam os prazeres estéticos dos/as cultivadores/as; a zona na qual se integram plantas não cultivadas com árvores de diferentes tipos, já no limite nos quintais, onde se colhem frutas, plantas medicinais e aquelas utilizadas como material de construção; a área de predominância das plantas frutíferas cultivadas; e um ponto de inundação anual no qual se plantam verduras.

No Pau D'arco foram identificadas seis principais zonas nos quintais: o espaço de convivência mais próximo à casa (podendo ou não ter cobertura, bancos ou mesas e ser de chão batido, de cimento ou pedra mineira) com poucas plantas (a maioria ornamental, medicinal ou de proteção) no qual adultos descansam e interagem nos momentos de lazer e onde as crianças brincam, denominado localmente de *terreiro*; a área na qual se localizam a maior parte das plantas ornamentais e dos enfeites, comumente situada na frente das casas, dentro do *terreiro*; um local onde estão as plantas cultivadas (árvores frutíferas, café, corante, algodão, plantas medicinais e, em alguns casos, as hortas etc.); os pontos de criação de animais; a área na qual anualmente, no período das chuvas, fazem-se as roças; e a fronteira do quintal, onde se encontram as plantas pertencentes ao Cerrado *strictu sensu* – local onde se *panha* lenha e se coleta frutos.

Esse panorama nos dá a dimensão da diversidade abarcada pelos quintais da comunidade e corrobora com o alto número de espécies e variedades encontradas ali. Cada zona de manejo carrega em si um universo de técnicas, saberes e histórias. A forma de organizar cada área une os interesses humanos e os da natureza de forma harmoniosa e respeitosa. É gentil com os tempos e as necessidades e considera os detalhes de cada grupo.

1.2 Pau D'arco

Os espaços da comunidade integram a atuação humana às paisagens. A apropriação faz dos espaços territórios habitados e dinâmicos, fruto de ações e representações (materiais ou simbólicas) humanas (NOGUEIRA, 2017) com história e memória. Na busca por compreender e expressar a atuação das mulheres do Pau D'arco considere a circulação dessas em alguns espaços: as roças, o quintal, a horta, a casa e a lida com o gado. A escolha desses se deu devido a sua importância no cotidiano da comunidade, são espaços frequentados diariamente pelas famílias e que guardam boa parte das suas dinâmicas e produtos.

1.2.1 As roças

As roças no Pau D'arco são feitas tanto no brejo/terras baixas/terras de Santana²¹, quanto no quintal/terras altas²². Durante as chuvas o cultivo se dá nos quintais e durante as secas nos brejos. Entretanto, nem toda família da comunidade tem terra nos brejos. Algumas cultivam no sistema de *meia*²³ em terras *dos outros*, outras em áreas úmidas, mas que não se caracterizam como brejos e há ainda quem faça roças só no alto. As formas de cultivar em cada um desses espaços é semelhante, assim como os cultivos e as dinâmicas. Nesta seção apresento como esses espaços são organizados, estabelecendo um fio condutor que ultrapassa as especificidades de cada um.

O feijão, o milho, o arroz, a cana-de-açúcar e a mandioca são as principais culturas produzidas nas roças²⁴ (Fotografias 1, 2, 3, 4, 5 e 6). O trabalho ali é demorado e cansativo. Costuma-se começá-lo pela manhã e seguir até o meio da tarde, parando para almoçar e para tomar café. O momento é também de muito papo, os/as trabalhadores/as aproveitam esse período para falar sobre a vida, contar *causos*, debater questões da comunidade, planejar as próximas etapas do cultivo etc. Como estão ali entre família e amigos, há intimidade para os mais diversos assuntos (Fotografias 7 e 8).

²¹ Os brejos são espaços de terra bastante férteis localizados na beira dos rios, a terra é bastante úmida e nos períodos de chuva (e conseqüente cheia dos rios) a região fica alagada (*embreja*). Só é possível cultivar ali nos tempos de seca. A denominação desse espaço como terra de Santana se dá devido ao fato de ser ali que se cultiva na safra de Santana.

²² As roças feitas nos quintais estão em áreas um pouco mais distante das casas.

²³ Quando diferentes famílias produzem juntas e há divisão da produção entre elas. É comum que famílias possuidoras de terras as cedam para que outras plantem com total liberdade e controle sobre o processo e a colheita seja dividida entre ambas. O mesmo vale para o empréstimo de tecnologias, como as casas de farinha.

²⁴ Como a cana e a mandioca são culturas de ciclos mais longos (mínimo de um ano) quando cultivadas nos brejos são plantadas nas partes que não alagam com as chuvas e a cheia o rio.

Fotografias 1 e 2: variedades de feijão encontradas na comunidade do Pau D'arco



Fotografia 3: Arroz vermelho com casca e descascado.

Fotografia 4: Espigas de milho “doce” (convencional) secando ao sol.



Fotografia 5: Mulher limpando roça de cana-de-açúcar.

Fotografia 6: Mulher limpando roça de mandioca.



Fotografia 7: Mãe e filha em terreno de brejo recém *vassourado*.

Fotografia 8: Família *vassourando* terreno no brejo no qual será feito seu plantio da Safra de Santana.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

As pausas, da mesma forma, são regadas de conversa, mas também de contemplação e descanso. Encosta-se sob uma sombra e aproveita-se o tempo longe do sol e do trabalho. Há um incentivo mútuo para que se tenha ânimo de realizar o trabalho (Fotografia 9).

Fotografia 9: Irmãos dividindo a marmita em horário de almoço e de descanso durante trabalho em roça no brejo.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

Ao mesmo tempo que todos/as têm consciência da necessidade de se trabalhar nas roças, há também respeito pelos interesses pessoais dos/as trabalhadores/as e pelo ambiente. Se estão cansados/as ou indispostos/as, por exemplo, e há a possibilidade de adiar o serviço, esse será adiado. Se está muito frio, chovendo, com neblina ou muito calor a ponto de dificultar o trabalho, esse também será adiado. Além disso, respeita-se o calendário católico – não se trabalha em “dia santo” –, os feriados nacionais e o calendário das festividades locais (Quadro 1).

Quadro 1 : Adaptações de rotina e “dia santo”.

Em um dos meus dias na comunidade eu iria acompanhar duas senhoras na limpeza (retirada de mato no entorno da muda) de um plantio de feijão. Entretanto, quando acordamos o vento estava implacável e elas me contaram que em dias assim não se podia

limpar a roça, pois as folhas das mudas amarelavam. Daí acabamos ficando em casa e realizando outras atividades. O respeito por si, pelo próximo e pelo meio ambiente é parte fundamental da vida geraizeira, assim como o respeito às tradições. Em outro dia, terça-feira, ninguém desceu às roças para trabalhar por ser “dia santo”, dia do Senhor Bom Jesus. O acatamento ao calendário católico extrapola os fiéis da Igreja, é parte da rotina da comunidade e seguido por todos/as.

É comum os serviços atribuídos aos homens na comunidade estarem relacionados à força física e vinculados às atividades agrícolas - quando não, referem-se à serviços de alvenaria e a domínios tipicamente masculinos, como a mecânica. Esses são externos à esfera doméstica e à esfera do cuidado.

Quando não há homens na casa (esses estão trabalhando fora, doentes, idosos, já faleceram ou é uma casa formada só por mulheres), ou em períodos de demanda maior de mão de obra agrícola, as mulheres exercem as atividades que são atribuídas a esses (como *roçar*²⁵ *manga*²⁶, lidar com o gado, *tombar*²⁷ terra) definitiva ou temporariamente. Essas atividades não deixam de ser feitas devido à ausência dos homens. As mulheres as somam às tarefas que já são de sua responsabilidade. Em casas nas quais só vivem mulheres, são essas quem garantem que todas as atividades sejam executadas. As realizam ou as delegam a quem possa fazer.

A contratação de vizinhos, majoritariamente homens jovens, para prestar determinados serviços como *tombar* a terra e passar o cepo²⁸ é comum na comunidade. Mulheres e homens mais velhos também são contratados, mas em menor escala. A escolha dos *moços* se dá devido aos laços de parentesco, vizinhança e amizade, e há um preço pré-estabelecido para a diária de trabalho. No ano de 2019, o valor foi de aproximadamente 50 reais.

²⁵ Arrancar o mato com a foice.

²⁶ Terrenos cercados para que o gado não acesse outras áreas, como o brejo, e parcialmente ou totalmente roçados para que o mato fique mais baixo e os animais caminhem e se alimentem com mais facilidade. Por vezes se planta capim nesses espaços.

²⁷ O processo de *tombar* a terra consiste em revolver-la para deixá-la mais macia e sem resquícios da vegetação ali existente. É feito com um arado puxado por dois bois (preferencialmente garrotes) guiados pelo espaço de terra que se deseja revirar.

²⁸ Pedaco de madeira que, quando puxado por bois, deixa a terra a ser cultivada mais macia e regular.

Por vezes amigos, vizinhos e familiares trabalham nas roças uns dos outros com o objetivo de ajudá-los no processo. Sabem que quando necessário também serão ajudados - uma das faces da reciprocidade geraizeira consiste em se fazer presente para o outro (sendo ou não recompensados financeiramente). Ao prestar um serviço ou se dispor a auxiliar o próximo cria-se (ou fortalece-se) pontes de mão dupla. Sobre essas os/as geraizeiros/as caminham levando ou trazendo algo. Um trabalho que vai sempre voltar, mesmo que em outra forma. Localmente essa ajuda mútua é conhecida como *adjuntório*. É uma prática recíproca que parte da espontaneidade individual e que se fundamenta na solidariedade, na partilha, na gratuidade, na fraternidade, na cooperação e na satisfação pessoal (CHILES, 2018a).

A reciprocidade se dá tanto na troca de serviços quanto na troca de sementes. É usual que se guarde sementes de um plantio para o outro. Na colheita separa-se parte para consumo e/ou venda e parte é armazenada até o próximo plantio. O armazenamento das sementes utilizadas tanto na roça, quanto quintal e na horta se dá em garrafas PET ou em dornas, ambas bem secas e fechadas. Quando falta sementes para alguma família realizar seu plantio é comum que outras famílias emprestem. Após a colheita devolve-se as sementes para os doadores. Ninguém fica sem plantar por falta de semente. O ciclo dos empréstimos é sempre alimentado e se a família não produziu o suficiente para devolver as sementes na próxima colheita, essa devolução é adiada sem problemas.

Ao refletir sobre as dinâmicas da comunidade junto aos/às interlocutores/as de pesquisa pude conhecer, através de relatos, um tempo - até uns 30 anos atrás - no qual a ajuda mútua era o que garantia a sobrevivência dos/as moradores/as. Fora um período contraditório, de muita fartura e de muita pobreza.

O regime de chuvas era outro. Em sete das entrevistas as mulheres relataram que ao longo dos seus anos de vida tem chovido menos, o que interfere diretamente no safrão das águas - um maior número de chuvas está diretamente associado a maiores colheitas e a mais plantios no quintal. Além disso a terra molhada, jorrando água, já fora comum, e hoje, não é mais. As águas corriam em abundância pelo solo e o rio, que hoje seca no período das secas, mantinha-se perene.

Mesmo em um ambiente propício para o cultivo, o investimento em terras próprias era pequeno. Devido à falta de rendas fixas e a dificuldade de acessar o dinheiro em espécie, o trabalho na terra *dos outros* e fora da comunidade, em grandes plantações, era rotina. Os homens, principalmente, saíam para trabalhar por temporadas, fazendo empreitas das mais diversas e, quando necessário, levando os/as filhos/as para trabalhar junto. E as mulheres adultas comumente ficavam na comunidade com a responsabilidade de sustentar a família durante esse período. A mão de obra reduzida e o acúmulo de tarefas tornava difícil a realização das atividades agrícolas. A falta de dinheiro somada ao acúmulo de tarefas deixava várias famílias em situações delicadas e a ajuda dos/as vizinhos/as, parentes e amigos/as era o que, por múltiplas vezes, garantia o alimento.

Diversas foram as histórias que ouvi desses tempos que mesclam carência e abundância:

Antes a terra era melhor, com mais água, mas o povo passava fome. Hoje as terras são mais fracas, mas ninguém mais passa fome por aqui. Antes o povo não tinha juízo, pensava com os braços e não com a cabeça. (Entrevistada 5, Pau D'arco III, 22/07/2019)

Antes o povo viajava muito para o entorno para trabalhar com cana, fazia dinheiro e voltava, não investia nas próprias terras e não faziam roça, plantavam pouco feijão e passavam fome. (Entrevistada 7, Pau D'arco III, 25/07/2019)

O povo não cultivava muito para si, tinha que ir atrás de trabalho para conseguir algum dinheiro, já que a maioria não tinha nenhuma renda fixa. (Entrevistada 9, Pau D'arco III, 02/08/2019)

Meus pais trabalhavam em troca de pratos de comida e ainda passavam fome porque a comida só dava para alimentar os filhos. A nossa situação só foi melhorar depois que meus pais se aposentaram. (Entrevistada 14, Pau D'arco III, 11/08/2019)

Muitos trabalhavam fora e não tinham como se dedicar ao próprio cultivo, como plantavam menos, colhiam menos e muitas pessoas chegavam a passar precisão de comida. Era tudo feito à mão (não tinha trator, por exemplo e muita gente não tinha bois), mais demorado e trabalhoso. Mesmo plantando menos parece que dava mais. Um pouquinho que feijão que plantava já enramava aquele tanto. (Entrevistada 16, Pau D'arco I, 14/08/2019)

Ninguém tinha e renda fixa, como aposentadoria e Bolsa Família. As pessoas sobrevivem do que cultivavam e tinham que trabalhar para fora. As pessoas trabalhavam mais, mas também passavam mais precisão das coisas. (Entrevistada 19, Pau D'arco I, 23/08/2019)

As políticas de transferência de renda e de atenção à zona rural implementadas, especialmente, durante os governos Lula (2003 - 2011) e Dilma (2011-2016) possibilitaram acesso maior à renda fixa e ao auto investimento.

A maior abrangência do Programa Bolsa Família permitiu que diversas mulheres pudessem contar com uma renda mensal. O acesso facilitado ao crédito rural e ao crédito para baixa renda fez com que as famílias tivessem mais oportunidade de investir em seus cultivos e em suas casas. Das dezenove entrevistadas, onze contam com o Bolsa Família e oito com a aposentadoria rural. Treze mulheres já acessaram algum tipo de crédito, incluindo o Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF, empréstimos do Banco do Nordeste (em especial o Agroamigo), de financiadoras etc.

A aposentadoria rural é um fator de segurança, renda importante para as famílias do Pau D'arco. A casa que tem pelo menos uma pessoa aposentada tem condições de se manter com mais facilidade. Esse direito garante a possibilidade de comprar remédios, utensílios para casa, fazer compras no mercado ou feira e de investir um pouco mais nos cultivos.

O impacto dos programas sociais para a comunidade é enorme. Através desses se tem acesso à cursos técnicos, à água para consumo e para produção (Programa Cisternas²⁹), à energia (Programa Luz Para Todos) e ao crédito rural (especialmente via PRONAF), entre outros direitos até então inacessíveis. Ao conversar com as famílias sobre o foco dado aos pequenos agricultores e às comunidades tradicionais pela gestão federal do Partido dos Trabalhadores (PT), a gratidão e o reconhecimento se faziam presentes. Mesmo aqueles/as que atualmente encontram-se no espectro político contrário ao PT reconhecem os impactos dos programas criados e/ou ampliados por esse.

A possibilidade de acessar utensílios agrícolas modernos e de criar gado, devido à ampliação do acesso à renda fixa e a financiamentos, gerou mudanças no modo de se trabalhar com a terra. Os programas de transferência de renda, de financiamentos e a aposentadoria permitiram que diversas famílias adquirissem máquinas de plantio manual e criassem gado. No que diz respeito ao cultivo nas roças, as entrevistadas relataram como novidade o uso da máquina de plantio (*plantadeira*) (Fotografia 10), do trator e do *tratorito* (motocultivador, versão menor e manual do trator) (Fotografia 11). Tecnologias que só chegaram no Pau D'arco nos últimos anos.

²⁹ Programa Nacional de Apoio à Captação de Água de Chuva e outras Tecnologias Sociais.

Fotografia 10: Máquina de plantio (*plantadeira*).

Fotografia 11: Motocultivador (*tratorito*).



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

Para o cultivo na roça, o primeiro passo é *vassourar* ou *caipi*³⁰ (capinar) a terra. O segundo é pôr fogo nos ciscos (plantas/restos de plantas que ficaram na terra). Depois desse processo, pode-se colocar adubo na terra e deixar curtindo por alguns dias. O terceiro é *tombar* a terra, ou seja, revirá-la para que os resquícios da vegetação que ali estavam se misturem a ela. Uma outra possibilidade é a de gradear a terra com um trator, ao invés de tombá-la com os bois/garrotes. Ao passar o trator revira-se mais fundo a terra, o que pode prejudicar o plantio, mas proporciona economia de tempo no trabalho investido.

O quarto passo é transpor a terra com o *cepo*, para deixá-la macia, e o quinto é plantar. O plantio é feito com máquina (*plantadeira*) ou abrindo-se covas com a enxada e semeando as sementes dentro. Após o plantio, ainda é necessário limpar a terra com a enxada tirando o mato em torno do cultivo.

Ao longo dos anos essas etapas sofreram modificações. Uma das entrevistadas me contou as principais diferenças entre o modo de cultivo antigo (antes do acesso maior ao gado e das mudanças climáticas que provocaram uma diminuição da água disponível e ressecamento do solo) e o recente:

³⁰ Tirar todo o mato de um terreno antes de plantar ali.

Vassourar é o que fazem hoje em dia tirando a maior parte do mato da terra, mas deixando um pouco de mato curtinho que vai ser revirado quando tombar a terra e ficar por baixo, sabe? Caipi era o que se fazia antigamente de limpar a terra tirando todo vestígio de mato deixando bem limpinha para o plantio. Não se tombava terra por ser muito molhada, mais que hoje, e difícil dos bois caminharem e também porque era muito mais difícil uma família ter gado. (Entrevistada 6, Pau D'arco III, 22/07/2019).

Como visto, algumas etapas do processo são majoritariamente realizadas por homens, como *tombar* a terra, passar o *cepo* e plantar de máquina. Tanto *tombar* a terra e passar o *cepo* envolvem a lida com o gado, atividade majoritariamente masculina. Levar os bois/garrotes até a roça, equipá-los e guiá-los exige, além do contato íntimo com o animal, certa força física, fator que colabora para que os homens encabezem o processo. O plantio com máquina, por sua vez, é uma atividade que foi introduzida recentemente e exigiu capacitação³¹. Por terem acesso amplo à assistência técnica os homens aprenderam primeiro a manuseá-las e passaram a controlar tal conhecimento.

É nítido o domínio dos homens sobre a maioria das etapas do processo de plantio. Dentre as 19 entrevistadas 14 revelaram não ter aprendido a realizar as atividades que envolvem força física, trato mais próximo com o gado e o contato com equipamentos mais modernos como *tombar* a terra, passar o *cepo*, *roçar a manga* com foice, mexer na máquina de plantar e/ou no trator. Contudo, 5 das entrevistadas relataram ter conhecimento acerca de todas as etapas e ressaltaram dominar as atividades tipicamente masculinas.

Todas as entrevistadas relataram ter aprendido a trabalhar nas roças acompanhando os/as mais velhos/as, olhando como esses/as trabalham, ouvindo seus ensinamentos e seguindo seus passos. Os pais, avós, irmãos/irmãs, tios/as e companheiros foram os principais professores/as dessas mulheres, que não deixaram de aprender também com vizinhos/as e em cursos.

A passagem de conhecimento por gerações respeita os costumes. Daí alguns pais não ensinarem às filhas atividades compreendidas como masculinas e aos filhos atividades consideradas femininas. Entretanto, há exceções à regra. Algumas entrevistadas relataram ter aprendido com os pais coisas do universo masculino e/ou ensinarem aos filhos atividades femininas. Ouvi também mulheres que aprenderam tarefas femininas com os homens, como uma entrevistada

³¹ Os conhecimentos acerca do plantio manual, por sua vez, são transmitidos a gerações entre as famílias e de domínio comum da comunidade. O usual é os homens abrirem os berços e as mulheres semearem as sementes.

(Entrevistada 7) que aprendeu a cozinhar com o companheiro.

Quando não estão trabalhando nas roças, as mulheres se fazem presentes levando as marmitas de almoço e merenda aos/às trabalhadores/as. Uma alimentação forte³² é necessária para o sustento no trabalho pesado das roças. Não é possível executá-lo sem estar bem alimentado. Ao cozinhar e levarem até quem trabalha na roça, as mulheres atuam na garantia da saúde e do bem-estar daquele/a companheiro/a. Possibilitam, assim, que as atividades agrícolas realizadas ali sejam cumpridas. (Fotografias 12 e 13)

Fotografias 12 e 13: Mulheres levando marmita para os/as trabalhadores/as na roça.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

Dessa forma a atuação das mulheres se faz em duas vertentes, tanto no trabalho rural, preparando a terra, plantando, limpando, colhendo etc. quanto no zelo pelos/as trabalhadores/as. A primeira atividade é universalmente reconhecida, ao ir à roça trabalhar atuam diretamente na produção, o serviço feito ali fica visível a todos/as. A segunda, por sua vez, é invisível. A garantia da alimentação dos/as trabalhadores/as, por sua vez, mesmo que de fundamental importância, é etapa que some quando se pensa as atividades agrícolas. Ninguém consegue trabalhar se não se alimentar corretamente, apesar disso, cozinhar e levar as marmitas é atividade, por vezes, não reconhecida.

³² Uma alimentação forte está diretamente associada à comida feita com gordura/banha de porco. Tanto a gordura quanto a carne do animal são compreendidas como fortes.

1.2.2 O quintal

O quintal é a área mais diversa das propriedades geraizeiras. A efervescência de atividades que ali ocorrem faz com que esse espaço reúna cada parte da vida dos/as moradores/as da comunidade. O trabalho na roça das *terras do alto*, o cultivo de frutas (e por vezes de verduras e legumes) e de plantas ornamentais e medicinais, a criação dos animais (Fotografias 14, 15, 16, 17 e 18) e o beneficiamento da mandioca e da cana, fazem parte da rotina no quintal. Além disso, espaço é a porta de entrada da casa e tem que estar sempre limpo e arrumado. Fotografia 14: Mulher segurando abacaxis que colheu em seu quintal. Fotografia 15: Galinha com pintinhos se alimentando no quintal.



Fotografias 16 e 17: Vista do quintal de casas da comunidade repletas de plantas ornamentais e medicinais.



Fotografia 18: Plantas ornamentais enfeitando a frente de uma das casas da comunidade.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

O quintal compõe o *chão de morada* (NOGUEIRA, 2009, 2017) e comporta a casa, o terreiro, e as roças da *safra das águas*. No terreiro estão presentes uma grande quantidade de árvores frutíferas, plantas ornamentais, medicinais e de proteção. Ao seu redor fica o galinheiro, o chiqueiro e o curral. E em algumas casas, as hortas também são feitas ali. Durante o período das águas/chuvas é no quintal que se faz roça (entre outubro e dezembro), especialmente de milho, feijão catador, feijão andu e mandioca³³.

É no espaço do quintal também que fica o pilão, o forno a lenha e o depósito (que pode ser um cômodo separado da casa ou uma casa antiga da família localizada no mesmo terreno), utensílios/espços de uso cotidiano das famílias (Fotografias 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26).

³³ Optei por caracterizar as roças em unidade, englobando as dos brejos e as dos quintais. Assim, a partir daqui, a referência ao quintal focalizará o espaço do terreiro.

Fotografia 19: Mulher *pisando* o arroz com casca no pilão.

Fotografia 20: Mulher *soprando*³⁴ os grãos de arroz.



Fotografia 21: Mulher *soprando* os grãos de café.

Fotografia 22: Grãos de café com e sem casca.



³⁴ Ato de jogar para o alto os grãos para que, com a ajuda do vento, as cascas, folhas, pedras e demais “impurezas” sejam eliminadas e o grão fique limpo.

Fotografia 23: Irmãs *pisando* os grãos de arroz no pilão para descascá-los.

Fotografia 24: Mulher pegando milho seco em seu depósito.



Fotografias 25 e 26: Mulher fazendo sabão em seu depósito.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

Por estar localizado em uma área próxima à casa, a circulação é diária para toda a família. Os homens e as mulheres atuam nos plantios ali realizados, no trato dos

animais e no cuidado cotidiano do espaço. As mulheres costumam ser as principais responsáveis pela alimentação dos animais e a limpeza de seus espaços (Fotografias 27 e 28), assim como pela limpeza do terreiro (retirada de folhas, galhos, frutas e sujeiras dali) e pelo cuidado com as plantas.

Fotografia 27: Mãe e filha lavando o chiqueiro.

Fotografia 28: Mulher quebrando grãos milho para dar aos pintinhos.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

A colheita dos frutos é feita tanto por homens quanto por mulheres, mas como essas muitas vezes estão conectadas com o que será feito nas refeições as mulheres tomam frente. São elas que gerenciam a alimentação das famílias, o que inclui colher no quintal o necessário para as refeições.

As roças dos quintais são feitas com envolvimento de todos os integrantes da família, uma vez que a quantidade de trabalho é grande. Contudo, assim como descrito na seção 1.2.1, os homens acumulam mais atividades nesse processo. São eles que realizam as atividades que demandam maior força física, as que envolvem a lida com o gado e/ou as que fazem uso de novas tecnologias.

De uma forma geral, apesar do quintal e da roça serem espaços de atuação de homens e mulheres, é possível dizer que as roças (mesmo aquelas feitas dentro dos

quintais) são predominantemente masculinas e os quintais femininos. As mulheres passam mais tempo no espaço doméstico devido a necessidade de cozinhar, lavar, limpar e arrumar a casa - incumbência dessas. Mesmo quando trabalham fora (na roça, na casa ou nas terras de algum/a vizinho/a, na cidade), as mulheres têm que executar as atividades de casa e acabam permanecendo bastante tempo ao seu redor. Sua presença ali corrobora para que o cuidado com a manutenção dos quintais seja uma tarefa feminina.

Além das árvores frutíferas, dos vegetais e dos cultivos das roças os quintais são repletos de flores. Em todos os quintais visitados para esta pesquisa foram encontrados espaços cuidadosamente arranjados, sempre próximos à casa, dominados pelas plantas ornamentais, por vezes intercaladas às ervas medicinais.

Assim como os jardins visitados por Murrieta e Winklerprins (2009), os quintais do Pau D'arco desempenham múltiplas funções para o lar. Esses, além de funcionarem como dispensa das mais diversas variedades alimentares, são espaço de expressão de um prazer estético feminino - desempenhando um papel importante como meio de apresentação para as *donas* - e terreno seguro para experimentações e práticas. Seu significado extrapola os valores econômicos e nutricionais das especiarias, plantas, verduras e frutas ali cultivados.

As plantas ornamentais são, comumente, levadas aos quintais pelas mãos das mulheres. Quando elas vão à cidade aproveitam para andar pelas praças e fazer mudas de plantas que lhe chamem atenção pela beleza. A visita à casa de vizinhas e familiares também é ocasião para fazer ou pedir mudas. A graça das flores encanta as mulheres que demonstram prazer em ter um quintal florido e colorido e em exibi-lo, não hesitando em compartilhar as plantas, quando viável.

As trocas e doações de plantas entre as mulheres não se restringem ao plano físico, essas transmitem também os conhecimentos que envolvem aquela espécie e suas particularidades (como fazer para a muda *pegar*, como cuidar para que cresça saudável, onde e quando plantá-la, como fazer novas mudas etc.). Esses saberes rodam a teia local de mulheres de forma a transpor gerações e grupos familiares.

Os elementos que compõe os quintais são, muitas vezes, fruto de trocas entre as mulheres e sempre que há a visita de uma ao quintal da outra é certo que essa levará

algo dali (sejam frutas, mudas de plantas, verduras ou ovos). É nos quintais que a malha³⁵ de reciprocidade feminina cresce e se fortalece.

Os quintais são, ainda, expressão da luta (sutil ou não) entre homens e mulheres. A autoridade e os privilégios dos homens (na comunidade e no geral) são maiores que os das mulheres. As desigualdades se fazem presentes quando são as mulheres que carregam jornadas duplas ou triplas de trabalho ao executar as atividades agrícolas, cuidar da casa, do bem-estar e da saúde da família. Todavia, tal desigualdade não acontece sem algum nível de contestação das mulheres e nesses espaços, assim como nas hortas, elas têm a oportunidade de aumentar seu papel no processo de tomada de decisões familiares³⁶.

A predominância das mulheres nos quintais as faz exímias conhecedoras dos processos que ali ocorrem, do que já se teve e não tem mais, do que se adquiriu recentemente, de onde veio cada semente/muda etc. Além disso, ao conectarem esses processos aos conhecimentos voltados à alimentação e ao seu preparo, são capazes de gerir os quintais com inteligência e sagacidade.

Quando questionadas sobre os cultivos existentes em seus tempos de criança (variação entre 30 e 70 anos atrás), todas as mulheres relataram que os ganhos foram diversos e que praticamente não houve perdas.

O gráfico 1 apresenta as espécies citadas pelas entrevistadas como perdas e o gráfico 2 as novidades relatadas. Em ambos os gráficos é possível identificar o local das espécies e o quintal é o mais citado.

Gráfico 1: Perdas de espécies (N = 9 citações).

³⁵ Ingold (2012) propõe a noção de malha (*meshworks*) – em detrimento da ideia de rede - por considerar que esse termo incorpora melhor as linhas do devir. Na malha não haveria pontos a ser conectados, mas sim o entrelaçamento de linhas em constante crescimento e movimento. Optei, aqui, por me valer da proposta de Ingold na tentativa de expressar a multiplicidade das ligações e dos entrelaçamentos através dos termos malha e trama.

³⁶ Notei que a dinâmica da tomada de decisão varia de acordo com a personalidade dos cônjuges/da família. E, mesmo em famílias nas quais não há a presença de homens, a relação com esses é inevitável e as dinâmicas de poder que subordinam as mulheres ultrapassam a esfera marido-mulher, pai-filha, irmão-irmã. Se desenvolve também entre cunhados e cunhadas, vizinhos, tios e sobrinhas etc

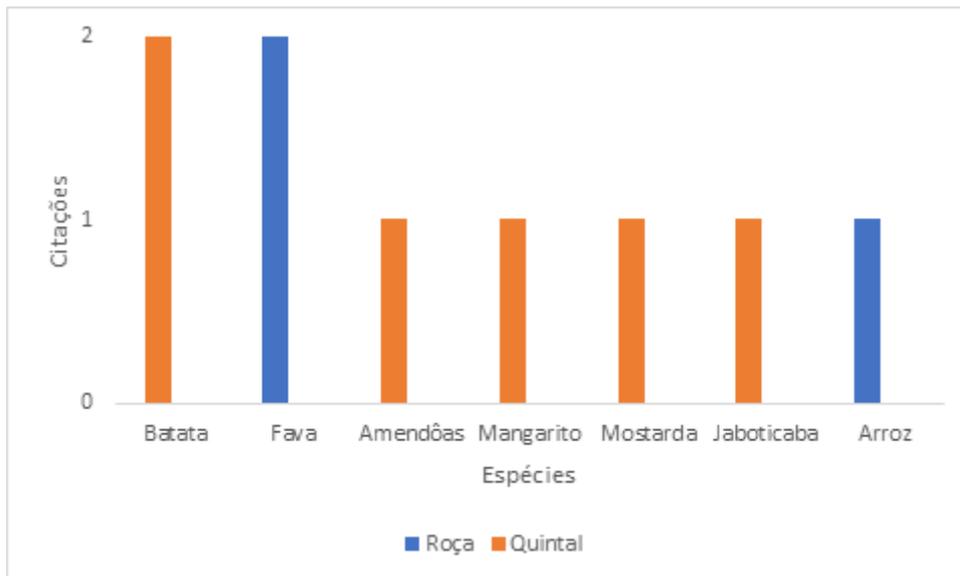
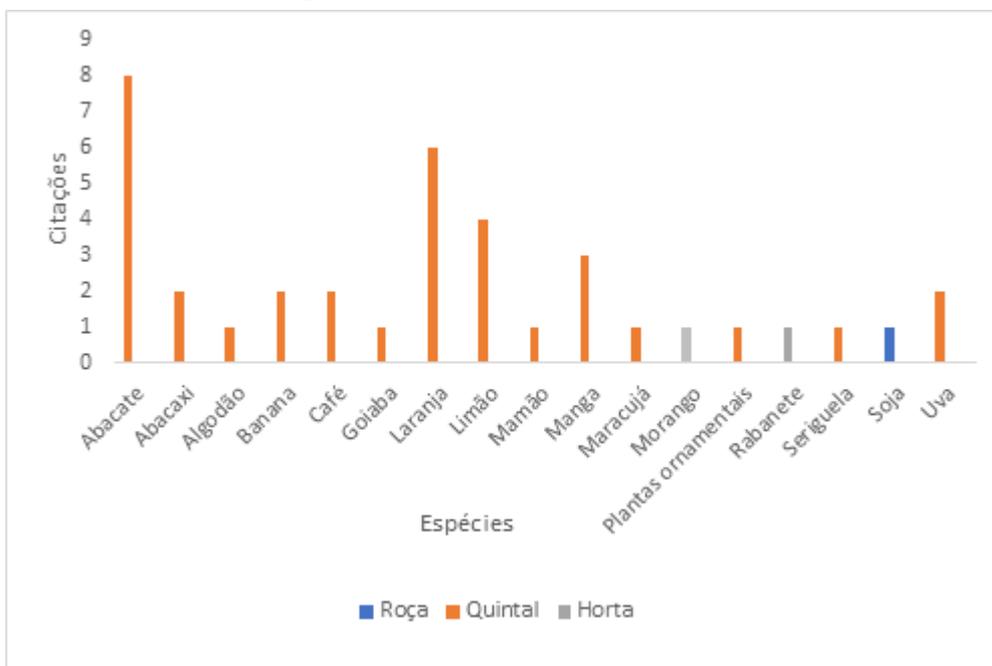


Gráfico 2: Ganho de espécies (N = 38 citações).



De acordo com os gráficos 1 e 2, o quintal aparece como o espaço com mais perdas e mais ganhos. Ao longo da pesquisa pude identificar que a rotação de cultivos nos quintais é alta, uma vez que, ali, se tem liberdade para testar novas espécies e/ou variedades, descobrir seus sabores e entender seus ciclo. Nos quintais é possível dar vazão à criatividade e à curiosidade e acompanhar o desenvolvimento de uma nova planta de perto (devido a sua proximidade da casa). Além disso, os custos são baixos, uma vez que, é possível se cultivar em pequena escala. Assim, seus solos estão constantemente cobertos por novidades (Quadro 2).

Algo semelhante acontece nas hortas, que também são espaços de investigação, verificação e aperfeiçoamento. Para além dos gráficos 1 e 2, a análise dos questionários e do Apêndice 2 permitiu identificar que os plantios básicos das hortas

são os mesmos há gerações: cebola, alho e coentro. E que, para além desses, diversos são os cultivos - 28 das 73 espécies catalogadas e 59 das 118 variedades estão presentes nas hortas. Sua feitura anual possibilita que periodicamente seja repensada e renovada e o constante ciclo de nascimento - morte - renascimento incentiva a inovação (ver a seção 1.2.3).

As roças, por sua vez, se mantêm majoritariamente iguais ao longo dos anos. Nessas áreas são cultivados os itens básicos para a alimentação geraizeira (arroz³⁷, feijão, cana, mandioca e milho) e suas modificações são pequena.

Quadro 2: Quintal como espaço de experimentação

Tive a chance de conhecer uma moradora da comunidade que estava construindo uma casa em um terreno que havia comprado (ela e o marido) há mais ou menos quinze anos. Ela viveu por mais de vinte anos em São Paulo e recentemente voltou ao Pau D'arco com a família (marido e filha). Desde que adquiriram o terreno, as terras de brejo/terras baixas passaram a ser cultivadas pelos seus cunhados, enquanto as de quintal/terras do alto ficaram paradas. Há mais ou menos um ano (durante um período de chuvas) a moradora começou a montar seu quintal. Plantou diversas espécies, fez roças e aproveitou para testar plantas que havia trazido de São Paulo e que não são comuns no Pau D'arco como o alho poró, a canela e a pimenta do reino. Quando conheci seu quintal essas espécies foram apontadas por ela como suas experiências. Comentou estar aprendendo sobre seus tempos e suas formas e mostrou-se temerosa se iriam ou não *pegar*. No Pau D'arco os quintais são parte necessária para o desenvolvimento e o aprimoramento das estratégias locais de cultivo, beneficiamento e criação.

Os quintais são a casa da maioria das espécies cultivadas pelas entrevistadas. Ao longo da pesquisa foram identificadas 54 diferentes espécies nos quintais (74% do total de espécies). As plantas frutíferas, ornamentais e medicinais³⁸ estão, quase que totalmente, localizadas neste espaço (Apêndice 2). É ali que as mulheres conseguem dar maior atenção às plantas, testar o cultivo de novas espécies e enfeitar o espaço com plantas que agradem seu gosto particular (Fotografias 29 e 30).

³⁷ A citação do arroz no gráfico de perdas se dá devido ao caso de uma das famílias terem parado de cultivar o arroz devido à dificuldade de colhê-lo. O processo de colheita do arroz se dá com as roças já alagadas (pelas chuvas e pela água do rio), o que torna o ambiente propício à sanguessugas, afastando alguns/mas trabalhadores/as.

³⁸ As plantas medicinais estão presentes nos quintais e nas hortas.

Fotografia 29: Mulher mostrando as plantas de seu quintal. A esquerda “pezinho de flor” (ornamental) e a direita “barço” (medicinal).

Fotografia 30: Mulher cercando pé de laranja com bagaço de cana-de-açúcar seco em seu quintal.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

O quintal é, também, lócus das *casas de farinha*, espaços nos quais a mandioca é processada para se ter farinha e/ou goma. As casas são cobertas, podendo ou não ter paredes, possuem forno de pedra, ralador, prensa, peneiras e algumas bacias ou caixas d’água. O processo da feitura de farinha e/ou goma pode se dar somente entre a família ou no sistema de meia. Independente dos arranjos prévios no dia da feitura da farinha e da tiragem da goma todos os envolvidos no processo trabalham juntos.

O sistema de meia é bastante utilizado, devido a grande necessidade de mão de obra não vale a pena beneficiar pouca mandioca. Podem também ser contratados vizinhos/as para ajudar no processo, tendo como pagamento parte da produção ou o valor da diária em dinheiro. Em um dia preferencialmente de sol e calor no período das secas - pois as chuvas podem dificultar o processo e até estragar o produto, como no caso da goma, que precisa secar ao sol - , o grupo envolvido se reúne na casa de farinha para dar início aos trabalhos de descascar as mandiocas,

colocá-las na água (Fotografia 31), ralá-las, tirar a goma, prensá-las e torrâ-las.

O processo de tirar a goma é o único feito exclusivamente pelas mulheres (Fotografia 32). São elas quem lavam a mandioca ralada e depois a torcem em panos bem finos separando a água da goma (que escorre para dentro de uma bacia/caixa d'água) da mandioca ralada que, depois da lavagem, vai para a prensa. Após a tiragem da goma é necessário deixá-la descansando na bacia com água por algumas horas até que assente no fundo e seja possível retirar a água deixando só a goma. Depois dessas etapas, ela ainda precisa secar ao sol.

A farinha pode ser feita tanto com a massa de mandioca lavada, depois da retirada da goma, quanto com a massa sem lavar, ainda com a goma. Para fazê-la é necessário peneirar a mandioca depois de ralada (seja lavada ou não) e torrâ-la no forno de pedra (Fotografia 33). Com a massa da mandioca é possível também fazer *beiju*. Molda-se a massa no formato de pequenos discos e os coloca no forno de pedra para torrâ-los (Fotografia 34). Seu consumo é comumente feito na merenda e no café da manhã.

Ao longo de todo esse processo, que dura alguns dias, os/as envolvidos/as aproveitam para papear, contar *causos*, debater questões da comunidade e, principalmente, rir bastante. É um momento de alegria para distrair do trabalho pesado e aproveitar o tempo com os/as amigos/as (Fotografia 35).

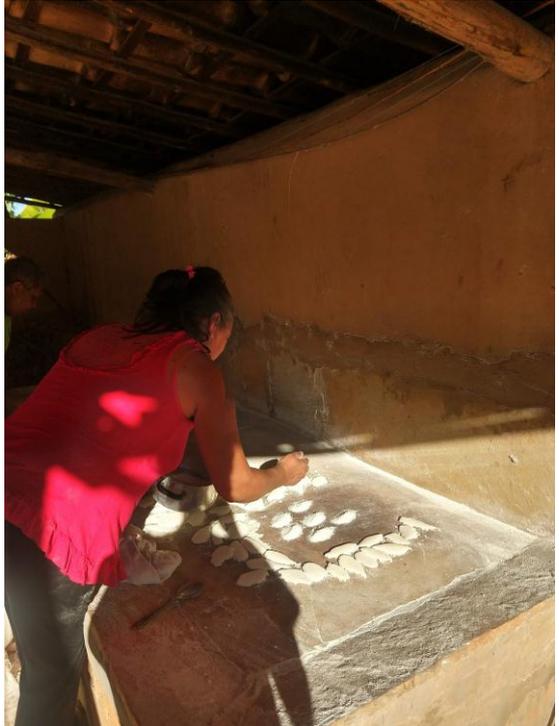
Fotografia 31: Mulher mexendo a mandioca ralada em bacia com água.

Fotografia 32: Mulheres tirando a goma da massa da mandioca.



Fotografia 33: Vizinhos torrando a massa da mandioca no forno de pedra para fazer farinha.

Fotografia 34: Mulher fazendo beiju com a massa da mandioca.



Fotografia 35: Vizinhos ralando mandioca juntos.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

Algo semelhante acontece no beneficiamento da cana de açúcar. O processo de fabricação de rapadura e cachaça também é feito no quintal (Fotografias 36, 37, 38 e 39). Os instrumentos ficam localizados em áreas cobertas e durante os dias de fabricação a família toda atua, podendo também contar com a ajuda de vizinhos/as, contratar trabalhadores/as e dividir o serviço no esquema de *meia*. O beneficiamento da cana é feito em pequena quantidade na comunidade, são poucas famílias que executam o processo e menos ainda são as que comercializam - somente uma no ano de 2019 (diferente do que ocorre com o beneficiamento da mandioca).

Fotografia 36: Máquina de moer cana.

Fotografia 37: Mulher mostrando o molde utilizado na modelagem da rapadura.



Fotografia 38: Fornos utilizados para ferver a garapa.

Fotografia 39: Mulher mostrando o alambique.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

Os produtos advindos da mandioca e da cana são essenciais para a alimentação geraizeira. Tanto a goma, quanto a farinha, a rapadura e a cachaça são bastante apreciados. Quando não se é possível produzir em seu próprio quintal ou de meia com algum/a vizinho/a, prioriza-se a compra na própria comunidade. Entretanto, essa produz menos do que é demandado, sendo comum que se compre também de comerciantes externos.

1.2.3 A horta

As hortas podem estar tanto dentro dos quintais, nas *terras do alto*, mais secas e próximas às casas; quanto no brejo, terras bastante úmidas e mais distantes da casa. Essas são espaços de domínio feminino, são as mulheres que, anualmente, as refazem e são as responsáveis pelo seu plantio, cuidado e colheita (Fotografias 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46 e 47).

Fotografia 40: Mulher levando para casa os insumos colhidos em sua horta.

Fotografia 41: Mulher colhendo couve em sua horta.



Fotografia 42: Mãe e filha regando a horta com a água do rio.

Fotografia 43: Mulher colhendo cebola e coentro em sua horta.



Fotografia 44: Mulher colhendo alface em sua horta.

Fotografia 45: Mulher procurando batatas no solo de sua horta.



Fotografia 46: Mulher adubando sua horta.

Fotografia 47: Mulher semeando sementes em sua horta.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

O período de plantio das hortas no Pau D'arco é entre março e maio³⁹ e nesse momento as mulheres trabalham para plantar ali temperos, legumes, frutas e verduras que abastecem suas casas ao longo do ano. Durante o preparo, por vezes, conta-se com o auxílio de familiares (marido, filhos/as, irmãos/as, cunhados/as, compadres/comadres etc.), mas é a *dona da horta* quem encabeça o processo. Essa, se não faz tudo só, realiza a maior parte das atividades e toma as decisões do que vai ou não ser plantado ali e de que forma.

Logo que cheguei na comunidade para minha segunda visita de campo, estava ocorrendo um curso de horta promovido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, SENAR – Norte de Minas. Um grupo de doze mulheres se inscreveu (não tiveram

³⁹ Tradicionalmente a feitura das hortas ocorre durante a Semana Santa de cada ano.

homens interessados) e teve aulas sobre formas de cultivo, adubação, preparo da terra e outros temas associados durante uma semana. As mulheres que realizaram o curso se mostraram bastante contentes com a experiência e os aprendizados adquiridos, e empolgadas para testar as novas técnicas que lhe foram ensinadas e, se positivas, passá-las para frente.

Há uma seleção rigorosa por parte das mulheres das técnicas novas a serem aplicadas e/ou transmitidas. Essas priorizam aquelas passadas pelas gerações e, por vezes, têm dificuldades de seguir novos caminhos, mesmo quando interessadas em inovar. O passar do tempo, porém, exige inovação. As mudanças climáticas tem, anualmente, afetado a feitura das hortas. Alterações no fluxo do rio, no regime de chuvas e na umidade da terra, por exemplo, dificultam a irrigação desses espaços.

As hortas sofrem com a falta de água no período da seca. Diversas foram as vezes que acompanhei mulheres às hortas para molhá-las e, chegando lá, não foi possível devido à falta d'água (seja no rio ou nas caixas de armazenamento de água). Diante dessa situação algumas mulheres fazem suas hortas logo no início de março, antes da Semana Santa (data que tradicionalmente são feitas as hortas), para que colham mais cedo, já em agosto, e o cultivo se desenvolva enquanto ainda chove. Quando a seca é mais intensa e/ou longa ou quando fazem as hortas mais tarde (final de abril ou maio) é comum comentários sobre como as cabeças dos alhos e das cebolas não cresceram e sobre como cenouras, beterrabas, abóboras e tomates não prosperaram.

Quando as mulheres não conseguem fazer suas hortas antecipadamente ou logo na Semana Santa elas costumam dar espaço maior (se não, somente) para o alho, a cebola e o coentro. Os temperos característicos da cozinha local saem, majoritariamente, de processos que envolvem esses três condimentos. Nesses casos o restante das verduras e legumes podem ser cultivados nos quintais durante o período das chuvas.

Chiles (2018a) ressalta ainda que tem ocorrido com frequência o aumento do número de hortas feitas em espaços cercados nos quintais, ao lado das casas. A facilidade cada vez maior de acesso à telas, mangueiras e sistemas de irrigação tem feito as famílias preterirem cada vez mais as hortas nos brejos.

As interlocutoras da pesquisa relataram cultivar 31 espécies diferentes em suas hortas com finalidades que variam entre a alimentação familiar, a alimentação

animal, o uso medicinal e o comércio (Apêndice 2). O principal fim é a alimentação familiar, até aquelas famílias mais dedicadas ao comércio acabam disponibilizando para a venda somente o excedente - que não querem ou o que não conseguem consumir.

Para a composição da alimentação é usual ir à horta diariamente (ou de dois em dois dias) perto dos horários de almoço e/ou jantar colher algo para montar uma salada ou temperar a comida. E nos períodos de colheita do alho e do coentro as mulheres “pisam”⁴⁰ diversos temperos (diferentes misturas de alho, coentro e sal) que darão sabor às suas comidas.

Não há regras sobre o que plantar nas hortas. O plantio anual vai das vontades e disponibilidades das mulheres e, ao longo do ano, o que não foi plantado ou o que não prosperou é complementado através de doações e trocas.

Há uma forte teia de relações entre mulheres ao redor das hortas. Por ser um espaço de atuação quase que exclusivamente feminino, há processos dominados apenas por elas que geram vivências particulares. Essas trocam em miúdos técnicas de cultivo, sementes e produtos (desde adubo às hortaliças). Aqui, a reciprocidade geraizeira se expressa nesse suporte mútuo entre as mulheres.

No momento inicial do preparo da terra as mulheres se dirigem às áreas mais úmidas para limpar o espaço onde será feita a horta e muitas se juntam para fazer suas hortas lado a lado. Desse modo, podem contar uma com a outra na hora de regar, por exemplo, e ainda colher algo que não possuem nas hortas ao lado sempre que precisarem⁴¹. Além disso, há circulação de mudas e sementes entre as mulheres. Essas compartilham as novidades entre si para multiplicá-las pelas hortas⁴².

É comum armazenar sementes de um ano para o outro, comprando novas somente quando necessário. Contudo, a compra de sementes para as hortas é mais usual. Duas das entrevistadas realizam com frequência a compra de sementes para a horta nas cidades próximas. Ambas dizem preferir as sementes compradas, pois essas

⁴⁰ Amassar no pilão - tarefa feminina que exige força física e disposição.

⁴¹ Há um acordo entre as mulheres que são vizinhas, amigas ou familiares de poder colher algo que não tenham nas hortas uma das outras. Esse pode ser implícito ou expresso por palavras.

⁴² Enquanto estive no Pau D’arco pude presenciar esse processo com o morango. Algumas vizinhas compartilharam entre si essas mudas, estavam plantando para ver se cresciam e compartilhando as experiências entre si.

são de melhor qualidade, já vêm imunizadas, crescem mais rápido, dão folhas mais bonitas, duram mais etc (Fotografias 48 e 49).

Fotografia 48: Embalagens com sementes convencionais de pepino, coentro e alface.

Fotografia 49: Embalagens com sementes convencionais de repolho, couve e tomate. Na garrafa sementes locais de alface armazenadas de um ano para o outro.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

A presença dos homens nas hortas é restrita. Esses participam dos processos de preparo da terra e, por vezes, do plantio, do cuidado e da colheita, mas em todo tempo gerenciados pelas mulheres. São elas que guiam o que vai ser cultivado ali e de que forma, considerando as demandas da família e suas possibilidades de plantio e de cuidado. Todas as entrevistadas mães de homens contaram ter ensinado seus filhos a trabalhar nas hortas e levado esses a frequentá-la. A atuação masculina, entretanto, se dá em forma de ajuda, a responsabilidade pela horta é atribuída às mulheres (Fotografias 50 e 51).

Fotografia 50: Casal limpando o canteiro onde foi plantado cebolinha.

Fotografia 51: Casal em meio ao seu plantio de coentro.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

1.2. 4 A casa

Não é possível dizer que a atuação dos homens no trabalho doméstico é nula. Todas as mulheres entrevistadas relataram que quando elas não estão em casa e não tem outra mulher para executar a atividade doméstica, são eles quem a fazem. Mas que esse é somente o último caso.

No que diz respeito à comida é comum que esses só saibam fazer o básico e quando se trata da limpeza/arrumação não executem todos os processos e/ou não tenham certeza a respeito das formas utilização dos produtos. Além disso sua participação é sempre vista como uma ajuda. O dever do cuidado com a casa não é deles. Quando, por algum motivo, as executam, as fazem sabendo que aquelas não são suas atividades.

O mesmo acontece no cuidado com os/as filhos/as. A divisão de tarefas acaba por sobrecarregar a mãe, que fica responsável pelo maior número

de atividades (alimentar, dar remédios, encaminhá-los para escola, botá-los para dormir, vigiá-los etc).

Apenas três das entrevistadas disseram que os companheiros atuam nas tarefas de casa e no cuidado com os filhos. Enfatizaram, ainda, que a participação deles é sempre menor do que as delas. No que diz respeito ao cuidado com idosos/as e/ou com pessoas adoentadas o padrão se mantém. São as mulheres as incubidas de realizar o trabalho de cuidado para com esses/as (Quadros 3 e 4).

Quadro 3: São elas quem cuidam.

Em minhas andanças pela comunidade pude conhecer uma família na qual o pai ficou doente e apenas uma de suas filhas morava na comunidade e poderia cuidá-lo. Contudo, o acúmulo das atividades agrícolas, da casa e de cuidado com o pai adoentado gerou uma sobrecarga para a filha que teve que pedir ajuda aos irmãos que moram em São Paulo. Alguém precisaria voltar ao Pau D'arco para ajudar a cuidar do pai. Diante dessa situação a irmã mais nova saiu de seu emprego e voltou à comunidade. As duas filhas, assim, assumiram (tiveram que assumir) a responsabilidade do cuidado.

Em outro caso, quando o pai adoeceu foi novamente a filha quem abdicou de suas atividades para cuidar dele em período integral. Essa, diante da necessidade de dedicar mais tempo ao pai, teve que deixar de trabalhar na roça, indo até lá somente para levar as marmitas. Ela, sua irmã (que morava em São Paulo, mas passava temporadas no Pau D'arco para cuidar do pai) e sua cunhada atuaram no cuidado cotidiano do pai até seu falecimento.

Quadro 4: Exceções à regra do cuidado.

Em uma das casas que visitei, morava a mulher com seu marido, dois filhos, uma filha e o sogro, já idoso e doente. Seu marido foi o último dos irmãos a sair de casa e cuidou dos pais ao longo de toda sua vida. Primeiro sua mãe ficou doente e ele foi para São Paulo com ela para que se tratasse e, quando voltaram, ficou cuidando dela em casa até seu falecimento. Agora que o pai adoeceu ele foi morar com uma de suas filhas, todavia, como já era acostumado com o filho, quis ir para a casa dele. Hoje é o filho que o cuida, com a ajuda da esposa.

Em outra casa conheci uma família formada por um casal e uma filha. Eles moram no terreno que era da mãe do marido, em uma casa ao lado da que era dela. A mãe/sogra esteve muito doente, por anos, e foi seu filho quem a cuidou. Os/as vizinhos/as comentam que a esposa não ajudava em nada, que era somente o filho quem cuidou da mãe até seu falecimento.

Devido ao serviço doméstico as mulheres têm sempre que estar em casa, mesmo quando têm também que estar nos quintais, nas hortas e/ou nas roças. É de dentro do espaço doméstico que essas gerenciam boa parte da vida da comunidade. Ao fazer comida, limpar e organizar a casa (varanda e quintal) e cuidar das crianças, dos adoentados e dos idosos atuam como pilares para o bem-viver e mantêm as dinâmicas familiares funcionando.

O bem-estar físico e psicológico da família depende em grande parte da atuação das mulheres. Ter comida pronta em todas as refeições, casa limpa e alguém que cuide caso adoença é fundamental para que se possa sentir felicidade, tranquilidade, segurança e para que se tenha disposição.

A manutenção do bem-viver tem um custo e esse é pago pelas mulheres. Elas acumulam as tarefas domésticas às demais e acabam cumprindo jornadas duplas/triplas/quádruplas de trabalho. A sobrecarga é visível e reconhecida por elas. É comum estarem fazendo duas coisas ao mesmo tempo como cuidar das crianças ou idosos e realizar atividades agrícolas ou domésticas (Fotografias 52, 53, 54 e 55).

Fotografia 52: Mãe amassando biscoitos enquanto cuida dos filhos.

Fotografia 53: Mulher indo trabalhar na roça do brejo e levando consigo os sobrinhos



Fotografia 54: Mulher alimentando os porcos junto aos sobrinhos



Fotografia 55: Filhas com o pai idoso e doente limpando roça de feijão no brejo.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

Em uma das igrejas da comunidade, há uma escala de limpeza. Essa é feita semanalmente por uma dupla ou trio. A escala é organizada para o ano todo e há apenas um homem escalado (um adolescente que faz parte da coordenação da igreja), o restante são mulheres. Nem se cogita escalar os demais homens para tal atividade, pois é certo que esses não a cumprirão ou, se cumprirem, não farão tão bem feito quanto as mulheres.

As mulheres admitem e declaram ser/estarem sobrecarregadas e reconhecem a invisibilidade de suas tarefas domésticas. Quando feitas, essas passam despercebidas, já quando não feitas, causam mal-estar e reclamação dos demais. Uma casa bagunçada, suja ou uma refeição atrasada (ou considerada como mal feita) gera desaprovação do restante da família e das visitas.

As mulheres são constantemente cobradas (por si e pelos demais) para que se tenha refeições fartas e pontuais em sua casa e para que o ambiente esteja sempre limpo e arrumado. Como estratégia para evitar algum tipo de constrangimento é comum que as mulheres organizem as bagunças e limpem as sujeiras logo que ocorrem.

Estive com uma família que trabalha vendendo seus produtos na feira. No dia anterior a ida à cidade eles organizam todos os produtos a serem vendidos, processo que dura até tarde da noite. Ao fim acabam por deixar a área de casa suja e desorganizada. No dia seguinte bem cedo a esposa acorda e já organiza e limpa tudo. Ela conta que tenta fazer isso sempre, pois um dia que não fez chegou visita e ela ficou

muito envergonhada. Nesse dia, logo que ouviu a moto se aproximar, ela se escondeu dentro de casa e quando viu que a visitante era uma vizinha, fingiu que não estava. Disse que se fosse um homem ela conseguiria enganá-lo, já que esses são menos atenciosos a esses detalhes, mas como era uma mulher seria impossível enganá-la.

Há, ainda, um o sentimento de satisfação pessoal das mulheres ao realizarem atividades domésticas de forma bem-feita e agradarem seus familiares e visitantes. Nessa situação uma contradição é estabelecida: ao mesmo tempo que as mulheres reconhecem o peso das atividades domésticas e das cobranças sobre essas, sentem contentamento em realizá-las.

Não é como se as mulheres apenas seguissem cegamente ordens e tradições que exigem que cumpram determinados papéis. Essas relatam prazer em realizar diversas das atividades que envolvem o cuidar e trabalho doméstico e reconhecem a invisibilidade das tarefas atribuídas a elas, e também a inércia e a reclamação dos homens.

As mulheres cuidam da casa, dos filhos e ainda trabalham na roça. No fim do dia a gente vê muita mulher na roça, elas já cuidaram da casa, fizeram comida e foram trabalhar na roça. E quando voltarem pra casa ainda vão fazer janta. Trabalhar na roça às vezes é mais fácil, sabe. O trabalho lá tem fim, em casa nois nunca tem fim. Você faz as coisas e, no dia seguinte ou no minuto seguinte, já tem que fazer tudo de novo. (Entrevistada 2, Pau D'arco III, 17/07/2019)

As mulheres fazem mais os trabalhos na roça que costumam ser feitos por homens (como abrir as covas, passar o trator e tomar a terra) do que os homens fazem tarefas de casa. (Entrevistada 17, Pau D'arco I, 17/08/2019)

As mulheres fazem tudo que os homens fazem e ainda mais. (Entrevistada 4, Pau D'arco III, 20/07/2019)

A mulher, mesmo trabalhando na roça, não pode se descuidar da casa e nem da alimentação. Precisa estar em casa para fazer o almoço, muitas vezes indo para roça só de tarde ou indo, voltando para fazer o almoço e indo de novo. (Entrevistada 14, Pau D'arco III, 11/08/2019)

Não tem coisa melhor do que um casa limpa, um biscoito feito. Se chega visita é só passar um café. Visita que gosta da comida da gente é muito bom, que não tem frescura. É bom sempre ter uma coisinha, né, pra agradar a família, os vizinhos. Eu gosto muito de fazer bolo, minha filha também, sempre tem uma mistura. (Entrevistada 16, Pau D'arco I, 14/08/2019)

Há uma espécie de cumplicidade entre as mulheres no âmbito doméstico. Essas estão sempre dispostas a ajudar uma a outra a limpar a casa, lavar a louça, lavar/estender roupa, cuidar dos filhos/sobrinhos/afilhados e fazer comida. A reciprocidade, aqui, se expressa na forma da divisão de tarefas visando desafogar a outra de trabalho. Por reconhecerem em si o excesso de trabalho, o veem também nas outras e buscam se ajudarem mutuamente.

Como dito, quando uma mulher não está realizando uma tarefa enquadrada como feminina, outra está, e assim elas vão se incentivando e realizando seus processos. Se unem para dar conta de retribuir o que lhes é cobrado (externa e internamente) fortalecendo a teia de suas relações. Várias foram as situações assim que vi e ouvi na comunidade. Amigas, vizinhas e parentes cuidando do/a filho/a para que essa pudesse trabalhar ou descansar, visitas lavando a louça para a anfitriã após a refeição, irmãs e cunhadas se juntando para lavar e arrumar a casa, vizinhas cozinhando para alimentar a família da outra, comadres indo fazer biscoitos e bolos juntas, entre outras ações.

As diferenças individuais existem. Não cabe afirmar aqui a existência de um grupo monolítico de mulheres, absolutamente coeso. Contudo, em seus grupos sociais e familiares, as mulheres estabelecem conexões que as levam a dividir tarefas e aliviar (mesmo que de forma sutil) suas obrigações domésticas. E, num espectro mais amplo, quando há necessidade, as diferenças se diluem e as geraizeiras se colocam à disposição uma das outras.

1.2.5 O gado

O gado é um animal muito valorizado na comunidade geraizeira do Pau D'arco, são como uma fonte de renda a seus criadores, uma poupança. Atuam no processo de preparo da terra para a maioria das famílias e seu leite e sua carne são bastante apreciados. A criação do gado é feita nos *tabuleiros*, onde se fazem as *mangas*. Durante o dia, esses caminham soltos e à noite são recolhidos para o curral. Os currais ficam localizados nos quintais, onde os animais passam a noite presos para que se possa armazenar seu esterco e usá-lo como adubo posteriormente. Assim, é necessário soltar e recolher o gado diariamente.

Em casas nas quais vivem homens saudáveis, é habitual que a atividade de soltar e prender o gado seja feita por eles, mas não é sempre assim. Apesar do domínio masculino, as mulheres também realizam essa tarefa (Fotografia 56).

Como há a exigência de que essa seja realizada em determinados horários (pela manhã e ao final do dia) a executa quem tiver disponibilidade nos momentos necessários. O mesmo ocorre com sua alimentação e no recolhimento de seu estercor.

Para lidar com o gado, contudo, é necessário ter o *sangue bom*⁴³. Caso a pessoa “não se dê” com os animais fica impossível tocá-los, prendê-los, guiá-los, tirar seu leite etc. Tanto homens quanto mulheres podem ter o *sangue bom* para a lida com o gado. Todavia, apesar da atuação feminina, é possível dizer que essa é uma tarefa predominantemente masculina, mesmo o gênero não sendo o único fator determinante

Entre o gado, os bois e garrotes amansados são utilizado majoritariamente para o serviço nas roças e para carregar material, como a lenha e pedras (Fotografia 57). Eles são comumente criados em duplas de trabalho, parelhas. Aqueles/as que possuem vacas visam também sua produção de leite, buscando emprenhá-las anualmente. Há também quem compre gado para comercializar sua carne na própria comunidade. Quando um gado vai ser abatido, a notícia corre as casas e a negociação começa antes do abatimento. No momento que se corta os pedaços de carne, esses já têm dono/a. Quem abate costuma vender os melhores pedaços (que valem mais) e ficar com os miúdos. Esse serviço é majoritariamente masculino. Durante meu período na comunidade, não conheci nenhuma mulher que realizasse essa atividade.

Fotografia 56: Mulher tocando o gado para dentro do curral.



⁴³ Ter o *sangue bom* para mexer com o gado pode ser compreendido como não ter medo e ao mesmo tempo ser bem recebido por esses animais. Quem, mesmo na necessidade, não consegue controlá-los ou se aproximar deles, não tem sangue para a lida.

Fotografia 57: Mulher descarregando pedras do carro de boi.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

O cuidado com o espaço no qual o gado pasta e descansa também é trabalho masculino. Roçar a *manga* com a foice, para cortar o mato, é tarefa que exige força e precisão. Usualmente essa não é ensinada às meninas/mulheres. O mesmo ocorre com a feitura da cerca. Cortar os troncos de árvore, carregá-los, dispô-los e passar a cerca de arame farpado entre eles é uma das atividades nas quais se recorre a homens jovens. Apesar disso, em casos de necessidade (ou de vontade) as mulheres executam essas tarefas. Em uma das casas que fiquei, na qual moravam apenas duas senhoras, soube que foram elas quem fizeram e refizeram toda a cerca da propriedade, sem nenhuma ajuda externa.

A conexão entre o gado e o universo masculino se fortifica, também, devido ao uso desses nas atividades da roça de domínio dos homens (*tombar* a terra e passar o *cepo*). Desde jovens, os homens são incentivados a criar laços com o gado para que esses o obedeçam na hora de guiá-los pelo campo, o mesmo não ocorre com as mulheres.

1.3 As geraizeiras

Para a presente pesquisa foram entrevistadas dezenove moradoras da Comunidade do Pau D'arco, entre 25 e 75 anos (sendo a média de idade 45 anos). Dessas, quatro são iletradas, dez tem o Ensino Fundamental incompleto e cinco concluíram o Ensino Médio. Onze delas são mães, variando entre um e nove filhos; oito não tiveram filhos.

As dezenove mulheres entrevistadas se dividiam em quinze casas, nas quais pude me hospedar para conhecer suas rotinas e acompanhar seus trabalhos. As casas abrigavam entre duas e sete pessoas, sendo a média de 3,4 habitantes por unidade doméstica.

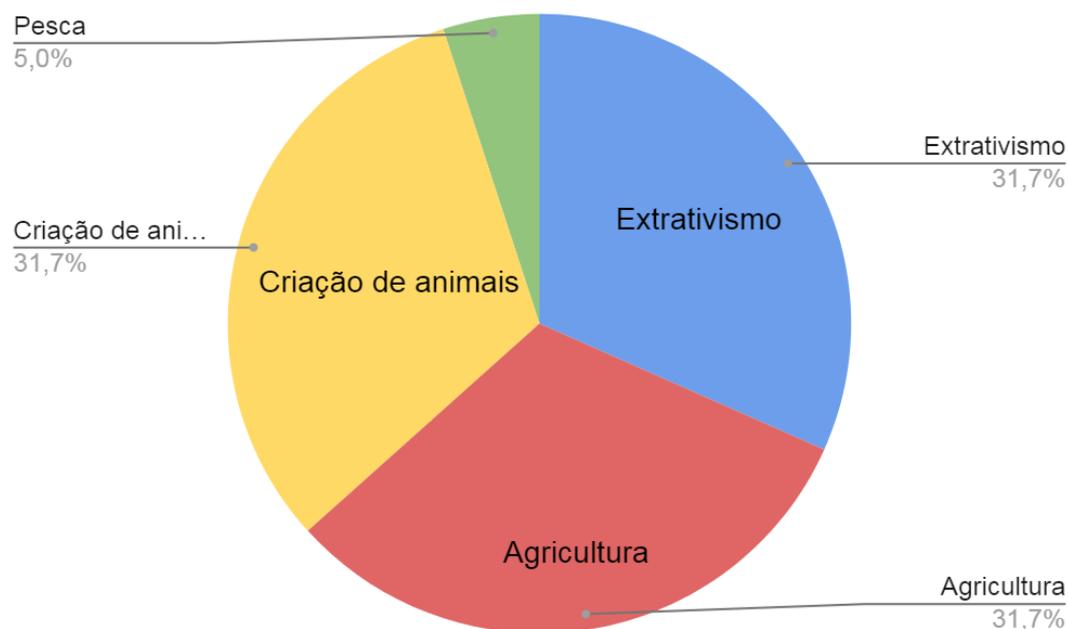
Apenas uma entrevistada não nasceu no Pau D'arco, mas sim em seus arredores, “logo ali atrás da serra”, em uma região chamada Limoeiro, já no município de Espinosa⁴⁴. Ela mora na comunidade há apenas seis anos, a mais recente moradora que compõe a pesquisa. Outras duas nasceram no Pau D'arco, moraram por algum tempo em São Paulo (sete e vinte e nove anos) e retornaram para a comunidade. As demais, nasceram ali e só saíram, quando saíram, para trabalhar momentaneamente fora ou para realizar algum tratamento médico.

1.3.1 A terra e o trabalho

As estratégias econômicas familiares na comunidade incluem o extrativismo, a agricultura, a criação de animais e a pesca. As três primeiras são realizadas pelas dezenove entrevistadas pela pesquisa, enquanto a pesca, por apenas três, como exposto no gráfico 3.

Gráfico 3: Estratégias econômicas familiares da comunidade Pau D'Arco (N=19 entrevistas).

⁴⁴ A divisão entre os municípios de Montezuma, Santo Antônio do Retiro e Espinosa é marcada pela mudança de bioma. Enquanto as primeiras estão no Gerais, a última está na Caatinga.



A pesca não é atividade usual na comunidade. Entretanto, algumas famílias contempladas por grandes tanques de armazenamento de água, por exemplo, costumam enchê-los de peixes para que esse não fiquem sem água e nem com água parada (para que o mosquito da dengue não se prolifere) (Fotografia 58). Além disso em algumas partes da serra há poços d'água que não esvaziam ao longo do ano e nos quais é possível criar peixes (Fotografia 59). Há, ainda, quem construa tanques de criação em seus quintais (Fotografia 60). O custo da alimentação desses é baixo e sua criação permite diversificar a alimentação e comercializá-los localmente.

Fotografia 58: Tanque de armazenamento de água.

Fotografia 59: Mulher alimentando peixes.



Fotografia 60: Mulher alimentando peixes.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

O extrativismo (Fotografias 61 e 62), a agricultura e a criação de animais compõem o dia a dia das famílias estudadas. Apesar de majoritário, o extrativismo não é só do pequi, o maracujá do mato, o coquinho azedo, o araticum, a mangaba e o murici também são apreciados e coletados em suas respectivas épocas de frutificação. Esses são comercializados e também compõe a

dieta geraizeira, seja no consumo *in natura*, seja em forma de doces ou licores.

Fotografia 61: Mulher coletando candombá (*Vellozia sincorana* L.B.Sm. & Ayensu).

Fotografia 62: Coquinho azedo (*Butia capitata*).



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

A agricultura local abrange os plantios em menor escala, comumente feitos nos quintais e nas hortas, e a feitura de roças (Fotografias 63, 64 e 65). No que diz respeito as roças, são três as safras feitas no Pau D'arco: a das Águas, a de Fevereiro e a de Santana. As cito a título de conhecimento, todavia, podem ser compreendidas em profundidade através do trabalho de João Chiles (2018a).

Fotografia 63: Mulher colhendo milho na roça feita em seu quintal.

Fotografia 64: Colheita de feijão cultivado na horta.



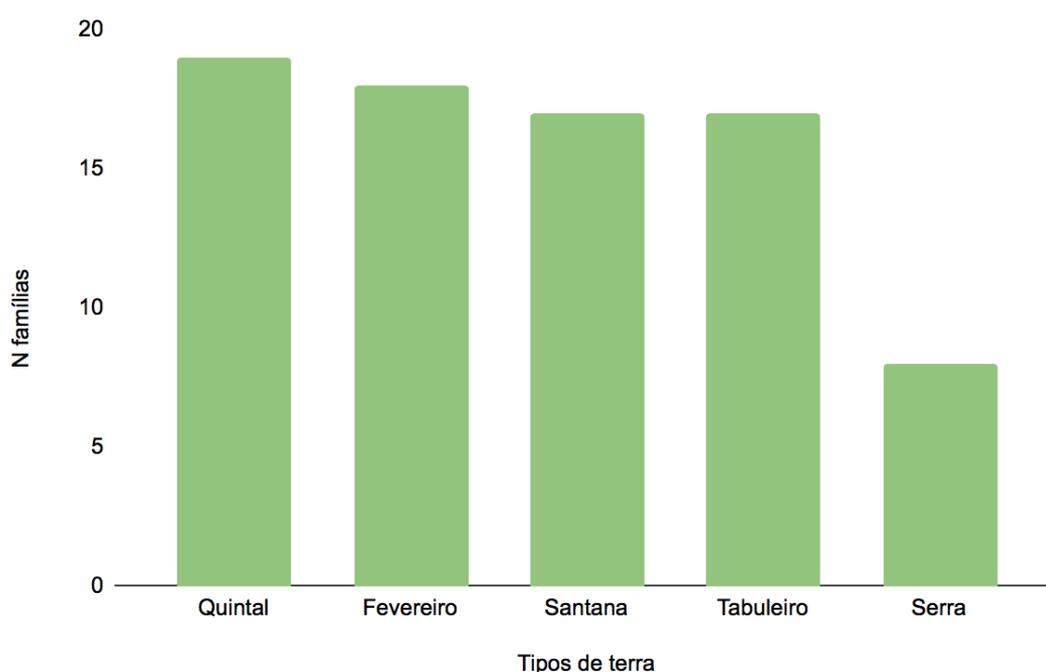
Fotografia 65: Trabalhadores(as) limpando o plantio de feijão.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

As paisagens agriculturáveis da comunidade são divididas entre: *Terras de Quintal* (terras do alto, localizadas mais próximas às casas), *Terras de Fevereiro* (terras intermediárias entre os quintais e os brejos) e *Terras de Santana* (brejos). Essa estão presentes em diversas propriedades locais, assim como o *Tabuleiro* (*Cerrado strictu sensu*) e a *Serra*. Ao longo da pesquisa busquei identificar quais áreas cada família possuía no intuito de conhecer melhor as propriedades e as oportunidades de manejo (ex.: agricultura, extrativismo, criação de animais etc.) oferecidas por essas. Todas as 19 mulheres entrevistadas disseram que suas famílias possuem *Terras de Quintal*, 18 que possuem *Terras de Fevereiro*, 17 *Terras de Santana* e de *Tabuleiro* e 8 terras na *Serra* (Gráfico 4).

Gráfico 4: Categorias de terras sob posse das famílias (N = 19 entrevistadas).



No Alto Rio Pardo, o histórico de ocupação colonial das terras data do século XVI, período em que as primeiras expedições portuguesas adentraram o território. Antes desse período, entretanto, o espaço já era ocupado por diferentes etnias indígenas.

A colonização gradual dessas terras ocorreu ao longo dos séculos seguintes em duas principais frentes: os paulistas que buscavam ouro e a captura de indígenas e os nordestinos (especialmente da Bahia e de Pernambuco) à procura de espaços para a criação de gado. A união (forçada) entre esses grupos e os povos originários que ali viviam deu origem a ocupações lentas e desordenadas que abrigavam uma população majoritariamente pobre, subalterna às grandes fazendas da região (CORREIA, 2017).

A essa população, somaram-se grupos excluídos socialmente, como garimpeiros, pessoas escravizadas já alforriadas e agricultores/as. Esses chegaram devido à crise do ouro e da economia pecuária e se agruparam em terras abandonadas e no interior das fazendas (CORREIA, 2017). Ao longo de toda a história brasileira, as populações não pertencentes aos centros dinâmicos da economia nacional refugiaram-se nos espaços menos povoados, com terra e recursos naturais abundantes, que possibilitaram sua sobrevivência e a reprodução de seus modos de vida (DIEGUES, 2000).

O relativo isolamento, a herança dos saberes indígenas, a complexa relação da população com o *Gerais* e as dinâmicas de uso do território engendraram o modo de vida e a identidade geraizeira (CORREIA, 2017). A comunidade do Pau D'arco, especificamente, recebeu seu nome e território de duas fazendas: Curral Novo e Pau D'arco. Essas fazendas, que desde o século XIX produzem feijão, mandioca e cana-de-açúcar - culturas ainda fortemente presentes - foram divididas entre herdeiros e trabalhadores, ainda antes do fim da escravatura, e deram origem às divisões internas existentes hoje na comunidade⁴⁵ (Figura 3) (CHILES, 2018a).

Quando questionadas sobre o significado de terra para si e para a comunidade, as interlocutoras da pesquisa enfatizaram que é da terra que as famílias tiram o seu sustento há gerações.

Comentários como “a terra significa tudo” (Entrevistada 2, Pau D'arco III, 19/07/2019), “o trabalho na terra é o que garante a vida das pessoas da comunidade” (Entrevistada 5, Pau D'arco III, 24/07/2019), “a terra é a vida por aqui” (Entrevistada 10, Pau D'arco III, 04/08/2019) e “é da terra que se vive” (Entrevistada 14, Pau D'arco III, 12/08/2019), se fizeram presentes ao longo de toda pesquisa. A dimensão do território para além da noção de posse parece permear a comunidade. Foi frequente a compreensão da terra enquanto espaço comum no qual se trabalha.

⁴⁵ Para um relato detalhado do histórico de ocupação e de divisão do território que envolve a comunidade do Pau D'arco de acordo com a história oral da região acessar Chiles (2018a).

É da terra que se tira boa parte do sustento da família. São gerações tendo a terra como fonte de renda. (Entrevistada 1, Pau D'arco III, 15/07/2019).

Na roça a gente precisa viver das coisas da terra e trabalhar nela para poder sobreviver, não tem outro jeito. (Entrevistada 17, Pau D'arco III, 17/08/2019).

E a associação entre terra e produção de saúde.

A comunidade é um espaço de tranquilidade, os vizinhos amigos, a gente se alimenta do que planta. Uma comida saudável, que dá saúde. (Entrevistada 2, Pau D'arco III, 17/07/2019).

A terra é tudo que a gente tem, o trabalho é muito duro, mas nos dá de tudo. Se fosse pra comprar tudo de comer, a gente não ia ter dinheiro e nem a mesma saúde. (Entrevistada 15, Pau D'arco III, 12/08/2019).

A possibilidade de se alimentar do próprio cultivo, saber de onde vem o que a família consome e como o alimento é cultivado (sem veneno e com saúde) também é fundamental na compreensão das mulheres.

Dezesseis das dezenove entrevistadas afirmaram que as terras de suas famílias são cultivadas há duas ou três gerações, reforçando que, em alguma medida, é dali que se vive há décadas (mais de 100 anos).

As ameaças a esse território aparentemente são raras. Até os dias atuais foram poucos os momentos que a comunidade relata ter sentido medo de perder suas terras. O relato geral das entrevistadas foi o de não temerem a perda de seus territórios e de esse não ser um tema presente em suas memórias e nem pauta nos debates comunitários e nas rodas de conversa. Todavia, algumas situações específicas me foram apresentadas.

Uma entrevistada relatou o caso de um comprador de terras interessado no plantio em monocultura de pequi que sondou alguns espaços na comunidade para a compra e gerou medo nos/as moradores/as. Entretanto, só teve “uns besta” que venderam. Outra contou que a Serra do Pau D'arco, região mais citada quando se trata de possíveis ameaças (Quadro 5), já foi alvo de ações em possíveis buscas por pedras. Todavia, ninguém sabe como esses “exploradores” tiveram acesso à região. “Só se foi uns bobo que vendeu terra lá em cima pra eles, porque isso aí acaba com a natureza e a Serra é também lugar de tradição, todo dia doze de outubro sobe todo mundo lá, reza, tem missa...” (Entrevistada 3, Pau D'arco III, 18/07/2019).

Outro caso foi o de um morador recente da comunidade que adquiriu terras ainda não exploradas, as quais estavam cobertas de vegetação e localizadas bem próximas à nascente Água Santa, que abastece dezenas de famílias com água. Os

vizinhos encararam sua presença como ameaça e temeram danos ambientais, chegando a ameaçar e intimidar o novo morador.

Quadro 5: Ameaças às terras da Serra.

Diversos foram os relatos que ouvi relacionados à retirada de “pedras preciosas” da Serra. Vez ou outra a comunidade leva um susto devido à presença de interessados em explorar esse espaço. Ninguém sabe bem as intenções dessas pessoas, se compraram as terras de alguém, se são de alguma empresa, se é gente da região ou de fora etc. E raramente procura-se investigar a procedência dos exploradores por receio das consequências. A serra é, além de marcador físico da paisagem, espaço de tradição. Todo dia doze de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida, a comunidade sobe a serra e uma missa é celebrada em seu topo. Além disso, alguns/mas moradores/as também fazem uso desse espaço para o trabalho. Extraem dali pedras para a feitura de fornos para torrar farinha, para o ladrilhamento da casa, para a montagem de mesas, entre outros. E rotineiramente grupos de amigos/as sobem a Serra para explorá-la e apreciar a vista lá do alto (dizem que no período das chuvas a vista é ainda mais bonita pois todos os brejos estão cheios e é possível ver os plantios nos quintais). Assim, qualquer alteração em sua estrutura da Serra impacta a vida de todos/as.

1.3.2 As plantas e os animais

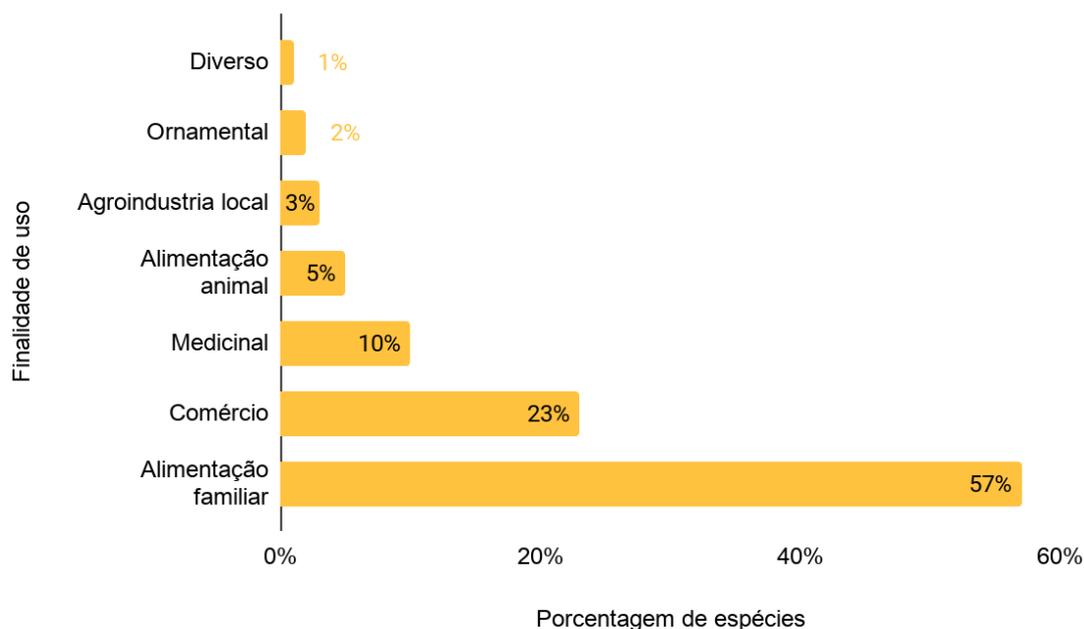
As entrevistadas citaram, ao longo da pesquisa, 73 espécies de plantas divididas entre os espaços de cultivo. Não há regra fixa sobre onde cultivar determinada espécie, os locais variam de acordo com a época do ano e os interesses dos/as agricultores/as. O feijão, por exemplo, foi encontrado tanto nos quintais quanto nas roças e nas hortas. Ao todo foram 59 espécies encontradas nos quintais, espaços de maior diversidade, 31 nas hortas e 5 nas roças.

No que diz respeito às finalidades de uso, a alimentação familiar aparece em primeiro lugar. Das 73 espécies citadas, 62 (57%⁴⁶) são utilizadas para a alimentação da família; 25 (23%) tem como fim o comércio; 11 (10%) são utilizadas como remédios; 2 (2%) são plantas ornamentais, 5 (5%) alimentam os animais, 3

⁴⁶ Todas as porcentagens serão expressas de forma arredondada seguindo a Norma ABNT NBR 5891. Optou-se por essa estratégia por acreditar que, assim, facilita-se a compreensão dos dados.

(3%) pertencem a agroindústria local e apenas 1 (1%), o algodão, tem uso diverso (Gráfico 5). As espécies não possuem fim único. A mesma planta pode ser utilizada para a alimentação familiar e animal, o comércio e compor a agroindústria local, por exemplo, como é o caso da cana.

Gráfico 5: Porcentagem de espécies de plantas citadas de acordo com a finalidade de uso (N= 19 entrevistas, 73 citações).



No apêndice 2 é apresentada uma tabela com todas as espécies encontradas nos quintais, nas hortas e nas roças das famílias que compõem a pesquisa. Todas essas foram indicadas pelas mulheres e dão uma visão da agrobiodiversidade⁴⁷ local. Não foi feito um levantamento profundo das espécies, mas sim um apanhado das indicações das colaboradoras.

Dentre as 73 espécies, alguns cultivos se destacam, seja por terem maior importância comercial, produtiva, emocional ou alimentar⁴⁸. Quando questionadas acerca da relevância das espécies 8 entrevistadas citaram o feijão como cultivo mais

⁴⁷ Compreende-se a agrobiodiversidade em suas múltiplas dimensões (alimentar, econômica, fundiária, estética, afetiva, recreativa, patrimonial etc.) (EMPERAIRE, ELOY e SEIXAS, 2016).

⁴⁸ De acordo com os Censos Agropecuários de 1995-96, 2006 e 2017 a mandioca é o principal produto agrícola da região.

relevante. O seu consumo diário no almoço e no jantar, seu ciclo rápido de plantio e sua facilidade de venda⁴⁹ corroboraram para que essa fosse a espécie mais citada.

Para 6 mulheres todos os cultivos (ou nenhum deles) são os mais importantes, visto que todos compõem a alimentação e são produzidos sem agrotóxicos (“sem veneno”), gerando saúde a quem os consome. Tudo é aproveitado, mesmo com diferentes finalidades, o que torna todas as plantas significativas para a vida na roça.

Tudo acaba sendo importante, seja para a alimentação saudável, para o comércio, para dar aos animais, para dar/trocar com os vizinhos ou para enfeitar. (Entrevistada 14, Pau D’arco III, 11/08/2019)

O alho foi citado 3 vezes por ser necessário para o preparo de todas as comidas, assim como o coentro, mencionado 2 vezes (Fotografias 66, 67 e 68). Ambos são a base dos temperos feitos na comunidade. O milho também apareceu 2 vezes. Esse é de extrema importância para a alimentação animal e produzir o suficiente para alimentar os bichos evita a compra das sementes convencionais na cidade.

Fotografia 66: Sementes de coentro verdes.

Fotografia 67: Sementes de coentro secas.



⁴⁹ As entrevistadas 2, 4 e 5 ressaltaram que já foi mais fácil vender o feijão quando sua produção era menor e seu valor de mercado mais alto. Hoje em dia o preço caiu bastante e poucas famílias da comunidade o comercializam por “não valer mais a pena”.

Fotografia 68: Tempero de semente de coentro verde, alho e sal no pilão.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

O abacate foi citado por 1 das entrevistadas por ter grande comercialização e versatilidade no consumo. O arroz, com 4 citações, considerado importante por ser parte fundamental da alimentação e ter alto custo nas feiras e mercados. Ao produzir o arroz localmente se economiza na compra e ainda se consome um produto mais saudável. A laranja foi apontada por 1 das mulheres como destaque por estar presente em todos os quintais, ter alto consumo interno e fácil comercialização. O pepino e o tomate foram referidos 1 vez cada, por agradarem o senso estético de duas das entrevistadas.

São diversas as compreensões de importância dos cultivos. Mas, em todos os casos, essa foi uma pergunta fácil de se responder. Há fartura de alimentos no Pau D'arco e uma infinidade de cultivos podem se destacar de acordo com os interesses e o momento.

A ornamentação ou apresentação estética se destacou enquanto interesse feminino na comunidade. Sua baixa representação no gráfico 5 é resultado da denominação por parte das entrevistadas. Essas foram caracterizadas de forma genérica como “planta”, “árvore”, “flor” e “suculenta”. Quando questionadas sobre

que tipo de planta era aquela, respostas como “é planta, planta assim dessa com a folha esticadinha” (Entrevistada 4, Pau D’arco III, 20/07/2019) eram comuns. Essas não foram citadas enquanto cultivo importante ou de destaque por não serem consideradas cultivos, não por irrelevância.

Dentre as espécies apresentadas foram identificadas (pelas próprias agricultoras) 118 variedades, sendo a mandioca o cultivo com maior número de variedades (10 variedades). Os feijões (andu, jaulinha, carioquinha, roxinho, rosinha, de corda, amarelinho e catador) foram os únicos cultivos citados pelas 19 entrevistadas e presentes em todas as unidades estudadas. O alho, a cebola, o coentro, a laranja, o limão e a mandioca, por sua vez, apareceram em 18 das 19 respostas. O milho e a banana foram citados 17 vezes e a pimenta, a pocã (mexerica/tangerina), o pequi, a cana e o alface 16 vezes. Através das espécies mais citadas é possível ter uma noção da alimentação da comunidade que se baseia fortemente nesses alimentos (Apêndice 2).

No que diz respeito à criação de animais domésticos, foi possível observar que essa é uma prática que ocorre em todas as unidades familiares estudadas. As galinhas (galos, frangos e pintinhos), os porcos e o gado são os animais mais comuns. Todas as 19 interlocutoras da pesquisa disseram criar galinhas, 17 gado e 15 porcos. O gráfico 6 apresenta todos os animais criados pelas famílias que compõem a pesquisa.

Os únicos animais presentes em todas as casas foram as galinhas. Essas fazem parte da despensa dos/as geraizeiros/as, está sempre em sua mesa. Quando chega uma visita cozinhar um frango caipira é sinal de “agrado” e ter esse frango disponível em seu quintal permite que a cortesia seja feita. É o jeito mais fácil de se consumir carne na comunidade.

Os porcos também são animais cuja carne se faz bastante presente na alimentação local. Além disso, sua banha é utilizada como gordura para cozinhar os alimentos e temperá-los. Todavia, a demanda alimentar desses animais é alta (seja de lavagem, de ração ou de milho). Dificilmente se consegue criar vários porcos simultaneamente pois é oneroso para as famílias. Alguns moradores/as já deixaram de criar porcos justamente devido aos custos. Há também quem os crie para vender a carne e a banha na própria comunidade. O usual é vender as partes mais nobres e consumir os miúdos, mesmo processo que ocorre no abatimento do gado.

O gado é criado com objetivos que ultrapassam o consumo e a venda de sua carne e leite. Os bois e os garrotes amansados são necessários no trabalho na roça, pois

é com eles que se tomba a terra e se passa o cepo. É também com carros (carroças) puxados por bois que se locomove grandes quantidades de lenha ou de colheitas, por exemplo.

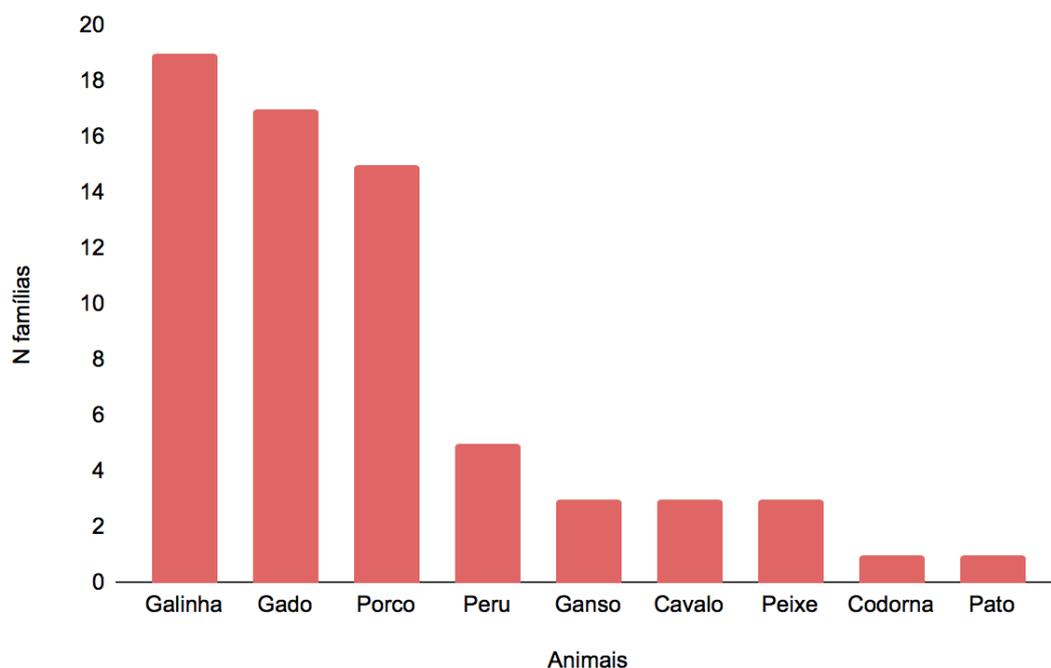
Os perus e as codornas são criados para o consumo de sua carne, mas em menor escala que as galinhas. Já os gansos atuam na guarda do quintal. Eles têm a função de proteger o terreno e avisar caso algo de diferente ocorra, assim como um cachorro bravo. A única família a criar patos, o fazia apenas por agrado estético, a entrevistada contou gostar muito de patos e querer tê-los por perto (Fotografia 69). Os cavalos, por sua vez, já muito utilizados como forma de locomoção hoje ainda cumprem essa função, mas em menor proporção - esses foram substituídos pelas motos.

Fotografia 69: Patos, gansos e galinhas (caipira e d'angola) convivendo no quintal.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

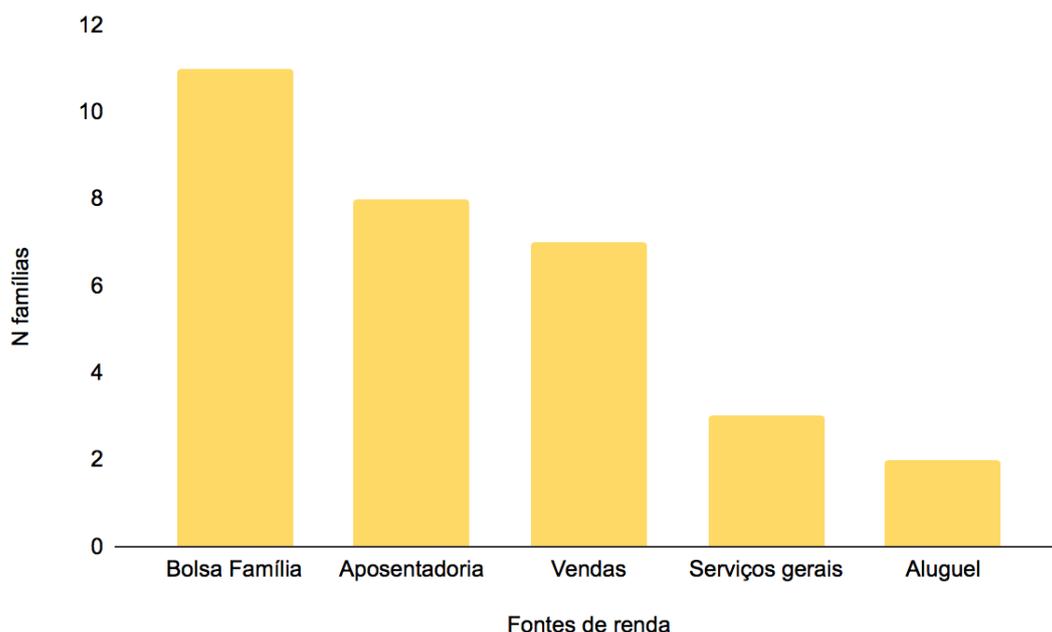
Gráfico 6: Criação de animais domésticos na comunidade Pau D'Arco (N =19 entrevistas).



As principais fontes de renda familiar complementares na comunidade do Pau D'arco são o Bolsa Família e a Aposentadoria Rural. Dentre as famílias que compõe a pesquisa, 8 possuem um ou mais membros aposentados e 11 mulheres entrevistadas são beneficiárias do Bolsa Família. Além disso, vendas de produtos locais, majoritariamente de excedentes⁵⁰ (sementes, plantas, frutas, animais, carnes, temperos, farinhas, goma, rapadura, cachaça, óleos etc.) na própria comunidade ou em cidades vizinhas; a atuação em serviços gerais (construção, mecânica, cabeleireiro) e aluguel de casas que possuem fora da comunidade (especialmente em São Paulo) são fontes de rendas para os/as moradores/as (Gráfico 7).

Gráfico 7: Fontes de renda familiar complementares das famílias estudadas (N= 19 entrevistas).

⁵⁰ Apenas uma das famílias que compõe a pesquisa afirmou priorizar a venda dos seus produtos (a família possui uma banca na feira de Espinosa) em detrimento do consumo familiar. Todas as demais disseram vender algo somente quando há sobras, antepondo as necessidades e os gostos da família à venda.



No que diz respeito a venda de excedentes oriundos do extrativismo, vale ressaltar a comercialização do pequi. Todo o território da comunidade está recheado de pequizeiros, que frutificam entre novembro e março. Esses são marca da região, os vizinhos, especialmente os que vivem na Caatinga, reconhecem os Gerais e os geraizeiros pela presença do pequi e por sua coleta (*panha*)⁵¹. No momento em que os frutos do pequizeiro amadurecem esses caem ao chão, ao redor da árvore e, somente aí, é permitido *panhá-los*.

Os pequizeiros estão localizados por toda a extensão da comunidade, com exceção dos brejos, sendo encontrados em maior escala nos quintais e tabuleiros e, em menor escala, nas serras. Assim, entre novembro e março, sair pelas matas locais atrás de pequis caídos no chão se torna rotina. A comunidade se engaja no extrativismo desse fruto visando seu uso como alimento e como fonte de renda. O pequi é, de longe, a fruta típica (local) mais explorada (CHILES, 2018a).

As mulheres se destacam no período de coleta, apesar dessa atividades ser realizada por todos membros da comunidade, inclusive pelas crianças. Saem antes de amanhecer para caminhar pelas matas com *embornais*⁵² e sacas que vão vazios e voltam cheios. Ouvei de uma das entrevistadas que se olhássemos de cima, durante esse

⁵¹ É comum que os geraizeiros sejam zombados pelos *caatingueiros* pela alcunha de “catadores de pequi” (CHILES, 2018a).

⁵² Sacolas feitas de retalhos de pano.

momento, veríamos uma espécie de formigueiro. Diversas pessoas andando pelas matas, abrindo caminhos e carregando pequis. Não falta pequi para quem queira, mas quem chegar primeiro *panha* mais ou então dos mais gostosos. Há pés específicos conhecidos por produzir os melhores pequis (seja por serem mais carnudos, da cor mais clara ou mais doces) e esses são bastante visados.

Os únicos pés nos quais não se pode coletar (*panhar*) pequi são aqueles localizados dentro da cerca dos vizinhos, “de resto é tudo dado pela terra, pela natureza e pertence a todo mundo”. O processo de coleta é, ao mesmo tempo, solitário e coletivo. Por um lado, se caminha só “eu e Deus por esses mato tudo aqui todos os dias” e por outro é um momento de socialização entre os/as vizinhos/as que passam boas horas de seus dias se cruzando mato adentro, papeando e compartilhando os processos. Do fruto, também se tira o óleo, trabalho feito predominantemente pelas mulheres. Treze entrevistadas contaram retirar o óleo do pequi anualmente, mesmo que em pequena escala. Monta-se uma pequena fábrica no quintal, onde se extrai o óleo do pequi, que pode ser utilizado para fritura ali mesmo ou no fogão de casa. Além do óleo da polpa, tira-se também óleo da amêndoa, castanha, semente ou bala⁵³ do pequi. Tais processos são bastante trabalhosos e o valor comercial dos óleos é bem mais alto que o dos frutos (CHILES, 2018a).

1.3.3 O dia a dia

No cotidiano de uma mulher geraizeira do Pau D’arco acordar cedo e passar um café novinho é rotina. É comum que esse processo seja feito do fogão a gás e que o fogão a lenha só seja aceso na hora de fazer o almoço. Ferve-se a água já adoçada com açúcar ou rapadura e coa-se o café em um coador de pano. Esse ritual se repete ao menos duas vezes ao dia, de acordo com a demanda de cada casa. Por vezes, junto ao café, faz-se também garapa. Chá feito com água e rapadura ou água e açúcar e que serve de substituição para aqueles/as que por algum motivo não tomam café.

Em uma das casas havia um filho que não podia tomar café. Sua mãe sempre fazia chá para contemplá-lo. Quando tinha mais tempo fazia chá de rapadura e quando estava com pressa chá de açúcar, mas não faltava nas garrafas térmicas o chá para que o filho pudesse beber. O cuidado em atender essa necessidade especial se fez presente em todo tempo. Em outra casa, as filhas preferiam evitar que o pai bebesse café devido aos seus problemas de saúde, assim, sempre faziam chá para servi-lo, mesmo diante sua

⁵³ Essa parte também é consumida como uma castanha, sem que se tire o óleo.

preferência pelo café. O mesmo acontecia quando as mulheres tinham que servir diversas pessoas (vistas que chegaram ou trabalhadores na roça). Essas se preocupavam em fazer café e chá para atender as diferentes demandas.

A forma de passar o café (mais ou menos concentrado ou adoçado) é característica de quem o faz. Costuma-se atender aos próprios gostos e aos gostos dos moradores da casa. Poucas foram as vezes que vi homens passarem café. Essa é uma tarefa majoritariamente feminina (assim como todas as atividades relacionadas à alimentação).

Para além do café, as mulheres se preocupam que haja *mistura* para alimentar a todos. Essa *mistura* pode ser bolo, biscoito (Fotografias 70 e 71), bolacha (como chamam os biscoitos industrializados), pães etc. Dificilmente essa é feita pela manhã. Há a necessidade de um planejamento prévio. Dentre as atividades semanais das mulheres está fazer biscoitos, bolos e/ou pães e, quando não é possível, viabilizam a compra de bolachas.

Fotografia 70: Bacia com biscoitos tipo *peta* (os mais comuns na comunidade do Pau D'arco), em primeiro plano, e forno a lenha, ao fundo.

Fotografia 71: Biscoito tipo *peta* no formato da letra “A”.



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

Uma vez que o café da manhã foi preparado, as mulheres podem seguir direto para o fogão a lenha para fazer o almoço. O que exige que, antecipadamente, tenham

panhado lenha ou orientado alguém a fazê-lo. A execução dessa tarefa varia de acordo com a família, mas a lenha é uma forte moeda de troca no jogo de poder entre homens e mulheres. Elas gerem o uso da lenha e comumente exigem que os homens a *panhem*, "se não *panhar* lenha não faço comida".

No almoço, as mulheres cozinham uma carne ou ovo, arroz, feijão e alguma verdura (abóbora, banana, maxixe, chuchu, entre outros), podem também fazer macarrão passado na gordura e montar uma salada⁵⁴. O que é feito vai de acordo com a disponibilidade do momento.

Quando não vão direto fazer o almoço, vão cuidar do quintal, das hortas ou trabalhar nas roças. No quintal dão de comer aos animais (galinhas e porcos), soltam o gado⁵⁵, colhem frutos, varrem as folhas. Na horta regam o solo, limpam os canteiros, colhem verduras e legumes. Na roça *vassouram* a terra, colocam fogo nos ciscos, plantam⁵⁶, limpam o plantio e colhem. Podem também ir realizar os serviços da casa, como limpar os cômodos, lavar e estender as roupas. Ou visitar alguém.

Independente da atividade feita após o café da manhã, é necessário terminá-la a tempo de fazer o almoço. Acompanhei uma senhora que sempre começava a cozinhar às dez horas da manhã, pois os filhos chegavam ao meio dia da escola e ela gostava que eles chegassem e comessem a comida ainda quente. Ela não podia se atrasar, pois os filhos ficariam com fome, e nem se adiantar, pois o almoço esfriaria. Daí em um dia que fizemos uma visita pela manhã e às dez ainda não havíamos voltado para casa, a preocupação tomou conta. Assim que percebeu a passagem do tempo, voltamos correndo para casa, deixando a visita de lado.

A ida à roça logo pela manhã altera a dinâmica do almoço. É mais usual as mulheres executarem esse trabalho, mais longe de casa e mais demorado, apenas após cozinharem. Assim já levam as marmitas para quem está trabalhando. Além do almoço levam também a merenda. Quando vão pela manhã ou já levam as marmitas logo cedo (o que não é considerado ideal, uma vez que a comida esfriará) ou voltam

⁵⁴ Para mais informações sobre a alimentação geraizeira da comunidade do Pau D'arco e suas diversidades acessar Chiles (2018a).

⁵⁵ É comum prender o gado em um curral localizado no quintal ao longo da noite para acumular esterco e utilizá-lo de adubo. Pela manhã solta-se o gado para pastar solto nos tabuleiros/mangas e ao fim do dia os chamam para o curral. Essa tarefa pode ser realizada tanto por homens quanto por mulheres, apesar de a lida com o gado ser considerada uma atividade mais masculina.

⁵⁶ O plantio manual tem, tradicionalmente, suas etapas divididas entre homens e mulheres. São os homens que abrem os berços/covas e as mulheres que semeiam as sementes. O plantio de máquina (*plantadeira*), por sua vez, é realizado, majoritariamente, pelos homens.

para casa no meio da manhã para fazer o almoço, retornando para a roça com as marmitas. Às vezes que passam o dia todo na roça é outra mulher (vizinha, irmã, mãe, tia, cunhada) que prepara o almoço e leva aos/às trabalhadores/as.

Quando tem uma mulher trabalhando na roça pela manhã na hora de se fazer o almoço, com certeza tem outra que está em casa cozinhando para levar a marmita. (Entrevistada 15, Pau D'arco III, 12/08/2019).

Após o almoço é necessário *lavar as vasilhas* e limpar a cozinha, deixando tudo arrumado para quando se for fazer o jantar. Essa atividade é sempre exercida por uma mulher, seja pela mesma que fez o almoço ou não. Quando se recebe a visita de outras mulheres ou quando se tem mais de uma mulher na casa, essa atividade costuma ser dividida.

Durante a tarde, quando não estão trabalhando na roça, as mulheres ficam no espaço da casa e do quintal. Ali atuam para mantê-los organizados, experimentam novas variações de se fazer as coisas (seja uma comida ou um cultivo), testam técnicas e dedicam boa parte de sua energia.

Quando questionadas sobre onde passam a maior parte do seu tempo, as entrevistadas responderam, em sua maioria, que passam o mesmo tanto de tempo no quintal, na horta, na roça e em casa. Contudo a obrigatoriedade de realizar atividades domésticas faz com que essas dediquem mais tempo ao espaço da casa e, conseqüentemente, devido à proximidade física, ao quintal (e, por vezes, às hortas).

No início da noite o jantar já está sendo preparado. A família que passou o dia se dividindo entre as mais diversas atividades tem um momento para sentar à mesa e jantar. Assim como as outras refeições, essa também é de responsabilidade primeira das mulheres. Não se repete a refeição do almoço, nas casas que visitei era feita uma comida nova no jantar, pois "comida boa é comida feita na hora". O cardápio do jantar é composto também por uma carne (ou ovo), arroz, feijão e verdura. Sucos de frutas da região, como o maracujá do mato e o coquinho azedo, são comuns para acompanhar.

Depois de comer é necessário, novamente, *lavar as vasilhas* e arrumar a cozinha, atividade exercida pelas mulheres. Elas não querem deixar serviço para o dia seguinte. O período da noite reúne todos/as os/as moradores/as da casa permitindo que passem um tempo juntos antes de descansarem para um novo dia de trabalho. Esse momento se dá, primeiro, em torno da mesa de jantar e, em seguida, da televisão. A hora de ir deitar chega cedo, pois o dia seguinte logo começa.

Durante o período que estive em campo convivi com os mais diversos arranjos familiares em diferentes casas e pude ver que cada uma tem um jeito próprio de se organizar. Dentre as infinitas especificidades, busquei expressar aqui uma forma geral dos arranjos. Ao longo do trabalho algumas particularidades serão destacadas com o objetivo de enriquecer a compreensão acerca da comunidade e atender aos objetivos de pesquisa aqui propostos.

1.4 A divisão das tarefas

Não é possível dizer que haja funções exclusivamente femininas ou masculinas na comunidade geraizeira do Pau D'arco. Contudo, padrões existem (Apêndice 3). Durante o período de campo pude experimentar e observar esses padrões. Ao adentrar a casa de diversas mulheres e me aproximar delas, fui sendo lida para além de pesquisadora. Apesar de esse ser o meu papel ali e eu estar dentro dele diariamente, fui também compreendida enquanto confidente, amiga, filha, sobrinha, neta. Essas múltiplas funções me colocaram em espaços de intimidade, os quais me permitiram conhecer um pouco dos papéis sociais das minhas interlocutoras de pesquisa.

Ao longo desse período notei que o comum para as mulheres é unir o trabalho agrícola ao serviço doméstico e ao cuidado com as crianças, os/as idosos/as e os/as adoentados/as. Os homens, por sua vez, dificilmente extrapolam suas atividades agrícolas para ocupar-se dessas tarefas. E, quando o fazem, a ação é tida enquanto uma ajuda às mulheres e não como obrigação.

O trabalho rural é de responsabilidade de todos e seus resultados são associados diretamente à sobrevivência das famílias. Uma safra que não vingou, por exemplo, é sinônimo de falta de comida na mesa. O trabalho vinculado ao cuidado (ex.: serviço doméstico e maternagem), por sua vez, é invisibilizado. Apesar de também estar diretamente associado à sobrevivência, não tem o mesmo reconhecimento.

Foi recorrente durante a minha estadia em campo comentários das mulheres sobre o quão cansativo e maçante é o serviço doméstico. Presenciei o trabalho diário dessas na tentativa de manter o bem-estar da casa ao fazer a comida, lavar as louças (Fotografia 72) e limpar a cozinha após cada refeição, lavar o chão da casa e limpar os móveis, lavar e estender as roupas e os sapatos etc. O relato de que “o serviço da casa nunca acaba” foi dado incansavelmente, como que na tentativa de justificar sua atuação interminável naquele espaço.

Fotografia 72: Mulher lavando louça no quintal



Fonte: Amanda Sanfilippo, 2019.

A comparação entre o trabalho na roça⁵⁷ e o trabalho em casa também foi frequente. Pelo menos treze das dezenove entrevistadas disseram preferir o trabalho na roça por ele ter início, meio e fim, etapas certas a serem seguidas. Diferente do trabalho doméstico que é constante, não tem fim, “quanto mais se faz, mais tem coisa pra fazer”. Todavia, para as mulheres, não há a possibilidade de deixar de lado o serviço doméstico e dedicar-se à roça. Sua atuação nas atividades agrícolas é compartilhada com sua atuação no cuidado com a casa.

Um fator determinante na divisão das tarefas é a necessidade das famílias. Essa dita o que precisa ser feito para garantir a sobrevivência em seus níveis mais básicos. Nesses casos as funções padrão podem não ser seguidas. A precisão de uma maior presença dos membros familiares nos espaços de produção agrícola ou uma inversão na função de quem vai executar determinadas atividades pode ocorrer.

Ao refletir sobre essas questões pensei, em um primeiro momento, que as determinações de gênero para cada papel caem por terra em casos de necessidade. Que, assim como ouvi diversas vezes, em situações de precisão, todos fazem o necessário.

⁵⁷ Aqui o trabalho na roça diz respeito ao trabalho agrícola realizado em diversos espaços, não só nos roçados. Essa é uma forma comum dos membros da comunidade se expressarem.

Entretanto, percebi que essa lógica não se aplica para as atividades domésticas e as demais relacionadas ao cuidado na mesma medida que para as atividades rurais. Quando não é possível que uma mulher realize determinada atividade desse domínio, outra realizará.

Uma das entrevistadas me contou que em sua última gravidez foi parir em São Paulo e saiu do Pau D'arco por um tempo. Quando retornou teve que ficar somente em casa se recuperando, não dava conta de fazer nem as atividades domésticas. Nesse momento, foi a filha mais velha que a ajudou a manter a rotina da casa e a cuidar da neném. Em outra conversa ouvi de uma mulher casada que é só ela quem faz as atividades da casa e que o marido não faz “acho que porque não gosta”. Enquanto o marido pode escolher não gostar, ela não pode.

Outra entrevistada, mãe de três filhos, dois homens e uma mulher, todos já adolescentes/adultos, divide com a filha as tarefas domésticas. Quando questionei a filha sobre seu gosto para as atividades da casa essa contou que não tem a opção de não gostar, pois não há outra irmã que faça por ela.

Todas as mulheres relataram que as mães e/ou avós realizavam as mesmas tarefas que elas realizam. E todas as mães disseram ensinar ou pretender ensinar suas filhas da mesma forma que foram ensinadas: através do exemplo. Essas levam suas filhas desde crianças para a roça, dividem com essas os cuidados com o quintal (com as plantas e os animais), com as hortas e as ensinam a cuidar da casa (cozinhar, lavar, limpar, arrumar). Além disso, tias e madrinhas também participam desse processo ao instruírem suas sobrinhas e afilhadas.

Dessa forma, geração após geração, os conhecimentos intrínsecos ao mundo feminino são compartilhados. Não sem reflexão, as atividades cativas as mulheres transitam pela teia que as une e se diversificam. Ao mesmo tempo que o jeito de se realizar as tarefas para o mesmo, é único de cada mulher. É combinação de cada experiência vivida (ex.: do que se aprende com as mais velhas, do que se troca com as demais mulheres, dos ensinamentos adquiridos através de cursos). A forma de ser mulher no Pau D'arco não é rígida.

A divisão das tarefas - por vezes exaustiva, desigual e injusta para as mulheres - não é reflexo de acomodação por parte dessas, pelo contrário, sua presença e ação é fruto de análise contínua e está em constante alteração.

CAPÍTULO 2

Apoio mútuo e conservação da agrobiodiversidade

Este capítulo foi destinado para a discussão dos dados apresentados até então sob a luz de literaturas teóricas acerca das relações de gênero no meio rural brasileiro, da reciprocidade em povos e comunidades tradicionais e da conservação da agrobiodiversidade. No que diz respeito às relações de gênero, busquei dialogar com Pacheco (2002), Paulilo (1987, 2004, 2013), Saffioti (1976), Silipardi (2009) para tratar sobre os papéis desempenhados pelas mulheres e as diferenças entre as atividades atribuídas (externa ou internamente) às mulheres e aos homens. Gilligan (1982), Overing (1999) e Zoboli (2004) deram suporte para pensar a ética do cuidado e as práticas que a envolvem. Boff (2005), Chiles (2018a), Ostrom (1998) e Sabourin (2009, 2011a, 2011b) auxiliaram no debate acerca da teia de reciprocidade entre as mulheres. Autores/as como Carniello et al (2010), Emperaire (2005, 2018), Emperaire et al (2017), Emperaire, Eloy e Seixas (2016), Murrieta e Winklerprins (2003, 2009), Taqueda (2009) e Wood e Lenne (1997), entre outros, corroboraram para a discussão sobre agrobiodiversidade.

Nesse sentido, estabeleceu-se conexões entre os resultados e a literatura acessada visando destacar as convergências, debater as divergências e inserir o caso estudado na discussão acerca da atuação das mulheres na conservação da agrobiodiversidade.

2.1 Gênero e trabalho

2.1.1 Divisão: o leve e o pesado

Um dos fatores que determinam a divisão das tarefas na comunidade geraizeira do Pau D'arco é o gênero. As rotinas das mulheres e dos homens costumam ser bastante distintas. Elas são as principais responsáveis pela alimentação familiar; limpeza e organização da casa; cuidado das crianças, os/as idosos/as e os/as adoentados/as; preparo, plantio e cultivo das hortas e administração do quintal. Atuam, também, de forma ativa nas roças e na lida com o gado.

Os homens, por sua vez, têm como principais responsabilidades o preparo, plantio e cultivo das roças, as atividades que envolvem o gado e “tudo que é mais pesado” (Entrevistada 6, Pau D'arco III, 23/07/2019). O emprego da força física é um

forte fator de determinação das atividades consideradas masculinas. Treze das dezenove entrevistadas caracterizaram o uso da força enquanto fator de diferença entre as atividades dos homens e das mulheres.

Quando os homens executam alguma atividade localmente compreendida enquanto feminina sua atuação é vista como ajuda. Todos/as estão cientes de que quando um homem cozinha, por exemplo, ele está agindo por necessidade, pela falta de uma mulher que realize essa atividade – que é responsabilidade dela. Assim, esse homem está ajudando a esposa, mãe, irmã, tia, cunhada etc. ao realizar uma atividade que não cabe a ele - pelo contrário, é até vexatória (Quadro 6).

Quadro 6: Quando homens fazem “trabalho de mulher”

Conheci um homem da comunidade que era conhecido pelas vizinhas por ser feito de trouxa pela esposa. Ele, por vezes, cozinhava e vassourava a casa a pedido da esposa quando essa estava ocupada. Enquanto estive em sua casa o vi cozinhar duas vezes, mas não sem reclamar e também sempre contando com a companheira para a finalização do preparo. Ainda, quando sua mãe esteve doente foi ele quem a cuidou quase que integralmente. Realizando, assim, outra tarefa compreendida como feminina. O esperado pelos demais era que a nora assumisse o cuidado com a sogra. Além disso, o filho do casal tinha gosto pelas atividades domésticas, o que também era visto pelos demais como folga da mãe. Ouvi diversas acusações de que essa impunha ao filho a necessidade de arrumar a casa, se eximindo de sua responsabilidade enquanto mulher.

Ao realizar uma atividade masculina, a presença das mulheres “faz parte”, visto que “fazem de tudo que os homens fazem e ainda mais” (Entrevistada 4, Pau D’arco III, 20/07/2019). É parte do cotidiano das mulheres cumprirem as atividades que lhe são atribuídas e extrapolá-las. É bem vista uma mulher que consegue lidar com as atividades *pesadas* sem a necessidade do auxílio de homens – o que contrasta com o julgamento constante no quadro acima (Quadro 6). Há, também, um orgulho pessoal em dar conta desses processos.

Assim, a visão geral da comunidade a respeito da execução das tarefas varia bastante de acordo com o sexo de quem as realiza. Enquanto para as mulheres é quase que regra de sobrevivência executar atividades majoritariamente masculinas, para os homens a realização das tarefas femininas é uma escolha, uma exceção – e frequentemente alvo de críticas.

A caracterização entre serviço “leve” e “pesado” é comum na comunidade, sendo a primeira atribuídas às mulheres e crianças e a segunda aos homens adultos. Paulilo (1987) aponta que essa especificação perpassa regiões e culturas distintas e tem como traço comum a associação de qualidades negativas à primeira e positivas à segunda. Todavia, o que é considerado “pesado” ou “leve” varia de acordo com o local, período e condições de exploração da terra

É possível compreender a associação entre o peso do serviço e o gênero de quem o executa pensando na natureza dos corpos femininos e masculinos. Mesmo que em diversos casos a lógica se inverta e que “tem mulher aqui que faz serviço de roça que homem nenhum dá conta” (Entrevistada 19, Pau D’arco I, 23/08/2019). Contudo, Paulilo (1987) contrapõe a naturalidade dessa distinção entre os trabalhos e nos apresenta a ideia de que a qualificação se dá de acordo com quem o executa, e não o contrário. Para a autora a qualificação se associa diretamente à remuneração e à valorização do serviço. Essas são menores para os serviços “leves” e maiores para os “pesados” (menores para mulheres e crianças e maiores para homens adultos). Ignora-se o número de horas trabalhadas e favorece o esforço físico em detrimento de habilidades manuais, paciência e rapidez.

O trabalho considerado “leve” não é necessariamente agradável, brando, flexível ou desnecessário. Sua caracterização não é pautada no tempo, nem no esforço empreendido. Mesmo que cansativo, duradouro ou perigoso, se é realizado por mulheres (ou crianças), é caracterizado como *leve* (PAULILO, 1987).

O trabalho doméstico é constantemente compreendido enquanto trabalho *leve* (PAULILO, 1987). Por mais que esse exija força física, paciência e seja demorado - praticamente interminável -, é considerado fácil, não cansativo e descomplicado por quem não o realiza (de modo majoritário, pelos homens). Seu reconhecimento é quase nulo e sua cobrança é rígida. Diversas foram as vezes que presenciei maridos, cunhados, pais e filhos exigirem que as atividades da casa fossem feitas a seu gosto particular, mesmo sem executarem nem uma pequena parte dessas.

De acordo com Saffioti (1976), são as mulheres quem historicamente desempenham o papel de principais responsáveis pela casa e pela família. Contudo, antes do advento do capitalismo, a família era também a unidade de produção, assim todos participavam diretamente das atividades consideradas econômicas. Com a mudança do modo de produção e a conseqüente alteração da esfera econômica (que transitou da família para o mercado), o espaço doméstico passou a pertenc

exclusivamente à esfera privada e tornou-se feminino por excelência. A subordinação da posição das mulheres e a desvalorização do seu trabalho prevaleceram.

Todavia, pensar o trabalho doméstico em profundidade envolve considerar as esferas econômica e reprodutiva. As longas (e não remuneradas) jornadas de atividades na casa dão suporte e condições para o desdobramento da renda familiar. Quem as executa (majoritariamente as mulheres) está contribuindo para o capital da mesma forma daqueles/as que executam atividades consideradas produtivas. Além disso, são essas atividades que garantem o bem-estar nas casas e tornam a vida ali possível. Ter comida feita, casa limpa e roupa lavada, por exemplo, permite aos membros da família executar suas atividades diárias com muito mais facilidade. Quando essas atividades estão carregadas de afeto, o processo torna-se, inclusive, prazeroso. No que diz respeito à divisão sexual do trabalho, são as mulheres as principais responsáveis por essas “facilidades” e “prazeres” e os homens os principais beneficiados (PAULILO, 2004).

Por terem que arcar com a maior parte dos ônus da reprodução, as mulheres têm, quando comparadas aos homens, menores chances de se dedicar às demais atividades, sejam produtivas ou não. Aqui, vale a mesma lógica do serviço *leve e pesado*: só é doméstico se for atribuição feminina. “Se ela vai para a roça com o marido, é trabalho produtivo ... Se cuida da horta e das galinhas sozinha, é trabalho doméstico. Se vende ovos de vez em quando, uma galinha ou outra, é tão pouco que não vale a pena teorizar sobre isso” (PAULILO, 2004, p. 245).

Nessa linha Pacheco (2002) nos lembra da invisibilidade do trabalho das mulheres e de que essa permanece embora haja participação ativa das mulheres nas diversas atividades agrícolas e extrativas em dupla ou tripla jornada. Por vezes, a atuação das mulheres nesses espaços é lida enquanto auxílio (obrigatório) ao marido/irmão/pai e a autonomia que é dada aos homens, não é dada a elas (Quadro 7). Durante a pesquisa de campo três interlocutoras da pesquisa relataram não trabalhar nas roças com frequência. Somente quando há necessidade e, na maioria das vezes, acompanhadas de seus maridos.

Quadro 7: Na roça, a palavra final é do homem.

Em um dia de trabalho na roça, uma família, composta por um homem adulto, sua esposa, seu filho e sua irmã, limpava o terreno para o futuro plantio de feijão. Parte do espaço estava alagado, com a terra bastante molhada e, ali, seria impossível plantar feijão. Assim, a irmã e a esposa argumentaram que não havia necessidade de limpar

aquele terreno, pois ele não seria usado. Enquanto o marido/irmão argumentava que teria que ser limpo sim, pois já estavam “com a mão na massa” e ele poderia, futuramente, plantar arroz naquela parte mais úmida. Depois de muito debate as mulheres cederam e todos capinaram a área mais úmida, mesmo essas bastante desconfiadas de que ali não seria cultivado nada.

Pacheco (2002) aponta, ainda, a baixa presença das mulheres em cursos voltados para a capacitação e o aprofundamento de conhecimentos técnicos da produção agrícola. Oito das dezenove entrevistadas para essa pesquisa afirmaram não saber utilizar a máquina manual de plantio e todas disseram não saber comandar um trator. Quando questionadas do porquê, responderam que não tiveram oportunidade de aprender e que essas são atividades mais comumente realizadas pelos homens.

Há, ainda, certa conveniência em não se aprofundar nessas técnicas. Duas entrevistadas afirmaram nem querer aprendê-las pois seria mais uma atividade que estariam aptas a fazer, mais um serviço adicional na lista extensa de tarefas sob sua incumbência. Ao não aprenderem algumas das tarefas consideradas masculinas para se pouparem de trabalho, invertem a lógica do jogo que pretende excluí-las. Ao se compararem aos homens, as mulheres reconhecem que recai sobre elas um peso extra nos afazeres e tentam subverter essa situação desigual da forma que podem.

Nas questões agrícolas que envolvem de forma mais próxima os cuidados para com a família (como alimentação e saúde), por sua vez, a presença das mulheres é constante – elas querendo ou não (PAULILO, 2013). Devido à forte conexão entre saúde e alimentação, essas estão constantemente preocupadas com o que oferecem em forma de alimento para a família. No Pau D’arco foi evidente a atenção das mulheres à qualidade dos alimentos e o uso de agrotóxicos. Diversos foram os relatos orgulhosos sobre cultivarem sem qualquer tipo de veneno⁵⁸ e poderem cozinhar uma comida saudável. Saber a procedência dos alimentos e o modo de preparo as torna capazes de propiciar saúde através de suas mãos (SILIPARDI, 2009) (Quadro 8).

Quadro 8: Quando a alimentação não promove saúde.

⁵⁸ Algumas entrevistadas afirmaram usar “barrage” (carrapaticida, mosquicida e inseticida piretróide de baixo custo) como veneno para matar insetos, mas foram a minoria e todas consideraram esse produto como “fraco”. O mais comum era o uso de fertilizante natural, feito por elas mesmas em suas próprias casas.

Durante meu período em campo passei, aproximadamente, dez dias passando mal. Começou em torno do décimo quinto dia de viagem e tudo indicava que o que estava me afetando era a comida local (era muito forte e bastante diferente da comida feita por mim comumente). Ao longo dos dias ouvi vários relatos de que era normal o corpo “estranhar” a comida de lá. De que até quando alguém da própria comunidade passava um tempo fora e voltava era comum passar mal por alguns dias até se acostumar de novo. Mesmo após a identificação do que estava me fazendo mal, era quase impossível negar algum tipo de bebida ou comida - devido ao forte valor cultural e social dado aos alimentos⁵⁹ - , assim, continuava comendo e passando mal. Tal situação gerou um incômodo enorme nas mulheres com as quais convivi. Como meu corpo recusava tudo que elas me ofereciam, foi nítida a tristeza e a preocupação dessas. A situação era contraditória, elas estavam promovendo saúde da forma que melhor sabiam, mas sem sucesso.

As condições de esposa e de mãe são traços profundos das preocupações das agricultoras. Essas posições carregam em si a marca do cuidado e exigem atenção e dedicação constante por parte das mulheres. Tal cuidado se expande para além da própria família e engloba a comunidade e o território onde vivem e atuam. Siliprandi (2009) caracteriza esse processo enquanto a expressão da “ética do cuidado” com relação aos demais, a preocupação com a (boa) vida das pessoas.

O cuidado é fortemente expresso pelo trabalho doméstico. Para Siliprandi (2009) essa é uma doação não reconhecida das mulheres à sociedade, uma vez que estão constantemente criando espaços de segurança e conforto para o desenvolvimento humano.

Uma das contribuições para esse debate nos é apresentada por Joanna Overing (1999). A autora discorre sobre o caso da Amazônia, especificamente sobre o povo indígena Piaroa, no qual a atenção às habilidades “ordinárias” é parte central da vida. Ali a ênfase que as populações colocam nas atividades comuns não é insignificante. A valorização dessas práticas pelo povo Piaroa, por exemplo, é fruto de uma filosofia profundamente igualitária, que só é possível de ser explorada a partir da valorização do cotidiano.

⁵⁹ Para informações mais aprofundadas sobre a relação da comunidade do Pau D’arco com os alimentos ver Chiles (2018a).

A importância de se reconhecer e evidenciar aspectos corriqueiros é deixada quase como que um aviso por Overing (1999) ao desinteresse da intelectualidade acadêmica ocidental e urbana para com as práticas e expressões da vida diária. Lavar pratos, cuidar de crianças, preparar a alimentação da família e limpar a casa, por exemplo, são atividades comumente vistas como entediadas e desprezíveis - apesar de todos/as quererem vê-las realizadas rapidamente e, de preferência, por outra pessoa. Essas, não coincidentemente, são tarefas do “universo feminino”, amplamente de responsabilidade das mulheres e executadas por elas - a desvalorização do trabalho é também a desvalorização de quem o realiza e vice-versa. Todavia, há nesse meio “desinteressante” e “monótono” possibilidades de compreensão únicas.

2.1.2 Teias de cuidado: mulheres e reciprocidade

Ao optar por investigar as atividades realizadas pelas mulheres, a presente pesquisa adentrou intimamente o universo das atividades diárias e, através dessas, foi possível identificar uma malha de compartilhamentos entre as mulheres. Como consequência do reconhecimento do valor inerente às coisas, essas praticam a alteridade, a reciprocidade e a complementariedade (BOFF, 2005). Ao encabeçarem uma trama de solidariedade que ultrapassa as trocas materiais, compartilham experiências, trocam afeto, dividem responsabilidades e doam tempo, atenção, alimentos e plantas umas às outras.

Por reciprocidade, entenderemos, assim como Sabourin (2009), a dinâmica que, ao reproduzir prestações, gera vínculo social. Essa pode assumir várias formas, níveis e estruturas (SABOURIN, 2011a). Sua lógica busca ampliar as relações sociais e afetivas através da redistribuição ou do compartilhamento dos recursos e atividades. Tais relações produzem valores éticos de responsabilidade e de proteção que ultrapassam do plano simbólico para o real (SABOURIN, 2009).

O fio condutor desses processos entre as mulheres na comunidade do Pau D’arco é o cuidado. As mulheres locais parecem ser constantemente movidas pelo afeto, atenção, consideração e respeito. Prestam atenção solícita e têm disposição de afetividade, o que para Zoboli (2004) são características do cuidado. Em um primeiro momento, o cuidado é expresso pelas tarefas domésticas. Ao chegar de visita em qualquer casa, encontra-se o ambiente limpo e organizado e lhe são oferecidos comida e café. As mulheres são as principais responsáveis por tal hospitalidade, elas se

preocupam constantemente com o bem-estar dos demais e fazem questão de demonstrar tal preocupação.

Sabourin (2009) aponta hospitalidade como uma das primeiras formas universais de reciprocidade, destacando o compartilhamento e doação de água nos sertões brasileiros, durante os períodos de seca, como marcador dessa hospitalidade. O autor (SABOURIN, 2011a) ainda ressalta que os valores produzidos nas relações de compartilhamento possibilitam a conservação e a reprodução dos bens comuns mesmo em condições de renda precárias (Quadro 9).

Quadro 9: Compartilhamento e doação de água como marcador de hospitalidade.

Ao conversar com uma moradora da comunidade pude ouvir a história de um período difícil no Pau D'arco (em torno de 30 anos atrás) quando ainda não havia água encanada e durante a seca era comum as famílias (e seus animais e plantas) passarem sede. Nessa época os/as moradores/as iam de porta em porta atrás de água e compartilhavam entre si o pouco que tinham. Um/a vizinho/a não deixava o outro morrer de sede e assim iam levando os meses. Todavia, se chegava alguém de fora para visitar, por exemplo, não tinha como oferecer nem um copo de água para a visita. Um balde era tudo que muitas famílias tinham para consumir, preparar os alimentos, dar de beber aos animais, regar as plantas, tomar banho e limpar a casa. A moradora conta que sem o suporte dos demais membros da comunidade sua família não teria nem o mínimo de água para se sustentar.

Entretanto, a sensibilidade e o apego aos laços afetivos, características que perpassam o cuidado, são vistos amplamente como empecilho à objetividade e como obstáculo à eficácia. São difamadas como feminilização das práticas humanas e carregam em si uma carga negativa de oposição à racionalidade e à dominação, tão valorizados no mundo ocidental moderno (BOFF, 2005).

Para Carol Gilligan (1982), essa alcunha negativa se dá pelo fato do cuidado ser um forte marcador dos diferentes papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres. O imperativo moral para as mulheres se conforma na obrigação de cuidar (ética do cuidado), enquanto para os homens se configura na valorização dos direitos individuais (ética da justiça). Tais imperativos se apresentam em estratégias diferentes de raciocínio, de aplicação de temas e conceitos morais e de resolução de problema éticos. Fatores

como poder e posição social ajustam-se à biologia reprodutiva e modelam a experiência de homens e mulheres e as relações entre ambos.

Ainda nesse sentido, Boff (2005) aponta a existência de duas formas de ser-no-mundo: a do trabalho e a do cuidado. A primeira visa situar-se sobre as coisas para dominá-las e colocá-las a serviço dos interesses pessoais e/ou coletivos. Essa corporifica a dimensão masculina dos homens e das mulheres. A segunda não se opõe a primeira, mas a lhe confere uma modalidade diferente. Ao invés da relação sujeito-objeto estabelecida pelo trabalho, estipula uma relação sujeito-sujeito, pautada nos sentidos, na convivência, na interação e na comunhão. Além disso, extrapola o universo humano ao escutar e interpretar os sinais da natureza e entender que ela emite mensagens que devem ser ouvidas.

Em um segundo ou terceiro momento de observação da expressão do cuidado na comunidade fica evidente que essa ultrapassa o âmbito doméstico. O cuidado se faz presente também no trato com o ambiente. As mulheres expressam intimidade, acolhimento e respeito em suas atividades agrícolas. Estabelecem com a natureza uma relação de comunhão na qual prevalece o respeito e a compreensão pelos diferentes tempos de cada atividade e de cada cultivo, características que, para Boff (2005), estão intrínsecas ao cuidado.

A feitura e o trato com as hortas são um exemplo desse processo. As mulheres se organizam anualmente para, entre março e maio, preparar as terras e plantar as sementes e mudas que atendam aos seus gostos particulares e aos gostos de sua família. Cada vegetal ou hortaliça é cultivado com algum propósito: agradar o paladar e/ou beneficiar a saúde de quem irá consumi-lo, contemplar o gosto estético e/ou emocional da *dona da horta*, ser facilmente vendido ou trocado (na comunidade ou nas cidades próximas) etc.

Há quem decida fazer as hortas em março para, caso tudo ocorra bem, começar a colher em agosto ou setembro e tentar “fugir” da seca dos rios que dificultam a irrigação (como fez a entrevistada 14⁶⁰, no ano de 2019). Há quem, por sua vez, só consiga fazê-las em maio e opte por plantar uma menor variedade, já que sabe que haverá um longo período de seca e que dificilmente algumas espécies vingarão (como fez a entrevistada 8, no ano de 2019). Essas decisões consideram tanto o momento de

⁶⁰ Optei pelo anonimato das entrevistadas neste trabalho por acreditar que, assim, poderia compartilhar suas histórias sem comprometê-las (ex.: revelar algum segredo ou intriga). A notação das entrevistadas foi feita de forma numerada (de 1 a 19) e aleatória.

vida das famílias (especialmente da mulher que cuidará da horta) quanto o tempo da natureza, que possui seus ciclos. A consciência de que deve haver harmonia entre os interesses humanos e os da natureza perpassa o processo de feitura das hortas; ambos os ritmos são ouvidos atentamente e respeitados.

Dar centralidade ao cuidado, assim, não significa deixar de trabalhar e de intervir no mundo, pelo contrário, pode ser uma complementação terna dessas ações. Uma forma de alinhar o trabalho à subjetividade, de ouvir os ritmos e as indicações dos indivíduos e do ambiente (BOFF, 2005).

A responsabilidade pelo cuidado atribuída às mulheres é sinônimo de sobrecarga para essas. O peso de cumprir com as atividades de cuidado familiar - tarefas domésticas e suporte emocional para um bem-viver – e de expandir o cuidado para o manejo da agrobiodiversidade é alto. Elas estão constantemente atordoadas de tarefas. Quando não estão trabalhando nas hortas, estão limpando os quintais, ou aguando as plantas, ou cuidando das crianças, ou fazendo comida, ou amassando biscoitos, ou dando de comer aos bichos etc.

Essa divisão é desigual e injusta. O trabalho das mulheres é cansativo, interminável e invisível. Não é possível desconsiderar o caráter por vezes opressivo da divisão sexual do trabalho. A tentativa aqui é jogar luz sobre a divisão desigual do trabalho entre homens e mulheres sem naturalizá-la, ainda que se considere e valorize o papel desempenhado pelas mulheres geraizeiras no âmbito das suas famílias, das comunidades e da conservação da agrobiodiversidade.

Pensar em estender a ética do cuidado a todos os gêneros é fundamental para que tais aspectos da vida humana em relação com o ambiente não recaiam exclusivamente sobre as mulheres, sobrecarregando-as (SILIPARDI, 2009). Contudo, contornar essa divisão injusta é um processo tortuoso e demorado.

Na comunidade do Pau D'arco, dentre as principais estratégias empregadas pelas mulheres para lidar com essa sobrecarga está a união. Ao reconhecer na outra as mesmas dificuldades pelas quais passa se estabelece uma solidariedade recíproca. Essas se unem para se ajudarem mutuamente a realizar as atividades sob suas responsabilidades.

Para Sabourin (2011a e 2011b), as relações de ajuda mútua estão pautadas nos laços sociais, sentimentais e simbólicos. Em suas prestações não há obrigação de retribuição equivalente ou imediata e o tempo despendido para a realização do serviço não é contabilizado. Há uma espera de retorno da ajuda, porém essa pode

vir em diferentes formas e não é como uma dívida a ser paga. A valorização pela relação (amizade, solidariedade e confiança) é maior do que a pelo serviço prestado (contribuição material), mesmo quando a prestação é necessária ou indispensável.

Ainda de acordo com Sabourin (2011b), as comunidades rurais enxergam as normas das estruturas de ajuda mútua como uma forma de manter as regras de partilha ou de solidariedade. A partir da prática, criam-se valores humanos cativos aos grupos e que estruturam sua ética (pautada na qualidade dos laços sociais e na partilha em detrimento dos interesses materiais individuais).

No Pau D'arco, é rotina as mulheres se ajudarem a cumprir suas tarefas. Quando uma não consegue ir regar a horta, a vizinha, que fez sua horta ao lado, rega as duas. Quando uma mãe precisa ir trabalhar e não pode deixar o/a filho/a sozinho/a, conta sempre com o auxílio de uma amiga, parente e/ou vizinha para tomar conta dele/a. Quando uma mulher está sem ovos para fazer um biscoito, sabe que pode emprestá-los da vizinha.

A visita de uma mulher a casa de outra para o almoço, por exemplo, implica que a visitante se ofereça para lavar as vasilhas e ajudar na limpeza da cozinha. Essa oferta é feita para além da tentativa de agradar a vizinha/amiga/parente, as mulheres carregam a responsabilidade do cuidado doméstico em todos os espaços. É como que uma obrigação (por vezes misturada ao prazer) realizá-los, seja em suas casas ou não.

Entre as mulheres o cuidado com as crianças também é socializado. Uma reconhece na outra o peso da maternidade (mesmo as que não são mães) e comumente toma frente na supervisão e no zelo das crianças. Se há um caminho longo a ser percorrido com uma criança de colo, as mulheres presentes se revezam para carregá-la; se há diversas crianças numa casa, as mulheres se dividem para que cada uma as cuide por um tempo; se uma mulher vai à casa de outra que possui filhos/as, logo já se ocupa em vigiá-los/as por um tempo para que a mãe possa se despreocupar um pouco. Esse comportamento é ensinado às meninas desde cedo. Aos 10 anos essas já demonstram a consciência de ajudar as outras mulheres no cuidado das crianças menores.

A ajuda mútua produz sentimentos de amizade que se prolongam ou se expressam por meio de alianças duradouras. É comum na comunidade esses laços ultrapassarem as gerações. O compadrio (apadrinhamento mútuo dos filhos/as) é um exemplo do prolongamento da ajuda por meio da extensão das relações de parentesco. Os vínculos de reciprocidade se desdobram constantemente (SABOURIN, 2011b).

O mesmo compartilhamento acontece no cuidado com os/as idosos/as e com os/as adoentados/as. Como essa também é uma responsabilidade que recai majoritariamente sobre as mulheres, há uma socialização entre elas. No caso do adoecimento de algum membro da família, as mulheres se dividem entre os cuidados necessários (visando priorizar seus gostos pessoais). Mesmo que tenha uma mulher como principal cuidadora, as outras atuam buscando aliviá-la da sobrecarga de trabalho.

Os homens, por sua vez, em nenhum desses casos se disponibilizam para fazer parte da divisão do trabalho e dificilmente atuam na socialização das atividades de cuidado, mesmo quando solicitados. Como essa não é uma responsabilidade compreendida enquanto masculina, esses facilmente se abstêm.

Em uma casa na qual vive mais de uma mulher, as atividades são divididas entre elas na tentativa de integrar as obrigações e seus gostos particulares. Têm aquelas que gostam mais de cozinhar, de fazer biscoitos, de lavar a louça, de dar comida aos animais, de cuidar da horta etc. Como não têm a possibilidade de abdicar das tarefas a divisão é uma forma encontrada de respeitar suas individualidades, interesses e aptidões.

Para Ostrom (1998) a reciprocidade é base para a cooperação. Em uma ação coletiva espera-se que as pessoas envolvidas confiem umas nas outras e atuem segundo mesmo propósito. Não é possível atuar em conjunto e na base da familiaridade se não houver confiança mútua para que os laços de reciprocidade se estabeleçam/fortaleçam. A intimidade, a credibilidade e a segurança sustentam as relações de ajuda mútua e cooperação pois dão uma certa garantia de retorno (seja ele qual for). Se essa expectativa de retribuição for quebrada a reputação de quem a quebrou é prejudicada. Um círculo virtuoso que envolve a reciprocidade, a confiança e a reputação é criado a partir da aprendizagem das relações de reciprocidade.

Assim, enquanto para Ostrom (1998) a confiança é pré-requisito para que os laços de reciprocidade se estabeleçam, para a teoria da reciprocidade o processo é o inverso. São as relações de reciprocidade que, quando simétricas, produzem confiança. (SABOURIN, 2011b). Em ambas as teorias, contudo, a confiança é um fator chave. Na comunidade, o vínculo entre as mulheres é fortemente pautado na confiança. Essa vem do compartilhamento comum de experiências (impostas e/ou escolhidas) que as colocam em contextos sociais e morais similares, promovendo identificação e gerando afinidades.

Essas experiências são fruto de uma criação característica da comunidade. Há uma forma tradicional de educar e transmitir os ensinamentos cativos a esse grupo que perpassa as gerações. Todas as entrevistadas afirmaram que as mulheres que as criaram (mães, avós, tias e/ou irmãs mais velhas) realizam ou realizavam as mesmas atividades que elas executam, incluindo tanto o trabalho doméstico quanto o trabalho agrícola.

Todas as entrevistadas mães de meninas, ainda, afirmaram ensinar ou querer ensinar as filhas tudo que aprenderam com suas responsáveis. Com o passar dos anos, todavia, diversas são as mudanças sociais e culturais e transmissão dos conhecimentos vai sofrendo alterações. Foi comum o relato do pouco interesse das filhas pelas atividades ensinadas pelas mães e das necessidades de adaptação nas formas de ensinar devido às mudanças na dinâmica familiar (filhos/as com muita mais oportunidade de estudos que os pais, por exemplo).

É necessário, aqui, a compreensão das tradições enquanto processos contínuos, gerados e regenerados de acordo com os contextos. Essas são constantemente criadas e transformadas e suas mudanças advêm desses processos. As tradições estão continuamente acontecendo, são processos de envolvimento prático das pessoas com o meio ambiente. O importante é sua continuidade, não a replicação de formas e ações idênticas e rígidas. A tradição pode ser contínua mesmo sem tomar forma fixa (INGOLD, 2004).

As comunidades, no presente, fazerem as coisas de maneiras diferentes do passado não configura, necessariamente, uma ruptura da tradição. O que quebra a continuidade desse processo é reproduzir um padrão tradicional fixo (tradicionalizar o tradicional). As pessoas são os lócus de desenvolvimento dos conhecimentos dentro de um campo de relações. Como as pessoas estão em constante movimento e processo de mudança, o conhecimento também está, assim como as tradições (INGOLD, 2004).

Além das transmissões geracionais, as mulheres estão diariamente compartilhando conhecimentos e técnicas entre si. Pude acompanhar a repercussão do curso de horta promovido pelo SENAR na comunidade durante o período que estive em campo. Como esse ocorreu na minha primeira semana na comunidade foi possível ver e ouvir as mulheres comentarem sobre ele durante as semanas seguintes. Logo que o curso acabou, aquelas que não conseguiram participar logo foram atrás de alguma amiga/vizinha/parente que participou para se atualizar sobre os ensinamentos. De boca em boca, os métodos e técnicas ensinados no curso se espalharam e em pouco tempo

diversas mulheres já estavam inteiradas e prontas para aplicar os aprendizados na feitura da próxima horta.

Cada momento compartilhado pelas mulheres é um momento de troca de conhecimento. Em uma visita aprende-se a fazer algo de comer que não sabia, mas que experimentou e gostou; em um encontro no brejo ensina à vizinha como distribuir as plantas de forma a cooperarem uma com o crescimento da outra; em uma reunião da associação de moradores instrui outra associada sobre qual a melhor forma de regar os pés de laranja para que esse dê frutas mais doces; ao fim da missa informa-se sobre um remédio natural que ainda não conhecia, e assim por diante.

Os saberes locais são sistemas holísticos, dinâmicos, cumulativos e abertos que se constroem com base nas experiências locais transgeracionais, que estão em constante adaptação e transformação, relacionando-se com as atividades tecnológicas e socioeconômicas (TOLEDO, 2015). Ao trocarem informações constantemente entre si, as mulheres transmitem e recebem conhecimentos, geram conhecimentos novos e os fazem circular fortalecendo a teia da sabedoria local.

As situações de transmissão de saberes e de formação de adultos são também, segundo Sabourin (2011a), exemplos em que podem se constituir relações de reciprocidade. Nessas trocas se fortalecem a confiança e a solidariedade. As mulheres compartilham de seus mundos particulares de forma simbólica e material e, ao fazê-lo, se inserem cada vez mais em uma malha de cooperação e amparo.

Uma forte fonte de troca entre as mulheres são os alimentos. Chiles (2018a, p. 160) ressalta que “... na cultura geraizeira não se entra numa casa e sai de mãos vazias” e as principais responsáveis por garantir que ninguém saia de mãos vazias são as mulheres. Como essas são as principais responsáveis pela alimentação da família sabem bem o que tem e o que deixa de ter em casa, o que está sobrando e o que está em falta etc. Assim, costumam tomar frente ao presentear uma visita com alimento - seja algo preparado na cozinha, alguma fruta ou vegetal do quintal ou da horta ou até sementes.

No Gerais visita se paga com visita. Ir à casa de alguém significa que haverá uma retribuição e o outro visitará sua casa. É uma honra para os/as geraizeiros/as receber visita e poder retribuí-la é uma honra maior ainda. Nessas visitas o alimento está sempre presente, dificilmente se sai da casa de alguém sem levar nada ou se deixar que saiam de sua casa sem oferecer algo.

É comum a doação de biscoitos, bolos, pães, verduras, grãos, sementes, leite,

requeijão e até carnes quando se recebe uma visita ou quando se sabe da necessidade de algum membro da comunidade. Esses estão sempre embebidos de sentimentos e até as famílias mais necessitadas participam desse rito.

O alimento para os geraizeiros talvez seja uma das maiores expressões de sociabilidade e reciprocidade, mesmo que não sejam assim nomeadas. Nesse sentido, Chiles (2018a) destaca o frango caipira enquanto comida de visita por excelência no Pau D'arco. O autor aponta que é comum separar os pedaços mais nobres do frango para as visitas e para aqueles/as que estão trabalhando na roça. Dá-se prioridade de escolha dos pedaços aos terceiros, restando à família aqueles que não forem de desejo desses/as. Essa é uma forma demonstrar hospitalidade e de agradar, retribuindo a visita e/ou o serviço prestado (Quadro 10).

Quadro 10: A reciprocidade em torno do frango caipira.

Em todas as minhas visitas as anfitriãs das casas fizeram questão de me servir frango caipira. Diziam não poder me deixar ir embora sem comer o frango caipira em pelo menos uma refeição e sempre me pediam para escolher primeiro meus pedaços favoritos para que me sentisse satisfeita e contemplada com a refeição. Nas residências em que havia falta de frango ou o adoecimento desses as mulheres se mostraram bastante sentidas por não poderem cozinhá-lo para mim. Constantemente reforçavam que não era falta de vontade e me diziam para voltar em um outro dia que, sem falta, o preparariam. Além disso, pude observar que é comum enviar frangos caipiras congelados aos parentes que não moram na comunidade - tanto para aqueles/as que moram na distante São Paulo, quanto para os/as que moram nas proximidades. Para as mães é indispensável o envio do frango para os/as filhos/as que moram longe e seu preparo quando esses/as vêm visitar a família.

Se tem algo no quintal ou na horta dando mais do que o necessário para a família, às vezes mais do que conseguirão consumir, esses são distribuídos a todos/as que chegam para fazer uma visita. Rapidamente se colhe algumas frutas no pé do quintal ou se vai à horta colher algumas hortaliças. Além do agrado ao/à visitante busca-se também não deixar perder nada do que é cultivado.

Ao compartilhar com o/a próximo/a um alimento compartilha-se também sentimentos. O alimento é apenas o bem material que representa o sentimento de uma família pela outra e expressa o senso de coletividade. A coisa dada carrega em si

algo do/a doador/a. Assim, mesmo que o alimento seja pouco, a importância maior é a ação de quem está doando.

No que diz respeito às sementes, é comum que as mulheres tomem frente da “arrumação” das sementes para doação/troca (CHILES, 2018a). No Pau D’arco o compartilhamento se dá, majoritariamente, em casos de perda ou de falta de sementes. Quando uma família precisa plantar, mas está sem sementes, as pega emprestado com outra e, assim que pode, as devolve (seja na próxima safra ou dali a anos). O/A doador/a sabe que suas sementes serão multiplicadas e devolvidas, mas não sabe quando. O processo se dá na base da confiança.

Quando há uma espécie ou variedade incomum, seja novidade ou algo que foi frequente no passado (mas não é mais), os/as moradores/as as compartilham entre si. É recíproco o interesse pela inovação. Sobre essa renovação constante Emperaire e Eloy (2014) destacam que entre a população indígena do alto e médio Rio Negro visitar parentes, viajar para Manaus ou reunir produtos florestais é sempre uma oportunidade de conhecer ou trazer de volta novas plantas. Essas plantas são testadas e cuidadosamente plantadas em espaços reservados para experimentação. A manutenção da diversidade depende desse interesse, dessa curiosidade em busca de novos morfotipos, combinados com um processo contínuo de inovação e experimentação. A diversidade de campos e cultivares também contém elementos de prazer estético e memória cultural, devido ao conjunto de relações sociais reveladas pela presença dessas plantas.

Algo semelhante acontece na comunidade do Pau D'arco. Além das sementes, outra fonte de troca são as variedades ornamentais. As mulheres comandam esse processo e quando visitam um local com plantas que lhe atraem, por exemplo, logo querem saber o nome, como cuidar e fazer uma muda. Seja em visitas à cidade, em viagens ou na casa de alguma vizinha, todo local pode ser espaço para a coleta de uma nova espécie ou variedade. Ainda de acordo com Emperaire e Eloy (2014) o interesse constante das agricultoras em novas variedades e na circulação de mudas ou sementes em sua rede social (agricultores/as, parentes, vizinhos/as ou conhecidos/as) tem como resultado a agrobiodiversidade.

Pude presenciar, no quintal de todas as casas que visitei, espaços repletos de flores cuidadosamente arranjadas, por vezes intercaladas com ervas medicinais. Localizados majoritariamente na frente das casas, esses espaços eram cultivados com zelo e dedicação e tidos como referência da organização da casa e do esforço das

mulheres. O apreço por esses espaços faz com que as mulheres estejam em troca constante de plantas ornamentais. Diversas foram as vezes que vi uma mulher dar ou receber uma muda de planta ornamental, especialmente flores (Quadro 11).

Quadro 11: *Mão boa* para flores.

Em um dos dias que estive na comunidade para a pesquisa de campo presenciei a reza de um terço em uma das casas. Famílias das mais diversas partes do Pau D'arco estavam lá. A anfitriã, conhecida por ter lindos pés de plantas floridas e uma *mão boa* para flor, recebeu a todos/as. Ao fim da reza, algumas mulheres procuraram a anfitriã para pedir que essa fizesse mudas de rosas para elas. A anfitriã, solícita, as fez e ensinou as vizinhas como cuidar para que as mudas *vingassem* e pudessem ser plantadas. Todas ouviram com atenção e demonstraram extrema felicidade com o presente. Melhor que receber a muda foi tê-la recebido de alguém que tem a *mão boa* para tirá-la e que ofereceu também o conhecimento sobre como cuidá-las. Todas as mulheres interessadas nas mudas disseram já terem tentado mais de uma vez cultivar a planta, mas sem sucesso. Agora, todavia, todas estavam confiantes.

Assim como os jardins visitados por Murrieta e Winklerprins (2009), os quintais do Pau D'arco parecem desempenhar múltiplas funções para o lar. Esses têm um papel importante como meio de apresentação para as *donas da casa*, como a expressão de um prazer estético feminino e são um terreno seguro para a experimentação constante e prática. Seu significado extrapola os valores econômicos e nutricionais das especiarias, plantas, verduras e frutas ali cultivados.

As flores parecem incorporar, para as mulheres da comunidade, um caráter mais emocional do que outras plantas. Pés floridos em seus quintais são motivos de orgulho e de comentários, não há uma mulher que chegue na casa de outra e não repare em suas plantas ornamentais. Se essas estão bem cuidadas e prosperando, logo são elogiadas. Se estão murchas ou não vingaram, são alvo de dicas e conselhos para sua recuperação. Dessa forma, há uma troca constante entre as mulheres, formam-se tramas sociais em torno e inclinações estéticas cativas a essas. Goody (1994) nos lembra que o cultivo de flores (e de plantas ornamentais, no geral) não é algo ligado a nossa base biológica, mas sim reflexo de aspectos sociais.

Taqueda (2009) aponta o cultivo das variedades ornamentais como produto recente da história agrícola, reflexo da entrada de valores urbanos no meio rural que

gera um aumento da função estética. Quando questionadas sobre essas variedades, as colaboradoras da pesquisa foram unânimes em responder que quando eram crianças não era comum a presença de uma diversidade de flores nas casas. O cultivo das flores vem adquirindo cada vez mais importância para as famílias e, com o acesso mais fácil às cidades próximas e a caminhões de mudas vindos de São Paulo, é possível obter novas variedades constantemente.

Os espaços das hortas e dos quintais desempenham um papel intenso na malha de reciprocidade feminina. Os elementos que compõem essas áreas são, muitas vezes, fruto de trocas entre essas e sempre que há a visita de uma ao quintal ou à horta da outra é certo que levará algo dali, sejam frutas, mudas de plantas, verduras ou ovos.

A união das mulheres por meio de uma trama de reciprocidade possibilita trocas únicas entre essas. Ter com quem contar para a realização das atividades cotidianas, podendo dividir a sobrecarga de trabalho que recai sobre si, é fundamental para que as mulheres consigam realizar as tarefas de sua responsabilidade. O reconhecimento de si na outra abre espaço para que os momentos de ajuda mútua sejam também espaços de transmissão de conhecimentos e de compartilhamento de plantas e alimentos.

As mulheres do Pau D'arco estão em permanente câmbio, assim geram e perpetuam as tradições e buscam espaços para sua expressão individual. Encontram na reciprocidade formas de lidar com o caráter desigual e, por vezes, opressivo da divisão de trabalho, cuidando umas das outras e difundindo seus saberes.

2.2 Cuidar, cultivar e habitar

2.2.1 Agrobiodiversidade: responsabilidade e zelo

Os sistemas agrícolas familiares são uma das principais fontes do autoconsumo das populações rurais do Brasil. Estes baseiam-se na mão de obra familiar e têm sua organização fortemente influenciada pela dinâmica das unidades domésticas. É em torno das casas (e das famílias que nelas vivem) que as relações produtivas se articulam (TAQUEDA, 2009).

Na comunidade do Pau D'arco toda a atividade agrícola se dá através da atuação familiar. São as famílias que ditam as dinâmicas de serviço e de uso dos espaços. Ao pensar a diversidade agrícola – uma das propostas desta dissertação – um ambiente se destaca: o quintal. Como visto, esses se localizam ao redor das casas e abrigam as roças

da safra das águas; a maior parte das plantas frutíferas, ornamentais e medicinais; os animais; e os espaços de beneficiamento da mandioca e da cana.

Os quintais são, por excelência, espaços de experimentação e de inventividade. Das 118 variedades de plantas relatadas pelas colaboradoras da pesquisa, 91 (78%) podem ser encontradas nos quintais. Como o presente trabalho não realizou um levantamento exaustivo da agrobiodiversidade local esse número é, certamente, ainda maior.

Se há desejo ou necessidade de cultivar uma nova qualidade ou uma nova espécie, essas são testadas nos quintais. Esses locais, devido à proximidade da casa, possibilitam fácil controle dos cultivos, acompanhamento do desenvolvimento diário e interferência imediata quando necessário. Há todo um período de experimentação com as novas plantas adquiridas de parentes ou vizinhos/as e provenientes de viagens. Essas trazem consigo informações que contribuem para a formação dos saberes das agricultoras; no entanto, o período de testes é fundamental, de forma similar ao descrito no contexto do Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro (IPHAN, 2019).

A busca constante por novas variações, as habilidades de experimentação e a gestão de um portfólio dinâmico das variedades (sabe-se diferenciá-las de acordo com suas especificidades) são características da agricultura tradicional. Os/as agricultores/as estão constantemente inventando e experimentando. Os resultados das experimentações formam um sistema dinâmico e aberto de gestão de recursos genéticos, com recrutamento e perda de variedades. Os/as agricultores/as experimentam de forma a contemplar suas necessidades e as de sua família (por vezes, até as da comunidade) e a sentir-se seguros em casos de mudanças econômicas e condições ambientais imprevisíveis (WOOD e LENNE, 1997).

Ao ganhar, comprar ou trocar alguma muda ou semente no Pau D'arco o primeiro espaço para o qual essas vão é o quintal. As sementes costumam ser germinadas ali, em pequenos vasos improvisados com garrafas PET cortadas, e as mudas repousam à sombra das árvores até ser escolhido seu local de plantio. Quando se come algo diferente do habitual, e se gosta, guarda-se as sementes para cultivá-las posteriormente nos quintais, aprender as técnicas de cultivo daquela nova variedade e entender seus ciclos. É usual utilizar também as hortas para esses fins: essas estão constantemente sob o olhar atento das mulheres e possuem alta rotatividade de cultivos, caracterizando-se como locais propícios para a realização de experimentos e verificações (Quadro 12).

No Pau D'arco, semelhante ao descrito no contexto do Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro, as plantas, mudas, sementes, circulam intensamente entre as agricultoras; ao ver uma planta no quintal de conhecidos e levá-las para casa, comentá-las e testá-las assegura-se um fluxo contínuo regional de plantas e saberes (IPHAN, 2019). As teias entre vizinhos/as, parentes e conhecidos/as garantem a circulação da diversidade das plantas cultivadas, bem coletivo da comunidade. O processo contínuo de experimentação e de inovação garante a integração de novas variedades e sua adaptação a novas condições, fomentando a pluralidade e a abundância em sistemas agrícolas tradicionais (EMPERAIRE, 2018). O sistema agrícola da comunidade geraizeira do Pau D'arco é aberto à inovação, o que viabiliza sua adaptabilidade a diferentes condições ecológicas e econômicas.

Quadro 12: As hortas como espaços de experimentação

Apesar do foco da pesquisa estar direcionado aos quintais, por compreendê-los como principal espaço de experimentação, inventividade e manejo da agrobiodiversidade, é necessário destacar o papel das hortas nesses processos. Devido à umidade maior do solo nesse espaço e à presença quase que diária das mulheres ali, mesmo quando mais distante das casas, as hortas são bons espaços para testes e investigações. Em três das quinze casas visitadas as mulheres estavam experimentando novas variedades em suas hortas. Uma testava sementes de morango, presente de um parente, para ver se vingavam; outra abria berços para o plantio de sementes de melancia recebidas de uma vizinha; a última germinava sementes dos mais diversos abacates que consumia para, posteriormente, vender as mudas. Como anualmente as hortas são refeitas, há a possibilidade constante de testar novas técnicas, novas combinações e aplicar novos conhecimentos. Em um ano inúmeros são os aprendizados e os saberes adquiridos e trocados, cada feitura de horta é uma nova oportunidade para depositar as vontades e as ideias das mulheres. É preciosa a oportunidade de recomeçar e de inovar.

Os quintais são parte do agroecossistema enquanto espaço de produção e reprodução de teias de reciprocidade e das relações afetivas (TAQUEDA, 2009). São espaços multi-funcionais, os quais são utilizados para fins estéticos, sociais, recreativos e utilitários (HOWARD, 2003). Em todas as propriedades visitadas para esta pesquisa

15 no total), os quintais tinham espaços reservados para as plantas ornamentais e para os enfeites, sejam eles jarros, vasos, miniaturas ou réplicas; espaços de socialização com bancos e/ou mesas; espaços recreativos, áreas com sombra nas quais as crianças podem brincar e os adultos se reunir; e áreas utilitárias, tanque ou bacia para lavar roupa, forno a lenha, torneiras, caixas d'água, tanques de peixes etc.

Dessa forma, os quintais têm papel como espaço social, onde muito do tempo familiar é gasto, tanto com trabalho, quanto com lazer (TAQUEDA, 2009). É na sombras das árvores dos quintais que as famílias descansam após o almoço ou quando voltam de um longo dia de trabalho; embaixo dos pés de pequi as crianças passam a tarde brincando, correndo atrás das galinhas e se divertindo com a terra; nos bancos e muretas que os/as amigos/as se reúnem para jogar conversa fora e tomar cachaça.

Essas áreas são também fonte de diversidade e segurança alimentar, uma espécie de garantia às famílias em casos de impossibilidade de trabalhar nos locais mais distantes (doenças, acidentes, perdas ou escassez de safras etc.) (KUMAR e NAIR, 2004). Os/as gerapeiros/as retiram dos quintais a maior parte do sustento familiar. Na comunidade do Pau D'arco é em torno desse "chão de morada" (NOGUEIRA, 2009, 2017) que as famílias fazem a principal safra do ano (safra das águas), cultivam o maior número de espécies e criam os animais que servirão de alimento (Quadro 13).

Quadro 13: Quintal como espaço de variedade.

Na casa de uma das entrevistadas, a família cultivava uma variedade maior de legumes e verduras somente no quintal durante o período de chuvas. Itens como cenoura, beterraba, maxixe, tomate, couve e abóbora só fazem parte da alimentação familiar durante esse período. O espaço de horta da família é pequeno e ali há o plantio somente dos insumos necessários para a feitura dos temperos (alho e coentro). Assim, a diversificação da alimentação desse grupo está diretamente atrelada ao cultivo no quintal. Quando não podem cultivar esses alimentos a família raramente os consome, somente em casos de trocas, compras ou ganhos.

Os quintais podem conter plantas propositalmente cultivadas para um fim específico, plantas que nascem espontaneamente e que são estimuladas a se desenvolver e plantas que nascem espontaneamente, mas não são encorajadas a se

desenvolver e nem retiradas, sendo mantidas para possíveis usos futuros, como já demonstrado por Blanckaert et al. (2004). Em todos os casos os/as agricultores/as visam atender as necessidades ecológicas de cada espécie em sua particularidade (GREENBERG, 1996).

Cultivar uma planta é, segundo Empeaire et al (2012), depositar intencionalidade de presença naquela. Assim, tendo sido plantadas ou crescido espontaneamente, se há uma intencionalidade na presença dessas, é possível dizer que são cultivadas e que sua disposição se dará de forma organizada em múltiplas zonas de manejo.

Empeaire, Eloy e Seixas (2016) nos lembram que quando se trata das plantas e dos saberes a elas associados é possível focalizar tanto as perdas - relacionadas às constantes mudanças socioculturais - quanto às resistências - associadas à imensa quantidade de recursos genéticos mantidos pelos/as agricultores/as.

Diante desse cenário, foi feita a escolha de focalizar as resistências ao apontar a robustez dos sistemas locais de conservação e de manejo da agrobiodiversidade. Evidenciar os cultivos nos quintais foi a forma encontrada para compreender e debater a conservação da agrobiodiversidade na comunidade do Pau D'arco e para realçar a atuação agrícola das mulheres (interlocutoras primordiais desta pesquisa).

De acordo com Murrieta e WinklerPrins (2003), as mulheres são as principais candidatas a iniciar processos de cultivo de plantas e manejo dos quintais. Sua presença constante nos arredores da casa incentiva tal interação, assim como a conexão desse espaço com a alimentação. Os quintais – e as hortas – são locais que permitem um cultivo em menor escala e livre de expectativas futuras. Ao fazer uma roça de determinada espécie e essa não vingar, o prejuízo é enorme: são muitas sementes perdidas, um terreno grande que foi “desperdiçado”, diversas etapas de serviços em vão. Testar um cultivo novo no quintal, por sua vez, tem risco quase nulo. A experimentação é feita em menor escala, com menos sementes, menos terreno e menos mão de obra. No caso de o cultivo não vingar, fica o aprendizado acumulado e pode-se tentar de novo.

Taqueda (2009) afirma que as mulheres são capazes de atribuir características qualitativas altamente específicas às variedades de seus quintais, mesmo com muitas semelhanças. Na comunidade esse processo ficou nítido no caso das plantas ornamentais. A grande parte das entrevistadas não sabia dizer qual a espécie e/ou

variedade da planta, todavia, sabiam distingui-las em detalhes. As particularidades de cada uma são consideradas no cuidado. E ao fazer muda de qualquer uma delas os cuidados são compartilhados em detalhes.

A autora ainda reforça a compreensão dos quintais enquanto espaços sociais dos quais as mulheres são as principais mantenedoras⁶¹. A presença constante dessas as capacita para um cultivo detalhista e efetivo das plantas. Ao manejar os quintais as mulheres estão regulando a umidade dos solos e das plantas; desenvolvendo, aperfeiçoando e aplicando técnicas para a melhoria nutricional do solo e controle de pragas (através de insumos de fácil acesso – seja aqueles presentes nos mercados locais ou no próprio ambiente); buscando manter e, se possível, aumentar a diversidade das espécies; e experimentando diferentes formas de cultivo.

Os conhecimentos das mulheres sobre as variedades e propriedades das plantas têm fontes diversas e conectam-se a convívios imemoriais entre povos e plantas⁶² (PICARELLI, 2007). Suas origens são múltiplas, englobam as práticas (adquiridas logo na infância), o intercâmbio de informações nas teias de sociabilidade e a atenção aos detalhes. As mulheres recebem desde muito pequenas os ensinamentos de suas mães, avós, tias, madrinhas e/ou irmãs mais velhas acerca das tarefas de responsabilidade feminina. Ao longo da vida estas desenvolvem diferentes graus de curiosidade, de gosto pelas coleções de plantas e de percepção dos espaços que vão compondo seus conhecimentos (IPHAN, 2019).

É cativo para as mulheres uma produção saudável visando um consumo saudável. Promover saúde à família é parte central da tarefa de cuidar e os quintais são partes fundamentais desse processo. Ao permitem experimentações possibilitam o cultivo com o objetivo de testar receitas de alimentos e de remédios e sua localização próxima à casa faz dos quintais possíveis farmácias particulares.

As experiências desenvolvidas pelas mulheres nos quintais têm papel essencial na garantia e na valorização da produção para o autoconsumo. Suas práticas fortalecem a relação entre saúde e alimentação ao prezarem, por exemplo, pela produção de alimentos livres de agrotóxicos e demais venenos (RIGON et al., 2005) (Quadro 14).

⁶¹ Ao longo da pesquisa notei que as mulheres se referiam constantemente aos quintais e às hortas enquanto “meu quintal” e “minha horta”. Reconhecendo sua primazia naqueles espaços e se colocando enquanto *donas*.

⁶² Com isso, não quero reafirmar vínculos inatos entre mulher e natureza. É sabido que esses se dão enquanto resultado da experiência histórico-cultural e estão atrelados à diferentes éticas de visão de mundo.

Quadro 14: Os remédios do Cerrado.

Ao acompanhar um dia de raspagem de mandioca para a tiragem de goma e feitura de farinha ouvi das mais diversas conversas. Um dos assuntos foi a relação dos/as moradores/as da comunidade com os remédios do Cerrado. Era geral a ideia de que na comunidade havia tudo quanto é tipo de planta para fazer remédio. Todavia, a população não conhecia bem os tipos de planta e métodos de preparo e extração dos remédios e preferiam seguir pelo caminho mais fácil: a medicação convencional. Ao longo do período em campo, entretanto, presenciei por diversas vezes situações e comentários que demonstravam a ampla sabedoria dos/as moradores/as a respeito dos remédios naturais. Inúmeras foram as misturas para chás e as técnicas sobre o que fazer ou deixar de fazer quando está se sentindo algo que me foram apresentadas (ex.: a diferenças entre os “tipos” de boldo; remédios pra gripe a base de pinga; diferentes plantas e frutas para curar/evitar câncer, como caroço de abacate num copo com água e suco de graviola; compostos para evitar e diabetes e diminuir a glicose; não comer folhas quando se está tossindo; fazer chá de limão cortando-o em 4 partes e descascando apenas uma). As pessoas sabiam diferenciar veneno de remédio e saiam no mato para *panhar* folhas das mais diferentes quando alguém adoecia. O período que estive doente me ofereceram os mais diversos remédios naturais, até quem eu ainda nem conhecia me visitou e levou consigo folhas para chás e conhecimentos acerca do uso de variados remédios. A partir daí, pensei que se o conhecimento acerca da medicina natural local me parecia tão grande, mas tão pequeno aos/às meus/minhas interlocutores/as podia ser porque o universo de possibilidade era muito maior do que eu imaginei em um primeiro momento. Os conhecimentos ainda tão abrangentes para mim, desconhecadora da realidade local, eram apenas resquícios do que poderiam ser e/ou do que já foram.

O manejo da agrobiodiversidade está associado ao cuidado, não só ao plantar. Investe-se tempo, sabedoria, paciência e afeto na lida com a natureza. O que marca o manejo é a consideração pela necessidade de formas particulares de atuação para cada ser visando a associação, considerando a dependência dos ciclos naturais e explorando as espécies dentro de suas capacidades de recuperação (DIEGUES, 2000).

Assim como identificado por Emperaire (2018) no sistema agrícola do Rio Negro, as plantas não são apenas plantadas: são cultivadas, exigem cuidados e uma relação estreita entre as plantas e quem as cultiva. Visa-se o bem-estar do mundo

vegetal, acompanha-se suas transformações e contempla-se as representações de ideias e conceitos presentes em cada espaço.

A manipulação das variedades nas propriedades é dinâmica, experimental e associada a um complexo processo ilimitado de mudança (no que diz respeito à quantidade e à variedade). A evolução dessas ou seu descarte ocorre de acordo com os interesses dos/as agricultores/as (WOOD e LENNE, 1997).

No Pau D'arco, a perda de espécies e variedades é muito pequena. Apenas 7 espécies foram citadas pelas entrevistadas enquanto perdas (batata, fava, amêndoas, mangarito, mostarda, jabuticaba e arroz), sendo 5 cultivadas nos quintais e 2 nas roças⁶³. Essas perdas, contudo, são relativas, enquanto uma mulher cita não produzir mais arroz (Entrevistada 14) outras contam que na última safra produziram mais arroz do que conseguiriam consumir no ano (Entrevistadas 8, 10 e 12).

A predileção da família aparece como fator central nos relatos sobre o porquê das perdas. Deixa-se de cultivar determinada espécie ou etnovarietade porque essa não está mais de acordo com os gostos pessoais e/ou os interesses das famílias (Quadro 15).

Quadro 15: Mudam-se os gostos, mudam-se os cultivos.

Em uma das famílias da comunidade, que há anos tem como atividade central o comércio de alimentos nas feiras de Espinosa, a filha (entrevistada para a pesquisa) relatou que, quando criança (cerca de 25 anos atrás), lembra de ver seu pai cultivando fava em grande quantidade. Contudo, com o passar dos anos, o pai parou de cultivar fava e passou a cultivar feijão. Posteriormente, a entrevistada veio saber que o pai realizou essa mudança em seus cultivos pois o comércio de fava decaiu, os/as compradores/as não se interessavam mais com a mesma intensidade pelo produto. O gosto dos/as consumidores/as mudou e afetou na produção da família que parou de produzir fava e passou a produzir feijão.

⁶³ Ver gráfico 1 na seção 1.2.2.

O milho foi amplamente citado como espécie em "pior" situação no que diz respeito ao sumiço de variedades, corroborando com o apresentado por Chiles (2018b). Essa espécie ainda é amplamente cultivada pelas famílias da comunidade (por isso não foi citada enquanto "perda" por nenhuma entrevistada, vide gráfico 1), entretanto, as mulheres relataram que o cultivo atual é apenas de variedades "melhoradas". O conhecimento dos/as agricultores/as acerca dos benefícios das variedades convencionais - menor tempo de cultivo e a produção de espigas maiores e mais doces - os/as fez priorizá-las.

Chiles (2018b) aponta que de 108 variedades identificadas em seu estudo apenas 37 mantiveram-se ao longo do tempo, identificando, assim, uma ampla perda da diversidade agrícola na comunidade consequência do rápido processo de transformação e homogeneização dos SATs causado pela globalização e das mudanças climáticas que afetam a região.

Diante desse cenário, as experiências nos quintais são formas de resistência. Essas trazem benefícios ao proporcionarem aumento da capacidade de cultivo adaptadas às mudanças ambientais e econômicas e controle do/a agricultor/a sobre a tomada de decisões acerca do manejo das espécies, observação que tem respaldo em dados e análises de Wood e Lenné (1997), no contexto de outros/as agricultores/as.

São nos quintais, ainda, que as possibilidades de experimentar novidades genéticas se amplificam. Esses são locais de atuação mais livre e descompromissada, onde é possível testar novar espécies e/ou variedades sem gerar perdas - de área cultivada, de semente, de muda, de tempo, etc. Além de serem áreas de circulação familiar diária (especialmente por parte das agricultoras). Assim, as variedades adquiridas por troca, compra em mercados ou através de hibridação natural (WOOD e LENNE, 1997) são testadas em pequena escala nos quintais que passam a guardar novas plantas e, através delas, dão espaço para adaptações e inovações técnicas e sociais.

As comunidades tradicionais se adaptam de inúmeras maneiras, dependendo das características culturais e materiais dos grupos sociais envolvidos e de fatores que modificam as condições de produção, como posse da terra, mudanças tecnológicas e integração de mercado (EMPERAIRE e ELOY, 2014).

É o caráter dinâmico que colabora para a estabilidade dos sistemas agrícolas. Há uma busca constante pelo melhor uso da água, da luz e da fertilidade do solo, por exemplo (ALTIERI, 1999) - os conhecimentos locais visam um manejo sustentável e cooperativo. O meio físico é parte integrante dos indivíduos. O bem de um é o do outro e os conhecimentos locais visam um manejo sustentável e cooperativo (CUNHA, 2012). Assim, é possível dizer que quintais e mulheres cultivam-se reciprocamente ao longo do tempo em direção ao cuidar de si e dos seus.

Diante de um cenário global de beneficiamento dos processos de homogeneização de populações e ecossistemas ao redor no mundo, as agriculturas tradicionais ficam vulneráveis frente aos processos de globalização da agricultura (e desenvolvimento rural). As resistências e o dinamismo das práticas e saberes tradicionais, que oferecem soluções perante desafios modernos - como as mudanças climáticas - são constantemente desconsiderados (EMPERAIRE, 2018). A diversidade das agriculturas tradicionais é uma forma de expressão da diversidade cultural e dos modos de se relacionar com o meio ambiente. Essas estão em contínuas adaptações às modificações ambientais, socioeconômicas e culturais e estabelecem linhas de força que visam a sustentabilidade dos agroecossistemas e a conservação da agrobiodiversidade. Desconsiderá-las em favor de opções produtivistas é negar que a diversidade das formas de produzir pertença a registros múltiplos da vida social e cultural das sociedades e ultrapasse o domínio dos fatos técnicos (EMPERAIRE, 2018).

Na contramão da padronização das agriculturas, os sistemas agrícolas tradicionais espelham a diversidade cultural e biológica do país e evidenciam a interação da agricultura com os demais domínios da vida social, cultural e material, não se limitando à vertente funcional. A importância da riqueza e da sustentabilidade desses sistemas - que unem os contornos materiais e imateriais e incorporam contextos culturais, ecológicos, históricos e políticos, como exposto por Emperaire (2018) para o Sistema Agrícola do Rio Negro - podem ser pensados em termos da priorização do bem coletivo; do suporte às relações sociais; da manutenção

de uma alta diversidade de recursos fitogenéticos; e também de reservatório genético frente às mudanças climáticas.

Cultivar plantas e animais é expressar concepções de mundo e de sociedade através da mobilização de saberes, conceitos e ferramentas - singularidade das formas de produzir manifestam a cultura e a identidade dos povos. Para Empeaire et al (2017) os sistemas agrícolas são bens coletivos que devem ser mantidos vivos e, para protegê-los, é necessário considerar a agrobiodiversidade construída e mantida pela ação humana. O caso do sistema agrícola do Rio Negro é utilizado pelas autoras como exemplo de reconhecimento dos direitos coletivos das populações sobre as variedades e espécies por elas selecionadas, cultivadas e manejadas através da patrimonização.

O registro do Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro como Patrimônio Cultural do Brasil constituiu um avanço ao criar novas conexões entre políticas públicas das esferas culturais e agrícolas no Brasil. O reconhecimento por parte do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) ressalta a importância do sistema agrícola para além dos "serviços ecossistêmicos" que fornece. Em contrapartida, o predomínio dos valores culturais corrobora com o descaso dos órgãos de políticas agrícolas - que insistem em valorizar práticas produtivistas (EMPERAIRE et al, 2017).

Ao salvaguardar a agrobiodiversidade e/ou o sistema agrícola associado via patrimonialização, visa-se proteger das dinâmicas agrícolas e culturais mundiais - com foco na globalização e na modernização - um bem considerado frágil e incorporar metas de geração de renda. Nesse processo, o papel das mulheres se destaca. No Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro ser *dona de roça* envolve expertise agrônômica, responsabilidade e autoridade. As mulheres têm um amplo conhecimento das características de cada espécie cultivada e de suas variedades - seus nomes, critérios de reconhecimento, exigências ecológicas, calendário de produção, etc. Tais conhecimentos somados à extensa teia de trocas recíprocas entre elas tornam-se fundamentais para a salvaguarda da agrobiodiversidade e dos sistemas agrícolas (EMPERAIRE et al, 2017). Processo semelhante ocorre na comunidade do Pau D'arco, onde, mesmo não pertencendo a um sistema agrícola tradicional patrimonializado, as mulheres são sujeitos importantes no processo de acúmulo e disseminação das práticas e dos saberes locais ao exercerem suas funções de *donas de quintal* e *donas de horta*.

As espécies e as variedades cultivadas são objetos biológicos que atendem a critérios culturais e estão em constante interação com os grupos humanos que os criam

e modelam. Essas integram o tempo e o espaço que as abarca, são parte da vida cotidiana e, por isso, constantemente (re)adaptadas aos contextos (EMPERAIRE, 2005).

Dessa forma, a memória faz-se um fator essencial para o manejo. Ter em mente os resultados dos testes já realizados (por si ou por seus/suas antecessores/as), ouvir os ensinamentos daqueles que já vivenciaram determinada situação e trocar experiências é fundamental para minimizar os erros e maximizar os acertos no cultivo. Aqueles/as que vivem em um ambiente particular e lidam com suas limitações e suas capacidades constroem um conhecimento sofisticado acerca do espaço (Quadro 16).

De acordo com Nazarea (2006), é através da memória que diversas variedades se mantêm e tantas outras surgem. Os saberes compartilhados a respeito da estética, da alimentação e da saúde, por exemplo, impulsionam as escolhas de cultivo. É por meio da memória que os conhecimentos são constantemente readaptados, inovados e aperfeiçoados e, assim, reforçam a agricultura tradicional colaborando com a resistência dos/as agricultores/as à comercialização agrícola em larga escala e à monocultura.

Quadro 16: O conhecimento técnico e o conhecimento tradicional.

Diversas são as oportunidades de aprendizado de técnicas de manejo e cultivo oferecidas no Pau D'arco por agentes externos à comunidade, desde de cursos na própria comunidade à possibilidade de ir às cidades vizinhas para compor grupos de estudo. Assim, o conhecimento tradicional local está em constante integração com o conhecimento científico. Esses aprendizados, contudo, nem sempre são aplicáveis na prática. Os/as interlocutores/as da pesquisa relatam dificuldade para replicar as técnicas aprendidas e/ou impossibilidade de adquirir os equipamentos necessários. Além disso, a aversão aos riscos se faz presente, a proteção ao endividamento é um freio para a imersão nas tecnologias mais modernas. As técnicas que costumam prevalecer são aquelas que os/as agricultores/as aprenderam com os/as mais velhos/as e que estão adaptadas à realidade local.

Conheci uma família que cultivava prioritariamente para a venda na feira de Espinosa. Devido à necessidade constante de cultivo para atender às demandas de seus/suas clientes a família investe em diferentes técnicas e equipamentos (ex.: utilizam trator manual, pulverizador, pivô de irrigação e não queimam os “ciscos”). Diante desse cenário, a entrevistada me contou uma contradição. Ela já fez diversos cursos sobre hortas e aprendeu técnicas modernas, mas continua a aplicar os conhecimentos aprendidos com sua mãe. Mesmo diante a possibilidade de escolha

devido a boa condição financeira da família e a contragosto do marido - que vê no uso de técnicas a possibilidade de aumento na qualidade e na quantidade da produção, a agricultora opta pelo que lhe traz segurança e conforto, os métodos tradicionais.

As cargas socioculturais são partes centrais do arcabouço de conhecimentos sobre o manejo da agrobiodiversidade. No que diz respeito aos quintais, as mulheres carregam em si heranças materiais e simbólicas que guiam sua lida com o ambiente. A pesquisa de Empeaire (2005) sobre a mandioca na Amazônia brasileira salienta o peso do patrimônio cultural associado à diversidade agrícola. São os fatores sociais, históricos e emocionais que ditam quais práticas e cultivos se mantêm ou são retirados, que estabelecem o que será passado para a frente e o que não será, o que possui valor para aquele tempo-espaço e o que não cabe ali.

A diversidade das formas de produzir inscreve-se enquanto parte da vida social e cultural das comunidades. Essa ultrapassa o domínio dos fatos técnicos e expressa a concepção de mundo dos grupos, as formas de saber e fazer; as escalas ecológica, biológica, sociocultural e temporal; e os aspectos da vida social, econômica e sagrada (IPHAN, 2019).

O mesmo vale para a criação de animais. Além da grande diversidade de plantas, é nos quintais que são criados os animais. Os porcos e as galinhas, animais mais consumidos na comunidade, vivem nos quintais. O gado, por sua vez, passa o dia solto pastando nas mangas, mas à noite é recolhido para os currais nos quintais. Os chiqueiros, poleiros e currais são constantemente limpos e os bichos alimentados majoritariamente pelas mulheres. Esse cuidado resultará em animais sadios para o consumo posterior.

Os quintais são as dispensas das famílias. Ter carne como fonte de proteína em seus quintais é segurança, garantia de uma alimentação mais forte e de saciedade. Comprar carne e ovos no mercado é caro e, caso as famílias dependessem desse processo para consumi-los, seria raridade uma refeição com disponibilidade desses para todos/as. A realidade, felizmente, é a fartura: galinhas prontas para serem abatidas quando houver necessidade ou vontade; ovos para fritar e para fazer biscoitos; porcos cuja carne servirá de alimento e a gordura de tempero para todas as comidas; e gado que, apesar de ser usado prioritariamente nos serviços das roças, é regularmente abatido e tem sua carne destinada tanto para o consumo familiar quanto para a venda. Essa seguridade possibilita às mulheres manter seu

bem-estar e saúde, assim como o de suas famílias, através da alimentação (uma vez que elas são as principais responsáveis por essa parte da vida).

A abundância é animal e vegetal. Os animais e as plantas do quintal são arranjados de forma a satisfazer as necessidades do/a agricultor/a em termos de espaço e produção (GREENBERG, 1996). Há um propósito nos arranjos, a disposição segue os conhecimentos de quem as maneja.

Ao ter o cuidado como fonte primária de seus afazeres, as mulheres atuam como pilares centrais da manutenção das dinâmicas comunitárias e familiares. Essa posição lhes atribui um papel específico na conservação da agrobiodiversidade. Além de atuarem nas mais diversas práticas agrícolas, serem responsáveis pelas hortas e pelos quintais e estabelecerem uma trama de trocas entre si (que engloba mudas, alimentos, conhecimento e afeto), ainda executam as tarefas relacionadas à manutenção da sobrevivência, do bem-estar e da saúde (física e mental) da comunidade – o que envolve preocupação e solicitude e é ação essencial para o desenvolvimento do ser humano (ZOBOLI, 2004).

No que diz respeito às atividades agrícolas tanto o serviço *na terra* quanto as tarefas de plano de fundo devem ser consideradas. É pela soma do trabalho nas roças, nos quintais e nas hortas ao trabalho doméstico que a vida na comunidade do Pau D'arco se mantém e floresce. As atividades que sustentam a possibilidade de produção são, majoritariamente, realizadas pelas mulheres, essas atuam amplamente nas duas frentes (agrícola e doméstica) e carregam consigo (em si) o apreço e o respeito pela conservação da agrobiodiversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a conservação da agrobiodiversidade nos sistemas agrícolas tradicionais é pensar a atuação das mulheres que neles vivem. O trabalho feminino é um eixo fundamental na estrutura de manutenção e fortalecimento da agrobiodiversidade. As mulheres portam conhecimentos específicos acerca do manejo agrícola - especialmente nos locais próximos às casas - da troca de sementes e mudas e dos cuidados com o bem estar físico e emocional das famílias e da comunidade (EMPERAIRE, 2005; MURRIETA e WINKLERPRINS, 2003 e 2009; TAQUEDA, 2009). Tais saberes são passados de geração em geração e percorrem a teia de mulheres, as quais compartilham entre si os ensinamentos aprendidos com as mais velhas e os transmitem, desde cedo,

para as meninas. Dessa forma se mantém uma malha de relações de troca recíproca entre mulheres. Além do conhecimento estão em constante circulação sementes, mudas e alimentos.

Essa teia de saberes se fortalece internamente também através da ajuda. As mulheres são as responsáveis por uma série de atividades relacionadas ao cuidado e ao trabalho doméstico, o que gera sobrecarga sobre elas. Essas tarefas demandam, além de paciência e zelo, tempo. As atividades domésticas são intermináveis, se acumulam diariamente e sua execução é demorada. Varrer e lavar a casa, limpar o quintal (tirar as folhas caídas das árvores, organizar os bancos, mesas, jarros, lavar os espaços destinados aos bichos etc.) e lavar as roupas e os sapatos são atividades que têm que ser feitas - no mínimo, semanalmente. Limpar a cozinha, fazer comida, lavar as vasilhas e arrumar os quartos são tarefas diárias. Isso quando não há imprevistos domésticos.

Soma-se ao trabalho doméstico o cuidado com as crianças, os/as idosos/as e os/as adoentados/as. Alimentar, dar banho, ajudar com as necessidades diárias e levá-los/as aos lugares exige tempo e gerir este de forma a conciliá-lo às atividades agrícolas é uma tarefa árdua. Além disso, fora o cuidado material, há também um esforço imaterial no cuidar. Esse é o responsável por adicionar afeto e carinho às tarefas e proporcionar prazer e bem-estar. É impossível contabilizá-lo, mas é certo que seu peso é alto.

Essa sobrecarga decorre da divisão sexual desigual do trabalho, que compreende o trabalho feminino enquanto *leve* e o masculino enquanto *pesado* e invisibiliza as atividades das mulheres (PAULILO, 1987 e 2004). Apesar da ampla extensão de seu papel na produção da unidade doméstica, as mulheres são muitas vezes negligenciadas e geralmente tidas como não produtivas. A compreensão dos homens enquanto chefes de família dá a eles voz sob a unidade doméstica o que, por vezes, silencia as mulheres nesse espaço (PAULILO, 2004). Apenas se desconsiderarmos o valor positivo dado exclusivamente ao trabalho *pesado* é possível fazer uma análise mais justa e igualitária das tarefas na comunidade. Uma vez que “todo trabalho pode ser leve ou pesado, tem coisa que falam que é pesado, mas num é, que nem tombar a terra” (Entrevistada 19, Pau D’arco I, 22/08/2019).

Para dar conta da sobrecarga (emocional e física) as mulheres compartilham os pesos entre si e administram os afazeres da forma que podem. Focalizar a atenção em espaços próximos à casa é tanto uma necessidade, pois não é possível se abster do

trabalho doméstico, quanto uma estratégia de gestão de tempo. Enquanto fervem a água do café, por exemplo, podem ir alimentar as galinhas; ou ao voltar da parada de ônibus onde deixaram o/a filho/a, sobrinho/a ou afilhado/a para ir à escola, aproveitar e colher algumas vagens de feijão andu para já *debulhar*⁶⁴ para o jantar.

Nesse sentido, na comunidade do Pau D'arco, os espaços dos quintais e das hortas se destacam. Ambos são locais de atuação e de responsabilidade majoritariamente feminina. Os quintais estão localizados próximos às casas, o que facilita a circulação das mulheres; as hortas, por sua vez, podem ser feitas tanto dentro dos quintais quanto mais distantes, no brejo. Ao longo da pesquisa foram identificados nos quintais o maior número de espécies e de variedades (Apêndice 2), o que os caracteriza enquanto espaços de experimentação e inventividade.

Ao entrar em contato com uma nova espécie ou variedade de seu interesse, as mulheres frequentemente buscam descobrir de onde veio e como podem consegui-la. Essa curiosidade e disposição é um fator central para a diversidade dos quintais. Ter um quintal diverso é motivo de orgulho e de resguardo para as mulheres. A segurança de ter remédios e alimentos à disposição e a satisfação de administrar um espaço bonito e “bem cuidado” são impagáveis. “Aqui na comunidade a gente tem que ter um pouquinho de tudo porque nunca se sabe, né” (Entrevistada 15, Pau D’arco III, 11/08/2019).

Através dos dados obtidos em campo foi possível conhecer as paisagens da comunidade do Pau D'arco, compreender as intenções presentes na circulação das mulheres em cada espaço e a divisão sexual do trabalho. Há uma separação evidente e assimétrica entre "serviço de mulher" e "serviço de homem". As funções de cada gênero na comunidade motivam vivências e compreensões de mundo diferentes para cada grupo.

Diante de suas percepções semelhantes, as mulheres da comunidade se unem na intenção de cumprir suas tarefas e se fortalecer. Uma malha de solidariedade é tecida pelas mulheres locais mesmo diante suas diferenças pessoais e/ou familiares. Os quintais são áreas significativas de expressão dessa teia, pois ali ocorrem trocas íntimas e profundas (AMARAL e GUARIM NETO, 2008), conhecimentos novos se conectam com antigos e fortalecem os saberes tradicionais, adaptando-os constantemente aos diferentes tempos e realidades. As histórias de vida e as relações estabelecidas com as plantas, os animais e com os grupos sociais dão formas diferentes

⁶⁴ Tirar ou separar os grãos ou sementes, retirar a casca.

aos conhecimentos a cada momento. A arte de plantar, colher, cuidar e conservar é compartilhada e perpetuada (CARNIELLO et al 2010).

Ao longo da análise e discussão dos dados e da reflexão sobre o período em campo foi possível identificar lacunas da pesquisa. A principal consiste no tempo despendido em campo. Ao total passei 49 dias na comunidade, tempo curto para uma pesquisa em profundidade com tantos fatores viáveis. O número de mulheres interessadas em compor a pesquisa foi superior ao que dei conta de entrevistar/visitar. A disponibilidade e abertura destas foi grande, contudo, tive que me organizar de acordo com o período que tinha disponível para estar em campo. Consciente de que qualquer trabalho de pesquisa pode ser mais amplo ou profundo e das inúmeras limitações que afetam nossa atuação enquanto pesquisadoras/res, procurei explorar ao máximo as possibilidades que criei e as que me foram apresentadas.

A intenção aqui foi a de dar espaço a indivíduos - as mulheres geraizeiras - até então ignorados em suas particularidades e expor suas conexões com a conservação da agrobiodiversidade - tema cativo aos sistemas agrícolas tradicionais. Busquei reconhecer a realidade particular das mulheres no contexto das famílias e comunidades geraizeiras, quando as pesquisas anteriores abordavam os geraizeiros enquanto sujeitos genéricos.

Ao focalizar o cotidiano das mulheres geraizeiras, suas práticas e saberes, a presente pesquisa verificou a importância dos quintais e hortas no sistema agrícola tradicional geraizeiro e seu papel na conservação da agrobiodiversidade. Até aqui, as análises sobre esse sistema enfatizavam o manejo das chapadas e as *terras de cultura*, com menor atenção às áreas localizadas no *chão de morada*, mais próximas às casas e manejadas, em geral, pelas mulheres. Esta pesquisa mostra haver uma grande agrobiodiversidade justamente nessas áreas.

No intuito de deixar possibilidades por vir ao campo de estudos geraizeiro, visualizo alguns avanços possíveis após este trabalho. O mapeamento profundo e abrangente da agrobiodiversidade, por exemplo, pode relevar outras conexões entre a atuação dos/as agricultores e sua manutenção/conservação e servir de registro para comparações e análises futuras. Além disso, dar continuidade às investigações acerca da circulação dos homens e das mulheres pelos espaços locais pode resultar em uma compreensão mais ampla de suas atividades, de seus estímulos e de suas conexões, o que permitiria adentrar o universo comunitário com maior profundidade e realizar análises mais finas. ~~128~~ observar os indivíduos em suas particularidades é possível

identificar características que não aparecem quando a análise é feita de forma mais ampla.

Cooperar com os estudos acerca da conservação da agrobiodiversidade em sistemas agrícolas tradicionais é, também, uma forma de apoiar sua manutenção. A diversidade presente em tais sistemas é importante não apenas como parte da solução para os problemas das mudanças climáticas, mas também como a chave para manter uma ampla gama de recursos genéticos vegetais e a diversidade cultural que caracteriza esses sistemas agrícolas únicos (EMPERAIRE e ELOY, 2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rubem de. **A criação de gado na solta entre os Geraizeiros de Berizal, Alto Rio Pardo, Norte de Minas Gerais**. Dissertação de Mestrado – Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2019.

AMARAL, C. N.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008.

BETHONICO, Maria Bárbara de Magalhães. Implicações da produção de carvão vegetal no município de Montezuma/MG: percepção da população local. **Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. Londrina, 2005.

BRITO, Isabel Cristina Alves de. Geraizeiros em Movimento. Em: COSTA, João Batista de Almeida e OLIVEIRA, Cláudia Luz de. **Cerrado, Gerais, Sertão: Comunidade tradicionais nos sertões roseanos**. São Paulo: Intermeios, 2012.

BRITO, Isabel Cristina Alves de. **Ecologismo dos Gerais: conflitos socioambientais e comunidades tradicionais no Norte de Minas Gerais**. Tese de Doutorado - Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2013.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de uma nova ethos. **Inclusão Social**, Brasília-DF, v. 1, n. 1, p. 28-35, 2005.

CARNIELLO, Maria Antonia et al. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amaz.**, Manaus, v. 40, n. 3, p. 451-470, Sept. 2010 .

CARVALHO, Igor Simoni Homem de. **Campesinato e biodiversidade no Cerrado: um estudo sobre o Assentamento Americana (Grão Mogol-MG) à luz da agroecologia**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2013.

CHAVES, Edneila Rodrigues. **O sertão de Rio Pardo: sociedade, cultura material e justiça nas minas oitocentistas**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFMG, Belo Horizonte-MG, 2004.

CHILES, João Marques. **Dicomer, dibeber ou coisa de velho? A agrobiodiversidade e a cultura alimentar geraizeira na comunidade de Pau D'arco**. 2018. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília. Brasília - DF, Montezuma e Santo Antônio do Retiro – MG. 2018a.

CHILES, João Marques. **Agrobiodiversidade e segurança alimentar em uma comunidade tradicional geraizeira**. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N° 1, Jul. 2018b.

CUNHA, Maria das Graças Campolina. **Os Nomes que Nomeiam um Modo de Vida: as territorialidades do campesinato do sertão nortemineiro**. I Seminário Internacional Estado, Território e desenvolvimento: contradições, desafios e perspectivas, 2012.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

EMPERAIRE L. Quais inovações para os sistemas agrícolas tradicionais ? (Quelles innovations pour les systèmes agricoles traditionnels ?). **ARU, Revista de pesquisa intercultural da bacia do Rio Negro (Revue de recherche interculturelle du Rio Negro)**, 2, p. 21-27, 2018.

EMPERAIRE, L., CARNEIRO DA CUNHA, M., & TOZI, D. Manivas e papas: três experiências de patrimonialização da agrobiodiversidade. Em: P. G. Bustamante, R. B. Lia, & J. Santilli (Eds.), **Conservação e uso da agrobiodiversidade: Relatos de experiências locais (pp. 69-96)**. Brasília: Embrapa, 2017.

EMPERAIRE, Laure; ELOY, Ludvine. Amerindian Agriculture in an Urbanising Amazonia (Rio Negro, Brazil). **Bulletin of Latin American Research. Journal of the Society for Latin American Studies**. 2014.

EMPERAIRE, L.; ELOY, L.; SEIXAS, A. C. Redes e observatórios da agrobiodiversidade, como e para quem? Uma abordagem exploratória na região de

Cruzeiro do Sul, Acre. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.** Belém, v. 11, n. 1, p. 159-192, 2016 .

GERHARDT, Tatiana e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GILLIGAN, C. **Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GOODY, J. **The culture of flowers.** Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

INGOLD, T. **Two reflections on ecological knowledge.** Em: Ortalli, G.; Sanga, G. (eds.) *Nature Knowledge; ethnoscience, cognition identity.* Berghahn, New York, 2004.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horiz. antropol.,** Porto Alegre , v. 18, n. 37, Junho, 2012.

KUMAR, B.M.; NAIR, P.K.R. The enigma of tropical homegardens. **Agroforestry Systems,** vol. 61, p. 135-152, 2004.

LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia,** 322. Departamento de Antropologia da UnB, Brasília-DF, 2002.

MAZZETO-SILVA, Carlos Eduardo. **O cerrado em disputa: apropriação global e resistências locais.** Brasília-DF: Confea, 2009.

MURRIETA, R.S.S.; WINKLERPRINS, A. Flowers of Water: Homegardens and Gender Roles in a Riverine Cabloco Community in the Lower Amazon, Brazil. **Culture & Agriculture,** vol. 25, n. 1, p. 35-47, 2003.

MURRIETA, R., WINKLERPRINS, A. **I Love Flowers: Home Gardens, Aesthetics and Gender Roles in a Riverine Caboclo Community in the Lower Amazon, Brazil.** Em: ADAMS, C., MURRIETA, R., NEVES, W. & HARRI, M. (eds) *Amazon Peasant Societies in a Changing Environment.* Springer, Netherlands, 2009.

NAZAREA, V.D. Local Knowledge and Memory in Biodiversity Conservation. **Annual Review of Anthropology,** v. 35, n.1, p. 317-335, 2006.

NEVES, Antônio da Silva. **Corografia do município de Rio Pardo**. Belo Horizonte. Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1908.

NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. **Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais**. Tese de Doutorado - Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

NOGUEIRA, Mônica. Gerais a dentro a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. **Mil Folhas**. Brasília, 2017.

OLIVEIRA, Moisés Dias de. **Autodefinição identitária e territorial entre o geraizeiros do Norte de Minas Gerais: o caso da Comunidade Sobrado**. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

OSTROM, E. A behavioral approach to the rational-choice theory of collective action. **American Political Science Review**, v. 92, n.1, p. 1-22, 1998.

OVERING, Joanna. Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 81-107, 1999.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. **Agricultura familiar: sustentabilidade ambiental e igualdade de gênero**. Em: Perspectivas de Gênero: Debates e Questões para ONGs, Recife: GT Gênero – Plataforma de Contrapartes Novib / SOS CORPO Gênero e Cidadania, 2002.

PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1987.

PAULILO, Maria Ignez. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Rev. Estud. Fem. Florianópolis**, v.12, n. 1, p. 229-252, abril, 2004.

PAULILO, Maria Ignez. FAO, Fome e Mulheres Rurais. **Revista Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v. 56, n. 2, p. 285-310, 2013.

PIRES, Álvaro. **Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais**. Em: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes , p. 43-94, 2010.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **As Minas e os Gerais. Breve Ensaio sobre o Desenvolvimento e Sustentabilidade a partir da Geografia do Norte de Minas**. Em:

LUZ, C.; DAYRELL, C.; (Orgs). Cerrado e Desenvolvimento. Tradição e atualidade. Montes Claros, MG: CAA-NM; Rede Cerrado, p. 19-46; 2000.

RIGON, S. A. **Alimentação como forma de mediação da relação sociedade/natureza: um estudo de caso sobre a agricultura ecológica e o autoconsumo em Turvo-PR**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. 1970.

SANTILLI, Juliana; EMPERAIRE, Laure. A agrobiodiversidade e os direitos dos agricultores tradicionais. **Instituto Socioambiental. Povos indígenas no Brasil (2001 a 2005)**. São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª edição. Editora da USP, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil, entre troca mercantil e reciprocidade**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2009.

SABOURIN, Eric. Teoria da reciprocidade e sócio-antropologia do desenvolvimento. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, n. 27, p. 24-51, Aug. 2011a.

SABOURIN, Eric. **Sociedades e Organizações Camponesas**. 1ª edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011b.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. Tese de Doutorado – Universidade de Brasília. Brasília – DF. 2009.

SOUZA, Jonielson Ribeiro de. **Terras Geraizeiras em disputa: os processos de autoafirmação identitária e retomada territorial de comunidades tradicionais de Rio Pardo de Minas frente a concentração fundiária**. 2017. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

TAQUEDA, Carolina Santos. **A Etnoecologia dos jardins-quintal e seu papel no sistema agrícola de populações quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo.** Dissertação de Mestrado - Instituto de Biociências de São Paulo. Departamento de Ecologia, 2009.

TOLEDO, Victor M. A. A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais **Expressão Popular**, São Paulo, 2015.

WOOD, D., LENNÉ, J.M. The conservation of agrobiodiversity on-farm: questioning the emerging paradigm. **Biodiversity and Conservation**, v. 6, p. 109–129, 1997.

ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 21-27. 2004.

APÊNDICE 1 – Roteiro de entrevista

I. Dados socioeconômicos

1. Nome completo: Comunidade:
2. Idade:
3. Escolaridade:
4. Onde nasceu?
5. Há quanto tempo mora na região?
6. Quais/quantas pessoas moram na casa? Tem quantos/as filhos/as? Quais idades?
7. Tem acesso ou recebe algum Programa ou Benefício Social do Governo? Qual? Se não, já recebeu benefícios sociais no passado?
8. Já acessou algum tipo de crédito ou financiamento?
9. Quais as atividades econômicas/fontes de renda da família?

II. Relações e entendimentos da comunidade acerca da terra

1. Sua família dispõe de que tipos de terra?
 - (a) Santana: terras de várzea, baixadas, onde se planta o arroz.
 - (b) Quintal: terras altas, onde planta a safra das águas, próximo às casas
 - (c) Fevereiro: terra das secas, intermediárias entre o quintal e o brejo, consideradas terras mais frescas
 - (d) Chapadas: terras altas, de solta de gado
 - (e) Morro: terra de declividade altas, de cascalho
 - (f) Outros:
2. Como a terra foi adquirida?
3. Há quantos anos as terras são cultivadas?
4. Qual o significado da terra para você e para sua comunidade? O que você sente em relação a esses lugares, à propriedade e às terras da comunidade como um todo, o lugar? Qual importância que tem em sua vida? E para a comunidade? As famílias conversam sobre isso? Sentem que suas terras estão em perigo? Se sim, por que? Se tivesse que explicar para alguém que vive na cidade, como eu, o que é viver aqui e viver da terra, o que diria?

III. Sistemas produtivos locais.

1. Quais os sistemas produtivos identificados na propriedade? (ex. criação de animais, agricultura, pesca, extrativismo, artesanato, beneficiamento).
2. A família possui criação de animais? Quais?

3. Como as sementes/mudas utilizadas são obtidas? Vocês as guardam? Se sim, como? Aonde?
4. Como se dá o preparo da terra?
5. Como e com quem aprendeu a preparar e cuidar da terra?
6. O que não aprendeu a fazer? Por quê?
7. Como se dá/deu a transmissão desses conhecimentos para seus/as filhos/as?
8. Quais as plantas cultivadas nos quintais/roçados familiares? Finalidade de uso: A=alimentação; C=comércio; 4 = Alimentação animal; 5=Agroindústria local. Local de plantio: F= fevereiro (vazantes); S = Santana (brejos); A = Quintal/águas ((terra de morada e cultura)

Nome da planta	Variedades	Finalidades de uso	Local de plantio	Colheita (tempo)	Quantidade

9. Quais as plantas obtidas/aproveitadas do extrativismo no Cerrado? Legenda: Usos: F=frutos/alimentos, Ar=artesanato, C=Construção, M=medicinal, L=lenha (combustível), O=outros (especificar, ex. comercialização). Modo de preparo: Plantas utilizadas como alimento e/ou medicinais. Local de coleta: diferentes fitofisionomias de Cerrado, morro, chapada, carrasco, capão, serra etc.

Nome da planta	Finalidade de uso	Local de coleta	Período de coleta	Modo de preparo

IV. Papel das mulheres nas atividades agrícolas

1. Como se dá, na família, a divisão sexual das tarefas do campo?
2. Quais as funções exclusivamente femininas? E masculinas?
3. Quais tarefas são feitas “no comum” por homens e mulheres?
4. Sua mãe executava as mesmas tarefas que você executa? Você as ensinou para sua/s filha/s?

5. Quais as principais diferenças entre as atividades femininas e masculinas? (Uso da força? Relações com o cuidado? Proximidade da casa? Horários/períodos das atividades?)
6. As tarefas das mulheres varia ao longo do tempo? Em determinadas ocasiões (do ano ou da vida) uma mulher realiza atividades que costumam ser mais frequentemente realizada por homens?
7. Quais os ambientes mais frequentados pelas mulheres ao longo do ano? Em que momento frequentam cada ambiente?

CROQUIS

Procurar desenhar croquis das propriedades com as próprias famílias, situando cada categoria de terra. Além de nominar, as famílias podem, nesse exercício, destacar as características de cada uma dessas categorias: terra fraca, farinhenta, sem muita cor, boa para coleta, mas ruim para o plantio. Destacar, também, a circulação das mulheres no espaço, com quê temporalidade etc.

APÊNDICE 2 – Lista de espécies

Finalidade de uso: A=alimentação; C=comércio; AA = Alimentação animal;
5=Agroindústria local.

Local de plantio: F= fevereiro (vazantes); S = Santana (brejos); A = Quintal/águas (terra de morada e cultura); H=hortas.

Nome da planta	Variedades	Finalidades de uso	Local de plantio	Colheita (tempo)	Nº de citações
Abacate	1	A , C	A	Planta-se em qualquer tempo (de preferência nas águas) e vai colhendo, cada tipo dá num tempo	15
Abacaxi	1	A , C	A	Planta-se nas águas e vai colhendo ao longo do ano.	5
Abóbora	5	A , C	H ; A	Ano todo (normalmente planta-se na feitura das hortas e colhe-se em 6 meses).	14
Abobrinha	1	A	H	Planta-se entre março e abril e vai colhendo ao longo do ano.	2
Alecrim	1	A ; Medicinal	A	Ano todo.	3
Alface	1	AA ; A ; C	H	Ano todo (normalmente planta-se quando se faz a horta em março/maio e colhe-se em 40 dias).	16
Algodão	1	Diverso	A	Ano todo.	4
Alho	1	A ; C	H	Planta-se entre março e maio (na feitura das hortas) e colhe-se entre agosto e outubro.	18
Alho poró	1	A	A	Plantou um de teste.	1
Amora	1	A	A	Tendo água, frutifica o ano todo.	1
Araticum	1	A	A	Frutifica no final de fevereiro/começo de março.	2
Arroz	2 (vermelho e branco)	A	S	Planta-se na primeira lua nova de setembro e colhe-se entre março e maio.	7
Arruda	1	Medicinal	A	Ano todo.	3
Árvore		Ornamental	A	Ano todo.	6
Babosa	1	Medicinal	A	Ano todo.	1
Bálsamo (barço)	1	A ; Medicinal	A	Ano todo.	3
Banana	4 (prata, de janaúba, nanica/anã, quebra-cacho)	A	A ; H	Planta-se em qualquer tempo (de preferência nas águas) e vai colhendo ao longo do ano.	17
Batata	1 (doce)	A	H ; A	Pode plantar em qualquer tempo e a colheita é mais ou menos 1 ano depois.	6
Beterraba	1	A , C	H	Planta-se em abril (na semana santa) e vai colhendo ao longo do ano.	11
Café	1	A	A	Tendo água, pode plantar em qualquer época.	14

Caju	1 (cajuzinho do cerrado)	A	A	Frutifica entre agosto e janeiro	3
Cana	2 (caiana verde e preta/roxa)	A ; C ; 5 ; AA	S ; H ; A	Pode plantar o ano todo, demora 1 ano para colher.	16
Capim	1	AA	A	Pode plantar em qualquer tempo (de preferência nas águas).	2
Capim-santo	1	A, Medicinal	H	Ano todo.	1
Caxixe (abóbora caxi)	1	A	A	Planta-se entre março e maio e vai colhendo ao longo do ano.	2
Cebola	3 (cebolinha e cebolão vermelha ou branca)	A ; C	H	Planta-se entre março e maio (quando se faz as hortas) e colhe-se entre setembro e outubro.	18
Cenoura	1	A	H	Planta-se em abril (na semana santa quando faz as hortas) e colhe-se em setembro.	8
Chuchu	1	A ; C	A	Ano todo.	6
Coentro	2 (normal e com espinho)	A , C	H	Planta-se entre março e maio e colhe-se entre setembro e outubro.	18
Confrei	1	Medicinal	H	Ano todo.	1
Coqueiro (coquinho azedo do Cerrado)	1	A , C	A	Frutifica de junho a janeiro.	1
Coqueiro	2 (pequeno e grande)	Ornamental	A	Ano todo.	1
Corante	1	A ; C	A	Floresce em abril e dá em torno de 3/4 meses depois.	6
Couve	2 (roxa e branca)	A ; C	H	Planta-se quando faz as hortas (entre março e maio) e colhe-se ao longo do ano.	9
Dedo/Mangarito	1	A	H	Planta-se em abril (na semana santa) e colhe-se ao longo do ano.	4
Feijão	7 (jaulinha, carioquinha, rosinha, roxinho, de corda, amarelinho, catador)	A ; C	A ; S ; H ; F	Planta-se em fevereiro e colhe-se em abril ; Planta-se em julho/agosto e colhe-se em outubro/novembro ; Planta-se em dezembro e colhe-se em fevereiro/março (feijão das águas).	19
Feijão Andu	2 (verde e pintadinho)	A , C	A ; H	Planta-se quando chove e colhe-se entre junho e agosto.	19
Flor		Ornamental	A		12

Goiaba	1	A	A	Frutifica entre fevereiro e março	1
Graviola	1	A	A	Frutifica de janeiro a março.	1
Hortelã	1	A, Medicinal	A	Pode-se plantar e colher o ano todo.	3
Imbu (umbu)	1	A	A	Frutifica de janeiro a maio.	2
Jaboticaba	1	A	A	Frutifica entre agosto e setembro.	1
Jaca	1	A	A	Frutifica em novembro.	1
Jatobá	1	A , Ornamental	A	Planta-se em fevereiro e colhe-se em setembro.	1
Jiló	1	A	A	Planta-se entre março e abril e colhe-se ao longo do ano.	3
Junco	1	Medicinal , C	A	Planta-se e colhe-se em qualquer tempo.	1
Laranja	5 (lima, bahia, matudente, sanguínea, coroa)	A , C	A	Planta-se em qualquer tempo (de preferência nas águas) e colhe-se entre maio e agosto.	18
Limão	2 (taiti, rosa/caipira)	A	A	Planta-se em qualquer tempo (de preferência nas águas) e vai colhendo.	18
Mamão	1	A , C	A ; H	Planta em qualquer tempo (de preferência nas águas) e vai colhendo.	10
Mamona	1	A	A	O ciclo é de mais ou menos um ano.	3
Mandioca	10 (Mansas: paranazinha, abobrinha, amarelinha, lasã branca (só serve pra fazer farinha), porto seguro, lasã vermelha, landinho de ouro e mara barrão ; brava)	A , C , 5	A ; H ; S	Planta-se em qualquer tempo (preferencialmente quando chove) e colhe-se entre 1 e 3 anos depois.	18
Manga	3 (rosa, espada, palmer)	A	A	Planta-se em qualquer tempo (de preferência nas águas) e vai colhendo, especialmente na época das chuvas.	12

Maracujá	2 (do mato e maracujina)	A	A ; H	Planta-se em qualquer tempo (de preferência nas águas) e vai colhendo. O <i>do mato</i> não precisa plantar, nasce sozinho no mato.	10
Maricota	1	A	A	Dá mais no meio do ano	1
Maxixe	2 (liso e com espinho)	A	H	Planta-se na feitura das hortas (entre março e maio) e vai colhendo ao longo do ano.	4
Melancia	1	A	H	Planta-se em outubro e colhe-se entre fevereiro e abril,	4
Milho	2 (caipira e doce)	A ; AA , C	A ; H ; S	Nos quintais: planta-se entre outubro-janeiro e colhe-se entre maio (safra das águas); planta-se em jullho e colhe-se em dezembro (maduro), também deixa-se secar para dar aos animais e plantar na safra seguinte. Nas hortas planta-se em abril e colhe-se em junho. Nas roças de Santana planta-se em julho e colhe-se em dezembro.	17
Moringa	1	Medicinal , C	A	Qualquer tempo	1
Palma	1	AA	A	Planta-se nas águas e vai <i>rancando</i> para dar ao gado quando necessário	2
Pepino	1	A	H ; A	Planta em abril (na semana santa) e vai colhendo.	7
Pequi	1	A ; 5 ; C	A	Caem desde novembro até maio, dependendo da floração do pé	16
Pimenta	2 (malagueta e do reino)	A	A ; H	Planta-se em qualquer tempo e vai colhendo	5
Pimentão	1	A	H	Planta-se quando faz as hortas e colhe-se entre setembro-dezembro	3
Planta		Ornamentação	A	Ano todo	12
Pocã	2 (maior e menor/tangerina)	A	A	Planta-se em qualquer tempo (de preferência nas águas) e colhe-se entre maio-julho	16
Poejo	1	Medicinal , C	A	Qualquer tempo	1
Quiabo	1	A	H	Planta em abril (na semana santa) e vai colhendo.	7
Rabanete	1	A , C	A	Qualquer tempo com água, nasce em 25 dias	1

Repolho	2 (roxo e verde)	A	H	Planta-se entre março/maio e vai colhendo	7
Rúcula	1	A	H	Planta-se na feitura das hortas (semana santa) e vai colhendo	4
Seriguela	1	A	A	Outubro	4
Soja	1	A	A	Outubro/dezembro - março/abril	1
Suculentas		Ornamentação	A	Ano todo	5
Tomate	3 (menorzinho, redondo e mais espichado)	A , C	H , A	Na seca, qualquer tempo	14
Transsagem	1	Medicinal	H	Ano todo	1
Uva	1	A	A	Janeiro - maio	3

APÊNDICE 3 - Quadro de divisão de tarefas

A seguir, apresento algumas tarefas dividias por gênero na comunidade do Pau D'arco. As divisões não são intransponíveis, contudo, existem padrões. Tantas outras atividades não citadas abaixo são de exercício compartilhado.

Homens

Lida com o gado

Tombar terra

Passar o *cepo*

Roçar a *manga*

Panhar lenha

Plantio com máquina

Abertura de berços

Mulheres

Trabalho doméstico

Cuidado com crianças, idosos/as e adoentados/as

Feitura e manutenção das hortas

Alimentação familiar

Limpeza e organização do quintal

Semeadura

Retirada de goma da mandioca

Cultivo ornamental

Alimentação dos animais